VIDA DE LISBOA

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

ALBERTO PIMENTEL

VIDA DE LISBOA

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA — LIVRARIA EDITORA
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54
1900

Este livro é tão conveniente á distracção honesta das familias, que até não são immoraes os capitulos de que o auctor não pôde ou não soube extrair logo a moralidade.

O leitor, se quizer dar-se a esse trabalho, ha de verificar que as *Fabulas de Lafontaine* não são mais educativas, com a differença, modestia áparte, de que são menos verosimeis.

A Medalha do Tejo

Anverso

(Monologo patriotico de todo o bom alfacinha)

Cantem outros o pittoresco Rheno, como fizeram Matzerath, Becker e Musset; sejam eternamente famosas as *Tristes* de Ovidio, que melancolicamente celebram as margens do Danubio, onde o poeta estivera desterrado; mas não fique inferior á gloria do Rheno ou do Danubio o nosso bello Tejo, amplo e azul, tão abundante de aguas como de tradições, por igual brilhantes, tão cheio de luz como de memorias, tão povoado de vélas brancas como de recordações eternas.

Tendo nascido para gigante, talhou o seu itinerario ao longo de toda a peninsula, através de dois paizes. Nasce do seio de uma serra hespanhola, faz a maior parte do seu curso por terras de Hespanha, mas, para morrer, escolhe Portugal, o paiz da laranjeira e do rouxinol, e não quer morrer sem dar o seu ultimo beijo a Lisboa, a bella cidade do occidente.

Todas as suas gentis maneiras de fidalgo cavalheiresco, todos os seus galantes requebros de gen-

tilhomem da côrte os guardou para Portugal. Em Hespanha torna-se avaro das suas aguas, não consente que lhe domem o dorso senão pequenas e humildes embarcações. Mas, entrando em Portugal, passando as Portas de Rodam, sente-se á vontade como n'uma terra de eleição, alarga o seu leito, engrossa a sua corrente, offerece-se á navegação, e vem correndo e cantando para trazer a Lisboa o seu ultimo feudo de galanteria.

Ouvindo a sua eterna serenata de gloria e amor, muitos pequenos rios de Hespanha e Portugal acodem a saudal-o na passagem e, encantados pela magia da sua lyra de Amphion, esquecem as serras que os geraram, partem com elle, seguem-n'o fascinados e tributarios, de modo que, quando o Tejo chega a Lisboa, não é só um rio que passa, mas um gentil cortejo de rios que, presididos por elle, com elle vêm cantando a celebridade legendaria do seu guia.

Assim como um bando de menestreis tratará de afinar os bandolins ao avistar a janella da dama que os ha de ouvir, o bello Tejo azul, ao aproximar-se de Lisboa, avoluma a expansão das suas aguas com o auxilio dos affluentes que o acompanham, e dilata o seu leito na largura de doze kilometros, para que a musica da sua grande lyra de crystal possa ter uma ampla vibração, cheia de grandeza e poesia.

Então, principiando a mirar as cupulas e as torres de Lisboa, sente se, por amor d'ella, orgulhoso dos seus pergaminhos, e como que vem contando aos pequenos rios que o seguem a historia do seu passado glorioso, das naus descobridoras que d'aqui partiram em demanda de novos mundos, das frotas que d'aqui largaram para ir arvorar na Africa e na Asia a bandeira das quinas, dos audazes mareantes e guerreiros que nas suas aguas receberam como que o primeiro baptismo da immortalidade heroica.

Orgulha-se então de relembrar, olhando para a velha alcáçova, que foi elle que hospedou na sua vasta enseada as galés dos cruzados que auxiliaram Affonso Henriques na conquista de Lisboa; as naus empavesadas que voltavam da India carregadas de especiarias e pedras finas; por ultimo, os grandes paquetes de navegação internacional que todos os dias vêm tocar no nosso porto para ligal-o com o mundo inteiro.

E como que encerra toda a sua historia famosa, toda a sua epopêa gigantesca, na recordação d'esses tres typos de embarcações que lhe têm sulcado as aguas: as galés dos cruzados, as naus da India, os paquetes transatlanticos.

As pequenas velas latinas, que a cada hora deslisam sobre o espelho do seu curso, são para elle como insignificantes azas de gaivotas costeiras, que não chegam a fazer sombra no crystal das aguas.

No presente como no passado, só gosta de medir a sua grandeza com a aza negra das aguias da navegação, que desferem vôos colossaes sobre o Pacifico e o Indico, roçando pelas ondas as longas plumas de fumo, que o vendaval encrespa.

Não o lisongeia tanto a lembrança das suas areias de oiro, que outr'ora lhe opulentaram o seio, e de que D. João III, se é verdadeira a fama, quiz que lhe fizessem um sceptro, como a memoria das navegações manuelinas e dos triumphos maritimos a que elle abriu a porta, dando franca passagem para o mar tenebroso, cheio de mysterios e de perigos.

Se alguem lhe vier falar do Rheno cantado pelos poetas, responder lhe-ha com um só nome, o de Camões, que basta para encher de assombro o mundo.

E' ás nymphas do Tejo que Camões invoca no momento solemne de começar a sua epopêa:

> E vós, Tágides minhas...

São ellas que lhe enchem a alma de saudade na hora em que parte para a India:

> Eu me aparto de vós, nymphas do Tejo,
> Quando menos temia esta partida.

E' sempre o porto da *inclycta Ullyssea*, onde o *doce Tejo* e o *salgado Neptuno* misturam as suas aguas, que lhe dá a impressão da grandeza politica de Portugal e da nostalgia da patria.

Vanglorie-se o Danubio de ter retido nas suas margens um tamanho poeta como foi Ovidio, que ainda o Tejo lhe responderá triumphantemente com o nome do seu grande Camões, exilado por amor, não se sabe ao certo onde, mas seguramente na margem do Tejo, que elle proprio descreve.

E de memorias de poetas está cheio o Tejo, para se orgulhar ou para se arrepender. Arrependido certamente estará ainda por ter feito naufragar nas suas aguas o mavioso Rodrigues Lobo; orgulhoso se sentirá porventura quando se lembrar de que lord Byron, que tanto mundo havia corrido, tão captivo ficou da sua belleza e magestade que pretendeu medir-se com elle atravessando o a nado.

Mas como se dentro das aguas do Tejo pulsasse o coração de Portugal, não valeram ao poeta inglez os elogios que lhe dispensou para fazel-o esquecer dos aggravos que dirigira á nação.

E' certo que lord Byron havia dito no *Childe Harold*:

«A todos, cheios de alegria, saúda a serra de Cintra e o Tejo correndo a pagar ao Oceano o fabuloso tributo das suas areias de oiro.»

Mas não é menos certo que o orgulhoso filho d'Albion havia chamado a Portugal: «Nação impando de ignorancia e orgulho!»

Este aggravo inspirou ao Tejo uma vingança patriotica. Duas horas luctou lord Byron com as aguas tentando realisar a travessia; era porém tão forte a corrente, que elle teve de abandonar o seu plano

e de recolher a terra, extenuado, vencido pela grandeza impetuosa do rio.

Pode o Selef jactar-se de ter sido a causa da morte do famoso imperador Frederico Barbarôxa, que d'algum modo lhe não fica inferior o Tejo, recebendo no seu leito o cadaver do infante D. Miguel, filho do rei D. Pedro II.

Pode o Nilo ensoberbecer-se de haver conduzido nas suas aguas o berço fluctuante de Moysés, o legislador e libertador do povo hebreu.

Nobilita se por sua vez o Tejo com o facto de haver transportado ao lume d'agua o corpo venerando de Santa Iria, que recebeu do Zézere, como o Zézere o havia recebido do Nabão, e a que o Tejo, finalmente, deu sepultura em suas loiras areias, como diz Garrett.

Nada lhe falta ao bello rio azul do extremo occidente para ser famoso entre os famosos, notavel entre os notaveis. Grande pelo seu curso, pelo seu porto, pelas suas tradições historicas; pittoresco pelas suas margens e pelos seus castellos, que ou resaltam do seio das aguas, como o de Almourol, ou as dominam do alto, como o de Santarem; bello pela sua côr, que tem o brilho e a pureza de uma saphyra, onde o famoso ceu meridional se espelha n'uma eterna apotheose de luz.

Pode eternisar-se nos concertos e bailes de Vienna a memoria de Johann Strauss fazendo valsar as gentis archiduquezas austriacas ao som do *Bello Danubio azul*.

Não menos bello, não menos azul, não menos suggestivo para artistas é de certo o caudaloso Tejo, doirado pelo sol da peninsula ou envolvido na gaze vaporosa do luar.

Para contrapôr á valsa de Strauss temos um enxame de *maestrinos* que se inspiraram na belleza do Tejo, uma alluvião de poetas, antigos e modernos, nacionaes ou extrangeiros, que o têm cantado com fogoso arrebatamento.

E quando sobre as aguas do Tejo ardem fogos de Bengala, palacios luminosos, cupulas phosphorescentes, arcadas cambiantes, como por occasião da visita do principe de Galles, do rei Affonso XII de Hespanha, do rei Oscar da Suecia, nada ha que possa igular a belleza, a grandiosidade, o esplendor feérico d'esse estranho espectaculo, que nos transporta ás narrativas phantasticas dos contos de fadas nos paizes do Oriente.

Ufane-se embora o Rheno de ser cantado por Matzerath, Becker e Musset; o Danubio de se vêr celebrado por Ovidio e por Strauss, que o nosso bello Tejo azul, tão abundante de aguas como de tradições, por igual brilhantes, tão cheio de luz como de memorias, tão povoado de velas brancas como de recordações eternas, não tem motivo para invejar-lhes a gloria...

Reverso

(*Monologo sincero d'um nariz sincerissimo*)

Á beira do Tejo, que doce poesia!
No céu, as estrellas; no rio, crystaes.
Não ha melhor sitio! Da noite a magia
Attrae os amantes á borda do caes...

Depois quando a calma nos corpos lhes mette
Incendios terriveis, crueis tentações,
Vão ambos sorrindo tomar um sorvete,
E o par venturoso gastou dois tostões.

Porém muito antes que o encanto se quebre,
E os labios se juntem n'um languido beijo,
Os dois apanharam talvez uma febre
Nos canos d'esgoto que vão dar ao Tejo.

Moralidade. — O Tejo é um rio para vêr e não para cheirar, ao contrario do rapé, que é bom para cheirar, e não tem que vêr.

II

O genio de Lisboa

(Monologo do critico Athanasio Duro)

Paulus! Um diabo em carne e osso! O maganão do Paulus! O patusco do Paulus! Em se dizendo isto de um actor comico, está feito o seu elogio.

O ratão do Paulus!

Elle serve-se da cançoneta como de um saca-rolhas que vae arrancar gargalhadas ao espirito de mais estreito gargalo que seja possivel imaginar. Tão jovial, tão reinadio, o Paulus, que até já da outra vez fizera rir os portuguezes só com repetir patuscamente uma *blague* que ha tempos corre lá por fóra a nosso respeito: que nós, os portuguezes, somos um povo alegre.

> Comme les portugais je m'en vante,
> Je suis content, je suis joyeux.
> Qu'il grèle, qu'il pleuve, qu'il vente
> On me voit le visage heureux.
>
> Les habitants de Barcelone,
> Les italiens, les allemands
> Ne sont pas toujours amusants,

Mais dans la ville de Lisbonne,
Les portugais, les portugais,
Sont toujours gais.

On ne peut l'être d'avantage.
À Lisbonne, même en voyage,
Les portugais sont toujours gais.

Nós gostamos que nos digam isto, justamente como uma mulher feia gosta que lhe digam que é bonita.

Les portugais
Sont toujours gais.

Fingimos acreditar, chegámos talvez mesmo a desvanecer-nos por momentos, mas no fundo da consciencia de cada um está pelo menos a suspeita do contrario...

Alegres, os portuguezes!

À Lisbonne, même en voyage!

Ah! lisongeiro Paulus, disfructador Paulus, o senhor, um francez, que de mais a mais leva a vida a cantar, chamar-nos alegres a nós, alegres em Lisboa, alegres em viagem, sempre alegres — *toujours gais!*

Pelo amor de Deus, Paulus!

Nós rimos quando o senhor cá esteve e tornaremos a rir agora por que está cá outra vez, acredite. Logo que se vá embora, continuamos a ficar mazombos. E por minha vontade o senhor não se devia ir embora nunca. Eu, se fosse o estado, comprava-o a peso de oiro. Sabe para que? Para o introduzir nos nossos costumes, para injectar Paulus na politica, na litteratura, na vida intima, nos botequins, nos passeios, para conseguirmos ser isso que o senhor lisongeiramente diz que nós somos.

Porque a verdade é esta, — alegres não fomos nunca.

O senhor ha de ter visto Lisboa. Já visitou o nosso bairro aristocratico, já viu Buenos Ayres? O que lhe pareceu, Paulus? Diga francamente, aqui

muito á puridade... Não lhe pareceu esse bairro uma cidadesinha morta, onde cresce a herva e a tristeza? Tem visto aos domingos as ruas da *Baixa*, depois das tres horas da tarde? O que lhe pareceu aquillo, Paulus? Diga, diga me aqui ao ouvido se lhe não pareceram um cemiterio... Já foi aos *cafés*, já entrou nos botequins? Que concorrencia, que alegria, que vivacidade nos *cafés* de Lisboa! O quê! Achou-os tristes, solitarios, somnolentos?! Ah! lisongeiro Paulus, para que diz então que nós somos alegres em Lisboa?!

Francamente, Paulus, isto é uma cidade onde não ha creanças. Basta que lhe diga isto. Em Lisboa só ha velhos; creanças, não O senhor vê por essas ruas, uns pequenos seres, masculinos e femininos, que talvez lhe pareçam creanças. Pois não são. Não brincam nos passeios, não correm, não saltam, não caiem — sobretudo não caiem — como as creanças dos outros paizes. Não se juntam em bandos, não fallam, não trocam sorrisos; quando muito, cumprimentam-se apenas. Antigamente havia bailes infantis no Passeio Publico. As creanças de Lisboa manobravam á voz do choregrapho-mór do reino, Justino Soares. Mas dançavam, como pessoas serias, austeros *lanceiros*, valsas sisudas. E o choregrapho mór educava-as no andamento como se encarcera um passaro n'uma gaiola. Segurava-lhes os braços, atrambolhava-lhes as pernas. Assim, assim, dizia. De modo que cada pequena cuidava ter vinte annos e estar dançando com um homem pequeno; cada pequerrucho suppunha ter já bigode e valsar com uma senhora de pouca altura.

Pensava-se em tudo, menos n'uma folia de creancas, porque as creanças manobravam a compasso, á voz de Justino Soares, caminhando gravemente para uma velhice precoce.

Acredite, Paulus, em Lisboa não ha creanças.

A maior parte dos predios não tem jardim, não

tem sequer um pateo. As creanças não podem brincar em casa porque incommodam a familia e incommodam os visinhos. Tambem não vão brincar aos passeios publicos. Educam-se fóra da gymnastica e fóra da hygiene, — mas sempre dentro de casa. Habituam-se a metter o nariz em todos os negocios domesticos, a espreitar os visinhos, a saber o que ha para o jantar, e a que horas o pae recolhe. Fazem-se grandes antes de o ser; fazem-se fracas, doentes, melancolicas. O que a educação principia ha de acabal-o o figado. Irão sendo cada vez mais doentes, tendo cada vez menos alegria e mais bilis.

Acredite, Paulus, em Lisboa não ha creanças. Isso que o senhor por ahi vê são apenas pessoas de formato reduzido, — mas são já pessoas, em vez de serem creanças, e uma cidade onde não haja creanças ha de ser forçosamente uma cidade triste.

A população é de velhos, porque os que ainda não o são receiam-se já de o ser. Ha de ouvir dizer a cada passo a um homem relativamente novo: «Estou velho! Já cá estão trinta e cinco!» Toda a pessoa que se suppõe velha é porque envelheceu por dentro, quando não tenha envelhecido por dentro e por fóra. Os annos são uma carga pesada, um fardo molesto. E o segredo da vida está justamente em atravessal-a procurando fugir ás coisas que incommodam, fazendo-lhes rosto com ousadia, em vez de lhes inclinar a cerviz com humildade.

Para que ha de a gente deitar a correr atraz do tempo parecendo receiar que nos fuja sem o podermos alcançar? Bem basta que o tempo corra atraz de nós incessantemente, sem nos dar tempo para tomarmos o folego.

Isto é um paiz tão triste, Paulus, que até se ridicularisam os homens que procuram remoçar com agua circassiana. Veja lá que paiz este! Esses taes são os valentes que todos os dias luctam com o tempo, heroicamente, mettendo-lhe a cabeça debaixo

dos joelhos, subjugando-o, obrigando-o a não fallar mais alto do que á vontade d'elles. Os outros, os calvos, os brancos, são cobardes que se deixaram facilmente subjugar pelo tempo sem resistencia; que inclinaram submissamente os hombros para carregar com o fardo dos annos, e que andam por este mundo assoalhando os vestigios da sua propria derrota, e dizendo a toda a gente a edade que têm, sem ninguem lhes perguntar por isso.

Todo o portuguez (as excepções são rarissimas) está casado aos vinte e cinco annos, aos trinta está doente, e aos trinta e cinco está velho.

Observe isto, Paulus.

Agora mesmo, que renhidas luctas não haverá por sua causa no seio das familias entre a mulher de trinta annos que desejava ir ouvil-o ao Gymnasio, e o marido de trinta e cinco que se aborrece de calçar botas á noite para sair de casa!

E realmente, olhe que os maridos de trinta e cinco annos estão todos velhos; — não é porque não saibam que Paulus é o rei da cançoneta e porque absolutamente não queiram ir ouvil-o; mas os achaques aborrecem, lá vem a azia, lá vem a hepatite, lá vem a bronchite, lá vem o rheumatico e, ó suprema desgraça! lá vem o hemorrhoidal.

Um paiz que tem hemorrhoidas, e não tem creanças, é por força um paiz que consome menos alegria do que manteiga de cacau.

Francamente, para um paiz d'esta ordem, cebo... de Hollanda.

Em viagem, o mesmo que em Lisboa: — um pouco peior talvez, por causa das almofadas.

De todos os viajantes o menos expansivo é o portuguez. Falla pouco no wagon, no paquete ou no *hotel;* falla pouco, e sempre com desconfiança. Senta-se á mesa para jantar, e entende que os outros devem fazer a mesma coisa. Entre comer e conversar não ha, á mesa, hesitação possivel para um portuguez; o portuguez come, o hespanhol come

e conversa, o francez come, bebe, conversa e fuma.

O sr. Paulus deve já ter conhecido o folhetinista mais alegremente francez que por cá temos tido, Julio Cesar Machado.

Pois bem, Machado, ou antes o Machadinho, porque é sempre moço e sempre alegre por excepção entre os portuguezes, chegando a Nantes, de passagem para Paris, teve de esperar tres minutos pela mesa redonda.

Havia na sala uns poucos de francezes, dois allemães e elle. Na parede estava o annuncio de um livro novo intitulado: *Faut-il se marier? par A. Fourgeaud.*

Os seus compatriotas, Paulus, sabe como entretiveram os tres minutos que faltavam para o jantar? Sabe de certo, calcula bem o que fariam, mas eu quero dizer-lh'o para que os portuguezes me oiçam.

O primeiro francez escreveu por baixo do titulo do livro:

Non!

O segundo accrescentou:

C'est selon, pourquoi pas?!

O terceiro pegou no lapis e poz mais duas palavras:

Ouff! Jamais!

Finalmente, um quarto francez deu o golpe de misericordia na questão:

Oui; ça n'engage á rien!

Foi assim que os seus alegres compatriotas, Paulus, aproveitaram os ultimos minutos antes da sopa.

Sabe o que um portuguez haveria feito, em iden-

tica situação, se esse portuguez não fosse Julio Cesar Machado?

Sentava-se á meza a comer pão, desesperado porque principiassem a servir a sopa.

> Comme les portugais je m'en vante,
> Je suis content, je suis joyeux,
> Qu'il gréle, qu'il pleuve, qu'il vente...

Nada d'isso, Paulus, nada d'isso.

O portuguez está sempre descontente com o tempo.

Se cai geada, o portuguez lamenta a sua desgraça porque lá se lhe queimam as couves. Uma embirração! Tanto trabalho tivera com a horta, diz elle, para que viesse agora a geada estragar-lh'a! Este maldito tempo!

Se chove, o portuguez exclama:

—Isto já é agua de mais, está tudo perdido! Os campos andam a nado, a terra está ensopada! Que maldito tempo este!

Se tem havido sol, o portuguez, piscando o olho para o ceu, faz uma careta e diz:

—Decididamente, não ha chuva este anno! Temos uma estiagem pegada. Se assim continuar, apanhamos uma crise agricola como não ha memoria! Tempo maldito!

E isto, Paulus, n'um paiz onde só excepcionalmente são rigorosas todas as estações...

A nota triste, meu caro Paulus, predomina em todos os assumptos e em todos os logares, entre nós, acredite.

Na politica encontra se a cada passo. Todos os dias se diz no parlamento:

—O paiz está perdido! O nosso futuro é a bancarrota ou a morte!

O proprio orçamento, que é a alegria de muitas familias, teima, por espirito nacional, em conservar a nota triste do *deficit*.

Na litteratura, as senhoras preferem os roman-

ces que as façam chorar. Alguns editores, comprehendendo isto, têm mandado brochar cebolas para uso das leitoras.

Acredite, Paulus, nós estamos agora um pouco alegres porque o senhor appareceu de subito em pleno Gymnasio a cantar as suas cançonetas desopilantes e gaiatas:

> Dans la Place de la Bastille
> Je me promenais l'autre soir,
> Lorsque une grande et belle fille
> Vient à passer sur le trottoir.

Para o fim do mez cahiremos na nossa habitual mazorrice chorona, embora o senhor corra a Europa a dizer que nós somos o povo mais alegre d'este mundo...

> Les portugais
> Sont toujours gais.

(Monologo do critico Innocencio Manso)

Nem tanto ao mar, sr. Athanasio.

Lisboa é uma cidade trocista, muito disfrutadora, gostando de sublinhar todos os casos com um risinho de mofa.

O lisboeta em geral é alegre, não perde occasião de divertir-se, embora ás vezes tenha motivos para encarar a serio as coisas da vida.

Mas, adeus! atira cuidados e canceiras para traz dos moinhos, e eil-o ahi vae, o lisboeta, todo cara de paschoas, aproveitar um comboio a preços reduzidos, vêr um casamento ou um enterro, tanto monta, esperar duas ou tres horas a pé quêdo pelo *homem das botas.*

O *homem das botas* é um symbolo da alegre pasmaceira, da curiosidade, sempre desenfadada, do lisboeta.

Sabem o que isso foi? Pelo tempo da primeira

invasão franceza, os santarenos, receiosos de algum desacato, quizeram acautelar o *santo milagre*, uma ambula de crystal contendo uma hostia, a que anda ligada uma lenda, e mandaram-n'o para Lisboa.

Felizmente, os francezes apanharam de todas as trez vezes a sua conta, Portugal salvou-se das garras de Napoleão, a vida nacional entrou nos seus eixos normaes.

Então os santarenos começaram a reclamar o *santo milagre*, de que já os lisboetas se não queriam desfazer. Os de Santarem a instar, a insistir; o povo e senado lisbonense a tergiversar, não tendo vontade nenhuma de fazer a restituição. Mas as instancias dos santarenos eram cada vez mais fortes, a situação complicava-se.

O governo via-se em difficuldades, receiava já algum conflicto entre o povo de Santarem e o povo de Lisboa.

Então alguem, um trocista de cá, lembrou ao governo um alvitre engenhoso: que se fizesse espalhar o boato de que tal dia, a tal hora, um homem, com botas de cortiça, atravessaria o Tejo, de Lisboa para Cacilhas.

Pegou o boato, espalhou-se. Quiz toda a gente ir vêr o *homem das botas*. A multidão era compacta em toda a ribeira. Esperou duas horas, tres horas, quatro horas, que chegasse o homem. Virá? Não virá? Foi logro! Entretanto, furtivamente, mudava-se o *santo milagre* para Santarem. Grandes festas em Santarem; grande desapontamento em Lisboa. Fica a tradição: o *homem das botas*, como quem diz—o que nunca chega.

Pois apezar do logro ser monumental, ainda hoje Lisboa crê em todos os *homens das botas* que lhe annunciem. Esperará, chalaçando, largando piadas, o tempo que fôr preciso para se desilludir. Mas tambem, em se desilludindo uma vez... torna a illudir-se logo, porque faz gosto n'isso.

E' um symbolo... o *homem das botas!*

No fim de contas, a philosophia do lisboeta é a unica capaz de conformar-se com a brevidade da existencia: tristezas não pagam dividas.

Uma vez admirei me de que o theatro da Trindade estivesse repleto de espectadores na noite de 25 de novembro. Dia cruel, dia de pagamento ao senhorio, dia de peregrinação para as casas de penhores, parecia natural que ninguem, depois de feitos grandes sacrificios, tivesse vontade de ir ao theatro.

Disse isto a Francisco Palha, que estava no átrio da Trindade, esfregando as mãos de contente, por ouvir cantar o dinheiro — n'esse tempo ainda o havia! — na caixa do camaroteiro Moura.

E Francisco Palha respondeu-me:

— Pois não ha duvida nenhuma de que a maior parte d'esta gente recorreu hoje ao *prego* para se habilitar a pagar a renda da casa. Mas sobejou alguma coisa, ficaram na palma da mão alguns tostões, e são essas *rapaduras do tacho* o que toda esta gente vem gastar hoje ao theatro.

Em Lisboa, um papagaio que consegue fugir do poleiro, e que anda saltando de janella em janella ou que vai encarapitar-se no cimo da uma arvore, é um caso que produz sempre hilaridade, e attrae dezenas de espectadores.

Toda a gente pára na rua para admirar o papagaio, que parece troçar de todos os esforços que fazem para apanhal-o, e é isso o que mais agrada ao lisboeta, a nota comica do caso, porque é justamente isso o que o lisboeta procura em toda a parte.

Uma das coisas que em Lisboa mais surprehende as senhoras da provincia é o costume das lisboetas se ficarem olhando umas ás outras, quando se encontram na rua. A's vezes, frequentes vezes, acontece que os olhos da que sóbe a calçada e os da que vai descendo se encontram como que n'um duello de critica, um momento depois de terem pas-

sado uma pela outra: surprehendem-se ambas a olhar para traz, e a sorrir!

Sorrir de que? De tudo, de nada, do chapeu, porque não parece ser de bom gosto, da capa, porque passou da moda; dos saltos das botinas, porque estão gastos de um lado.

Acontece tambem que, n'este caso, nem só os olhos commentam; ouvem-se ás vezes risinhos, e até palavras, uma galhofa descarada.

De modo que uma senhora é forçada a saber a opinião que a seu respeito, a respeito do seu physico e da sua *toilette*, formam as outras senhoras.

D'este mau passo só póde salvar-se com um grande desdem ou com uma replica prompta. Mas os nervos femininos não se resignam facilmente ao desdem, e d'aqui resulta que a replica, mais ou menos prompta e feliz, é inevitavel.

Conta-se que passando no Chiado certa dama, que havia sido formosissima, ouvira dizer a outra:

— Está um caco!

Ao que ella, voltando-se, respondeu de prompto:

— Um caco... mas de Sévres!

Ora toma! Esta é uma replica felicissima, digna de uma mulher d'espirito.

Tendo necessidade de responder alguma coisa, nem todas são tão promptas e felizes na replica, e, assim, cada uma responde o que sabe e o que póde quando se ouve criticada em plena rua.

Esta inclinação á troça, que é o forte de Lisboa, manifesta-se até em classes que tinham obrigação de ser discretas, de possuir um maior sentimento das conveniencias sociaes.

Ha familias inteiras, menos mal collocadas, que passam a vida a rir dos outros; meninas de *lorgnon*, ou sem elle, cujos olhos são como o lapis de um caricaturista, porque andam sempre a procurar os ridiculos do proximo.

Ás vezes a palavra proferida em voz alta, inconvenientemente, vem em reforço dos olhos, e ouve a

gente, porque para ser ouvido é intencionalmente dito, o que certas damas dizem das outras pessoas que estão por ali perto.

D'esta metralha de epigrammas quasi ninguem escapa, nem mesmo, ó justa compensação! quem a dispara, porque, sendo a troça um costume publico, a pena de Tallião é frequentemente applicada.

Ha poucos dias vinha eu do Lumiar n'um americano aberto. Era um domingo. Meninas de *lorgnon*, enfileiradas na primeira bancada d'essa platea ambulante, voltavam-se para traz, fazendo a critica dos outros passageiros, rindo, mirando-os zombeteiramente. As suas principaes victimas foram trez rapazes inglezes, fortes, vermelhos, todos elles fumando cachimbo, os quaes trez inglezes haviam entrado ao passarmos no Campo Pequeno.

Pois elles aguentaram, imperturbavelmente, com uma fleugma verdadeiramente britannica, toda essa provocação da troça indigena, sem trocarem um olhar, uma palavra, sem ao menos encolherem os hombros desdenhosa e generosamente...

Eu cheguei a sentir-me vexado d'aquelle espectaculo, em que a Inglaterra brilhou pela cordura, e em que Portugal deu tão triste ideia de si, sobretudo por ser a patria de João Felix Pereira, que baldadamente passou a vida a ensinar civilidade aos meninos e ás meninas do seu paiz.

Na provincia, a modestia dos costumes é geral, ninguem anda pela rua com um sorriso d'escarneo engatilhado, á procura de victimas, ninguem ousa rir-se na bochecha do proximo, nem critical-o em voz alta. Isto, lá, chama-se má educação. E comtudo, nós, em Lisboa lastimamos o atrazo em que se acham ainda os provincianos!

Na vida politica, ao passo que a provincia toma tudo a sério, ás vezes até um pouco sério de mais, Lisboa encara tudo a rir, quasi sempre com exagero.

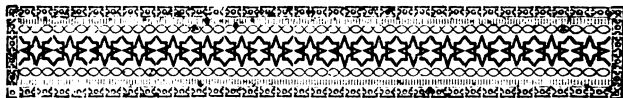
Debaixo da Arcada é dia de festa aquelle em que

chega de fóra uma commissão de ingenuos provincianos, que vem representar aos poderes publicos contra isto ou contra aquillo. Ha annos houve quem désse a estes cidadãos de boa fé o cognome de *japonezes*. E quando elles, recolhendo ao seu hotel, passam pela rua do Oiro, toda a gente os fica mirando de alto a baixo, commentando-lhes os chapeus e as botas, o feitio da sobrecasaca, especialmente, porque de ordinario a tesoura da provincia anda atrazada dois annos no córte das sobrecasacas.

O artigo de fundo, pedra de toque dos costumes politicos, raras vezes é humoristico nas folhas da provincia, e raras vezes deixa de o ser nos jornaes de Lisboa.

O genio do paiz é triste, pesadão, desconfiado. Mas Lisboa é uma excepção á regra geral do paiz, Lisboa gosta de rir, rende culto á piada e á laracha, parece ter uma confiança illimitada em si mesma, nos recursos do seu bom humor habitual. Em a gente saindo as portas da cidade, muda tudo de figura: o saloio é reservado, desconfiado, apprehensivo; está quasi sempre de mau humor; chora com uma grande facilidade.

Sob o ponto de vista do genio da população, a estrada de circumvallação é uma muralha da China.

Moralidade. — Um critico diz que Lisboa é triste, outro diz que Lisboa é alegre: não ha nada tão concorde como a opinião de dois criticos!

III

A mocidade

I

DIVIDIREMOS este capitulo em trez partes, em trez artigos successivos, tratando de outros tantos pontos: a mocidade portugueza nas gerações antigas; na ultima geração; e finalmente, na geração actual.

Estas trez epocas estão separadas, na historia da mocidade portugueza, por differenças profundas, que é mister reconhecer e estudar.

A mocidade portugueza foi na antiguidade uma epopea. A força, o valor, a galanteria, a aventura encontram-se n'ella. A cruz, a espada e a lyra symbolisam-n'a. Quando a gente lê as nossas velhas chronicas realengas sente-se fascinada pelo esplendor das façanhas juvenis.

Os cavalleiros moços que acompanhavam o tambem moço Affonso Henriques passavam como um vendaval de guerra, avançando para o sul. N'uma das mãos a cruz; na outra o gladio. Affonso Henriques, o conquistador, é d'elles, vive entre os moços; Affonso Henriques, o velho, pertence aos ve-

lhos, aos monges. Entoa canticos religiosos em Santa Cruz de Coimbra, com Theotonio, o prior.

Quando a mocidade portugueza parecia ir a corromper-se com Fernando I, porque

O fraco rei faz fraca a forte gente,

um heroe moço apparece para salvar do naufragio as tradições gloriosas da mocidade portugueza. E' Nuno Alvares Pereira. D. Leonor Telles quiz vestir-lhe as armas por sua propria mão. Mas D. Nuno era tão novo, que não havia arnez que lhe servisse. Foi pedir-se um emprestado ao mestre de Aviz, que era tambem a esse tempo um heroe juvenil.

N'aquelles tempos, e a despeito do mau exemplo que a côrte irradiava, os portuguezes nasciam heroes.

Todo o poema do valor de Nuno Alvares está justamente na sua mocidade. O seu nome, immortalisado nos Atoleiros, em Aljubarrota e Valverde, é o de um cavalleiro assombroso, que passa pelas hostes castelhanas como o anjo do exterminio. Em Ceuta já não é o mesmo homem. Ahi, os filhos do rei sustentam heroicamente a tradição da mocidade portugueza. Mas o vulto de Nuno Alvares não se põe em relevo por novas proezas. A velhice faz d'elle um monge, um espirito para o ceu, quasi um asceta.

Em Aljubarrota, a ala dos namorados, desfraldando a sua bandeira verde, a côr symbolica da esperança, bate-se pela patria sob a divisa do amor. Na vespera da batalha esse grupo de rapazes, bravos como leões, conversam ao luar, fazendo votos de valor. N'aquelles tempos o valor era a escada de Jacob por onde só era licito subir ao ceu da felicidade amorosa.

Na côrte de D. Manuel a preoccupação galante absorve a mocidade. Os cavalleiros de vinte annos fazem-se trovadores. Mas as portas do Oriente, marchetadas de ouro e perolas, vão abrir-se, e des-

cerrar um novo theatro de proezas e aventuras. E' um reagente energico contra a enervação palaciana.

Camões, o typo mais completo e mais perfeito de um portuguez de vinte annos, ensaia em aventuras de capa e espada, nas ruas de Lisboa, as forças que depois vae consumir em Ceuta e na India.

Quando Camões embarcou para a India tinha vinte e nove annos; suppõe-se que já então havia principiado os *Lusiadas*. Era um heroe completo, quasi ideal: tinha para as mulheres a fascinação da coragem aventurosa e do porte gentil; para os homens, o valor, o denodo, a espada prompta e cortante, já afiada no pescoço de Gonçalo Borges; para todos o deslumbramento de um genio superior, scintillante, peregrino.

Fechado o cyclo das grandes façanhas militares dos portuguezes no Oriente, a mocidade sente, é verdade, a falta de um vasto theatro para representar as suas proezas de valor.

A companhia de Jesus empolga uma grande parte da mocidade portugueza, procurando encerrar no claustro todos os thesouros intellectuaes, — todas as forças juvenis. Pela educação jesuitica, os moços fazem-se velhos, tornam-se sabios. O habito é como um arnez de gelo, arrefece o coração.

O que aconteceu porém?

Foi que, quando a fortuna das poderosas ordens monasticas principiou a desandar, a mocidade portugueza, podendo rasgar a roupeta, atirou o coração para o sol, para a liberdade.

Lança se então na febre da aventura amorosa. O amor exalta a imaginação. Principia o cyclo dos poetas. As academias pullulam. As damas são conhecidas por anagrammas. Os amantes disfarçam-se em pastores. O bucolismo alastra de flores o caminho que a mocidade vae pisando.

Faltam as guerras, as aventuras de batalha. Mas o ardente espirito portuguez, tendo febre de combater, empenha-se em certamens poeticos.

Os *outeiros* são uma lucta de gloria litteraria. Apparecem as grandes rivalidades dos poetas, como outr'ora as tinha havido entre os soldados da Africa e da India.

O mais perfeito representante d'esta epoca, que fecha o primeiro periodo da historia da mocidade portugueza, é Bocage, — o Bocage dos *outeiros*, do *Agulheiro dos sabios*, da Nova Arcadia, dos improvisos, das aventuras eroticas.

A alma portugueza renasce n'elle sob um novo aspecto.

II

Bocage abriu a porta á bohemia intelligente.

Referindo-se á mocidade portugueza da ultima geração, escreveu Julio Cesar Machado:

«Falla-se agora muito em typos: — Que typo! E' um typo! — Tu és typo! — Não se fallava d'isso então, e era então que elles existiam.»

E' verdade, a julgar pelas narrativas dos que ainda conservam memoria d'esse tempo aventuroso, em que o *Marrare de Polimento* era um baptismo, uma consagração. Entrar no *Marrare* era ter passaporte para viajar no paiz da bohemia, nas regiões da aventura, nos dominios do romance.

Os rapazes d'então eram uns estroinas, uns estravagantes, uns devassos, se quizerem, mas nenhum d'elles era um inutil. Todos tinham talento. Dos copos de cognac saíam poemas. Da espuma do champagne brotavam discursos parlamentares. Entre uma bailarina e uma ceia, estava a gloria.

D. José de Lencastre, um escriptor, era primoroso, insigne com uma guitarra na mão. Depois do conde de Vimioso, ninguem sabia *chorar* um *fado*

como elle. Punha na guitarra toda a sua alma de poeta. Quando elle a dedilhava ao luar, no Dafundo, o Tejo e as estrellas calavam-se para ouvil-o, e as bailarinas não se atreviam a pedir mais champagne. Estavam embriagadas pela musica.

Antonio da Cunha Sotto-Maior, que morreu nosso ministro em Stocholmo, era por ventura o mais completo typo d'essa épocha. Escriptor, orador, elegante, bizarro — um principe!

«As suas maiores excentricidades, diz Julio Cesar Machado, foram exactamente o segredo da nomeada que elle alcançou. De uma occasião estava jogando o whist; caiu um pinto a um dos parceiros, homem extremamente rico: o sujeito tirou o candieiro de cima da meza, e poz-se a procurar o seu pinto.

«— Que faz, meu caro? Perguntou-lhe Antonio da Cunha. Quer deixar-nos ás escuras?!

«— Caiu-me um pinto! respondeu o outro.

«— Ah! E' escusado tirar-nos a luz; eu o allumio.

«E accendendo uma nota de quatro moedas fez com ella um archotinho para o ajudar a procurar o pinto...

«— Veja se o acha! disse.

«N'um bello dia, para não augmentar a conta no Keil, entendeu que seria bom regular a sua vida, e fazer aos credores uma pequena amabilidade — pagar-lhes; isso fez-se e foi-se embora para Dinamarca como nosso ministro: pagar-lhes e ficar, seria amabilidade grande de mais, — seria fazer conta nova. Era homem de bons dotes, de um gosto fino para algumas coisas, e sabendo applicar as suas raras faculdades e concepções, que apresentavam sempre um caracter de originalidade. Tinha muitas vezes a maneira do cavalheirismo antigo e heroico. Não deve esquecer o seu nome: como homem de talento não lhe ficou que desejar, brilhou no parlamento pela vivacidade, esplendor, e ousadia dos seus discursos, brilhou na moda como o primeiro janota do seu

tempo, — no passeio publico o vi eu de uma vez com uma capa de casimira branca, — brilhou na imprensa como o unico folhetinista que pôde conseguir esse titulo no tempo de Lopes de Mendonça, e foi ainda brilhar na diplomacia, mercê do alcance das suas faculdades e dos recursos da sua feição elegante. Se a gloria é alguma coisa, podem os mais illustres do nosso tempo invejar-lhe a sorte. Por muitos annos, quando elle estava ainda em Lisboa, se ouviu dizer de vez em quando:

«— O Antonio da Cunha é velho, não nos illudâmos. Já no anno de...

«O seu elegante bigode branco continuava a ser tão moço como os rapazes d'esse tempo, bem mais moço que os rapazes d'agora. Esse bigode legendario era, como por graciosa malicia, mais alvejante que nenhum outro, mercê de um dos seus segredos de garridice: lavava-o todos os dias com sumo de limão, para o tornar de uma alvura nitida e magnifica.

«Davam os antigos uma foice ao tempo e estavam longe por certo de cuidar, apesar da allegoria, quanto esse ceifeiro cruel havia de devastar a Lisboa de hontem, fazendo desapparecer em poucos annos, e como que de repente, quantos brilharam n'ella na unica quadra elegante que ella teve...»

A opinião publica era feita pelos *leões* do *Marrare*. A imprensa ia ali tomar um café ás dez horas da noite, meia hora depois um *cabaz*, e passada mais meia hora, outro. Os folhetins que d'ali saiam eram ardentes, crepitantes como o *punch*. Sentia se n'elles — e apontarei para exemplo os de Lopes de Mendonça — a vida, a força, a espontaneidade das grandes alegrias.

A aventura tentava todos os espiritos. A politica d'esse tempo era a da revolução, de combate. Sampaio guerreava os Cabraes fazendo um jornal que ninguem sabia onde era escripto e impresso, e que apparecia no bolso de Antonio Bernardo sem se

saber como fôra ali introduzido. Citam-se hoje com assombro os nihilistas, que pregam proclamações incendiarias nas costas dos proprios policias de S. Petersburgo. Não era menor façanha a que se dava com esse jornal revolucionario, de que muitos se serviram para aggredir o velho Sampaio, mas que, para nós, caracterisa a mais completa individualidade jornalistica que tem havido em Portugal.

Um homem assombrava por esse tempo Lisboa inteira pelos seus prodigios de força e de atrevimento. Era Sant'Anna e Vasconcellos, que morreu visconde das Nogueiras. Quando lhe parecia, fazia despovoar os botequins.

— Saiam os senhores, que eu quero tomar café sósinho, dizia.

E saía tudo.

Sampaio, o jornalista da revolução, encontrou-se um dia no campo da honra com este Hercules do *high-life*. Confirmou pelos seus actos a coragem das suas palavras. Bateram-se bravamente.

Um dos elegantes d'esse tempo entrou um dia n'um café do Rocio, levando na mão apenas uma chibata.

Quatro rapazotes bebiam a uma meza, e, quando o ouviram pedir capilé, sorriram-se de desdem.

— Olá, diz o *leão*, traga mais quatro capilés.

Fez-se um profundo silencio no grupo dos rapazotes.

Vieram os cincos capilés.

Elle, o da aventura, aproxima-se da meza e diz serenamente:

— Queira cada um dos meninos beber o seu capilé.

Todos beberam.

Elle pagou, e saiu.

Na bohemia d'esse tempo, a pobreza era a alegria.

Havia um grupo de rapazes, que estão hoje de cabellos brancos, e que frequentavam as escolas superiores. Viviam n'uma mansarda da rua da Procissão, e, como não tivessem espelho para pentear-

se, conseguiram que uma costureirita do predio fronteiro trouxesse o seu espelho para a janella, quando elles a chamavam batendo as palmas.

E qualquer d'elles, remirando-se do outro lado da rua, dizia para a visinha:

— O' Camillinha, levante mais o espelho, que não vejo bem.

— Muito obrigado, Camillinha, até ámanhã.

Viveram n'essa casa dez ou doze annos, e não pagaram nunca a renda. O senhorio perdeu o amor á agua furtada, e permittiu que os inquilinos justificassem a palavra...

D'esta bohemia em que viveu a mocidade da ultima geração, sairam os ministros de hoje, os deputados de hontem, os grandes oradores parlamentares, os eruditos, os professores, o que ainda ha ahi de melhor...

Disputavam-se o mesmo premio nas aulas, a mesma bailarina, a mesma gloria, e todavia ficaram sendo amigos, amigos para toda a vida e para todas as posições sociaes. Hoje vemol-os velhos, cansados, tratando-se por tu, n'um doce tom amigavel, rememorando as façanhas uns dos outros, fazendo ainda reflorir ao calor da saudade essas antigas ligações de amisade perduravel.

Ah! que profunda differença entre o hoje e o hontem!

Illustres bohemios d'esse tempo extremamente sympathico, quando o ultimo de vós morrer, a alegria portugueza partirá n'um dos angulos da pedra sepulcral o seu copo de champagne, a taça das antigas ceias. Fará como o rei de Thule, para que ninguem mais a profane...

III

Somos chegados á ultima parte d'este capitulo; — á ultima, que é seguramente a mais espinhosa, e

se certo rifão portuguez não fôra demasiadamente plebeu, viria aqui a talho de foice.

Mas, emfim, por que não havemos de dizer a verdade toda, nua e crua? Tratamos apenas da collectividade, não nos dirigimos individualmente a ninguem. Não citaremos nomes. Podemos, pois, fallar com desafogo.

A mocidade portugueza está chegada a uma decadencia deploravel.

Na alta sociedade, a indifferença predomina. De vez em quando, uma toirada em Lisboa ou no Ribatejo; uns domingos por outros, corridas de saltos no hippodromo de Belem, mais nada. Os vinte annos elegantes narcotisam-se encostados ás *montres* do Chiado, n'uma somnolencia *accablante*. Se a mocidade doirada desperta alguma vez, não é para ir fazer uma longa viagem,—uma d'essas longas viagens que valem bem por um bom curso scientifico,—é unicamente para dar batalha em S. Carlos contra um tenor decadente ou uma prima-dona *fanée*.

Os grandes typos da bohemia elegante desappareceram, e parece que para todo o sempre. O marquez de Niza passou a ser apenas uma lenda antiga; no folhetim das suas aventuras, já o tempo raspou esta phrase promettedora: *La suite au prochain numero*.

Dos cursos superiores ainda ás vezes saíam uns rapazes de animo resoluto, emprehendedores, activos, energicos. Esses taes, como Serpa Pinto, Roberto Ivens e Brito Capello, preferiram os incommodos de uma aventura scientifica á somnolencia enervadora do *Suisso*, do *Martinho*, da *Havaneza*, e de qualquer loja da Baixa.

Por excepção, estes rapazes retrocederam para progredir; isto é, parece terem pertencido ainda áquellas gerações antigas de viajantes sabios e moços, dos quaes Anquetil Duperron herdou o espirito arrojado e o amor á sciencia, que o levaram até ir procurar na India as bases do orientalismo.

Mas, sem vislumbre de offensa para qualquer dos tres illustres exploradores, foi ainda um homem da ultima geração, foi ainda um dos celebres de ha trinta annos aquelle de quem receberam a protecção official, e talvez o impulso, para realisarem a missão scientifica que tão gloriosamente levaram a cabo. Quem foi o *pae da exploração?* O sr. Morier o disse: João de Andrade Corvo, — antigo frequentador do *Marrare de Polimento;* hontem um erudito; hoje um morto...

O fogo que lavra nas ultimas cinzas do passado chega ainda para aquecer de vez em quando a mocidade portugueza contemporanea.

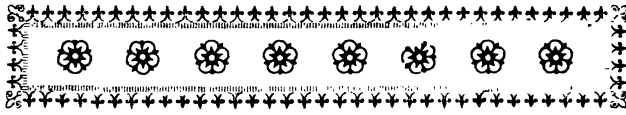
Quem tem a culpa d'esta grande decadencia actual? As causas parecem-nos complexas. Sem embargo, diremos francamente que n'este inventario de responsabilidades cabe por certo aos governos abundante partilha. A falta de uma organisação séria e sabia da instrucção nacional é certamente uma das causas d'esta atrophia, d'esta deploravel decadencia. Das aulas de instrucção secundaria sae-se apenas com uma ligeira camada de sciencia, que póde ter um certo effeito n'um camarote de S. Carlos ou n'um *five ó clock tea*, mas que não dá por modo algum a comprehensão do verdadeiro caracter das sciencias, da sua util applicação, nem o enthusiasmo pelos grandes commettimentos scientificos. Estuda-se apenas theoricamente, á pressa, unicamente para *passar no fim do anno.* Convicções duradoiras, colhidas na pratica, na prova experimental da sciencia, nenhumas. De toda a pomposa bagagem das escolas ficam apenas subsistindo dois ou trez idiomas, principalmente um, o francez, alimentado pela leitura, maior ou menor, de romances modernos, que constituem entre nós a polvora dos combates galantes de salão.

Rapazes de doze annos atiram-se primeiro ao francez que ao portuguez. Porque? Porque a organisação official dos estudos lhes permitte essa liber-

dade, e porque as suas familias têm pressa de fazer d'elles *homens*, isto é, candidatos a empregos publicos, sabendo procurar no Roquette os vocabulos francezes que não têm na memoria... Triste, deploravel sociedade aquella onde todo o ideal da instrucção está posto na lingua franceza, como se nascessemos... em França.

Com estes elementos se ha de fazer a sociedade de ámanhã; é facil prophetisar que ainda será peior que a d'hoje.

Depois de tudo isto, só nos resta pedir ao sr. Hauteville que mande expôr na sua *montre* da rua do Ouro um grupo photographado dos rapazes de ha trinta annos, a fim de que o indigena possa parar deante da vidraça e dizer: *Ali jaz a mocidade portugueza.*

Moralidade. — Campus ubi Troja fuit. Traducção: Já não ha rapazes.

IV

O amor

Quem ha ahi que, ao recolher a casa n'uma noite de inverno, fria, humida, nevoenta ou tempestuosa, não tenha encontrado, como sentinellas perdidas na vastidão das ruas, dez namorados que gargarejam idyllios para a janella de um quarto andar?

Por mais agreste que esteja a temperatura, por mais encharcadas que brilhem as pedras, o Amor indigena conserva-se ali de plantão, com a cabeça alta, o pé firme, o coração ardente.

A's vezes os Romeus da meia noite têm a boa estrella de namorar uma Julietta de *rez-de-chaussée*, e então, em vez de esgalgar a cabeça, debruçam-se commodamente na janella, fallando para dentro, emquanto a chuva lhes vae rufando no dorso como na pellica de um tambor e o vento lhes assobia ás orelhas engalfinhando-se-lhes no cachaço.

Mas o que elles sentem não é o frio nem a chuva, o vento ou a cacimba, — o que elles sentem apenas é o amor, que os aquece como se uma fornalha lhes estivesse assando a alma, convertendo-a

— N'aquella noite não foi Deus que passou. Era o Diabo de chapeu alto!

Mas só ao futuro pertence liquidar, no casamento, as responsabilidades de Deus ou do Diabo.

Emquanto se namora, tudo é pelo melhor no melhor dos mundos, embora o vento assobie, a chuva caia e o nevoeiro possa talhar-se á faca.

Quanto mais baixa fôr a janella, tanto o nevoeiro deve ser mais denso...

No céo das noites de Lisboa, por mais brumosas que sejam, o Amor anda brincando no ar, dardejando settas, correndo de um lado para o outro como uma estrella cadente, pendurando-se nas janellas, descendo de um pulo até á rua para tornar a subir depois, esvoaçando, machinando, conspirando sempre contra os paes que estando a dormir não sonham com o passado...

Um rapaz sueco, vindo ha annos a Lisboa, disse-me de uma vez:

— Em Portugal o amor tem dois cumplices certos: a noite e a janella.

— E o temperamento nacional, accrescentei eu, fazendo lhe sentir que um sueco tem obrigação de ser frio.

Nós cá, os portuguezes, sempre fomos doces no amor como um torrão de assucar. Temos geito para isso. Lá diz Lope de Vega na comedia da *Dorothea*: «Eu, senhora, tenho olhos de creança e alma de portuguez.» E madame de Sevigné não queria alambicar muito as suas cartas com medo de parecer uma portugueza.

Mas, quanto á cumplicidade da janella no amor, não é esse um costume exclusivamente portuguez, antes se deve considerar como tradição dos povos latinos.

Em Hespanha, fallar de amor através das rotulas da janella, coisa é que se presenceia todas as noites e tem a sua expressão propria: *hablar á la reja*.

Na Italia é rara a canção amorosa em que não entre uma janella. Em Napoles, principalmente, é da janella que se ama, é para a janella que se namora. Chama-se lá a isto *pelar la pava*, como quem diz — depennar o perú. Marc-Monnier attribue o costume á dominação hespanhola e explica a phrase pelo facto das raparigas, vindo á janella depennar as aves, irem dando trella aos namorados.

Na canção da *Fenestra bassa* ou da *Fenesta vascia*, como se diz no dialecto napolitano, o namorado queria transformar-se n'um rapazinho dos que por lá andam vendendo agua, só para ter occasião de apregoal-a debaixo de uma janella, e quando a bella dama apparecesse para lh'a comprar, poder elle declarar-se: «O que eu vendo não é agua; são lagrimas de amor.»

Son lagrime d'amore, non é acqua.

Nos paizes frios, como a Suecia, percebe-se que os homens estejam fechados á noite em casa, cachimbando e bebendo. Mas no sul da Europa, onde o clima é sempre benigno, a noite não mette medo a ninguem, muito menos a um homem que pensa n'uma mulher.

Os gregos antigos viviam sempre na rua, as paredes das suas casas podiam atravessar-se com um alfinete, diz não sei quem, creio que é o Taine, por que a suavidade do clima os tornava vadios — em casa só paravam para dormir e comer.

Os italianos, os francezes, os hespanhoes são, como nós, gente que vive ao ar livre, graças á suavidade da temperatura. O lisboeta nunca foi pessoa que estivesse agarrado á casa como o caracol á casca.

No auto do *Fisico*, de Jeronymo Ribeiro, irmão do poeta Chiado, diz um pae do seculo XVI:

Parece-me que se aza
fazermos feria, sequer

forrar-me hei de o não ver
nem a de ver esta casa
mais que a horas de comer.

E a filha responde-lhe:

Todo o filho de Lisboa
ha de morrer com esse vicio.

A esta alegre vadiagem dos lisboetas chamavam os poetas comicos d'aquelle seculo — a *azevia de Lisboa.*

Mas o sueco, se via um rapaz imberbe parado de noite a olhar para uma janella, perguntava no seu portuguez de trapos, que já ia falando:

— *Que faze éste?*

— Namora.

— *Oh! namorrare! Sempre namorrare!*

Se reparava n'um velho parado a uma esquina:

— *Que faze éste?*

— Namora.

— *Oh! namorrare! Sempre namorrare!*

Elle tinha vindo a Lisboa para aprender o portuguez, porque lhe convinha isso como consignatario dos principaes exportadores de Setubal.

Demorou-se aqui mezes. Uma noite, vindo eu do Gymnasio, encontrei-o parado na rua do Moinho de Vento.

Cheguei-me ao pé d'elle, e disse-lhe:

— O que faz o senhor aqui?

E elle, sorrindo-se, respondeu:

— *Namorrare.*

Eu repliquei, desaffrontando os meus compatriotas:

— *Oh! namorrare! Sempre namorrare!*

E, andados alguns passos, senti abrir uma janella, — em portuguez.

O sueco, na sua lingua de trapos, disse alguma coisa para cima, alguma coisa que deveria fazer lembrar a canção de Napoles — *O que eu vendo não*

é agua, são lagrimas d'amor—, mas que, dita por elle, faria rir as pedras.

N'aquelle tempo não se vendiam ainda as caixas de phosphoros amorphos, o sueco era uma lingua que, mesmo temperada com o portuguez, não se entendia nem se accendia facilmente.

Desconfio que o homem, apesar de ter caido nos costumes da terra, não chegou a inflammar-se.

Por maior que seja um homem em Portugal, não vae inteiro á immortalidade sem ter pago o seu feudo ao gargarejo amoroso. Nós hoje vemos Camões através do prisma da sua propria epopea, medimol-o pela estatua do Loreto. Pois bem! Camões, o Homero Lusitano, tambem gargarejou, como se apura de um soneto seu, em lingua castelhana, no qual apostropha uma janella: *Ventana venturosa,* diz elle. Está a gente a vel-o de cara no ar, a olhar para cima, esperando Catharina de Athayde ou outra qualquer, porque o nome não faz ao caso.

Certo é que o costume tem seus inconvenientes, mas, em compensação, quão saboroso é para os namorados!

Um dos inconvenientes é seguramente a illusão que a distancia, que vae da rua á janella, favorece.

Já um sujeito casou, por honra da firma, com uma mulher que não chegava a ter quatro palmos de altura, mas que para lhe ir fallar á janella se encarapitava em duas cadeiras.

Foi só na occasião de ir pedil-a que elle a poude ver de pé no meio da sala.

Mas era philosopho, e disse de si para comsigo:

—Do mal o menos...

Havia ahi para os lados do Castello uma rapariga com um lindo palmo de cara, mas que nascera tatibitati. Arranjou um namoro, e foi-lhe isso bem facil, porque o arranjou em silencio, olhando apenas... O rapaz pediu-lhe um gargarejo: concedido. Mas quem apparecia de dia era ella, quem fallava á noite era a criada. O rapaz casou, conhe-

ceu o logro, e ella propria, visto que o nó estava dado, explicou como conseguira logral-o.

—Pois menina, disse elle tambem philosophicamente,—olharei para ti e continuarei conversando com a tua criada.

Mas estes inconvenientes não conseguem prejudicar a tradição do gargarejo nacional. O portuguez, como o napolitano, apregoa debaixo das janellas lagrimas de amor, e o sueco, se se ri do portuguez, cae na esparrella... *namorrando* tambem.

*

* *

Ahi por dezembro, quando os frios apertam, o Amor espirra nas janellas, batendo o queixo.

Hoje já ninguem toma por mau agouro o espirro, e ainda bem que assim é, porque se acreditassemos n'essa superstição tanto quanto nossos avós acreditaram, seriamos, no mez de dezembro, o povo mais enguiçado d'este mundo.

Conta Frei Luiz de Sousa, na *Historia de S. Domingos,* que embarcando S. Frei Gil em Barcelona para as Baleares e tendo-se ouvido um espirro ao levantar ferro, logo os mareantes tornaram a descer as ancoras, receiosos de partir com tão má estreia.

Foi preciso que S. Frei Gil empregasse toda a sua unctuosa eloquencia para os resolver a triumpharem do receio que o espirro lhes inspirara.

Facilmente podemos rastrear a origem d'esta superstição. O mesmo Frei Luiz de Sousa a desvenda:

«As historias menos antigas fazem menção de uma doença geral, e tão perniciosa, que o homem que dava espirro, dava com elle juntamente a vida; e quando foi aplacando, se um espirrava, e acertava a ficar vivo, acudiam os presentes a dar-lhe as emboras, como hoje fazemos sem mais razão, que o

costume posto já em posse, e termos de cortezia. E por ventura foi deduzido este, e o agouro dos mareantes do mesmo principio.»

A phrase *Dominus tecum*, que ficou na tradição, data pois do tempo em que o espirro era symptoma de uma enfermidade mortal, que tomou o caracter de epidemia.

E' verdade que nem todos os espirros foram considerados de mau agouro nos tempos aureos da mythologia. O espirro para a direita era tido como de bom presagio. Suppunha-se que Jupiter e Cybele, Venus e o Amor o favoneavam. Catullo diz n'uma das suas lyricas: «O amor, que até aqui havia espirrado para a esquerda, mostra a sua approvação espirrando para a direita.»

O que era mau era que o numero dos espirros não fosse impar. Lá diz Opimo: «Permittam os deuses que eu espirre *sete vezes* antes de entrar no leito da minha amada.»

As lendas pagãs fallam de espirros memorandos, que não deviam ser menos estrondosos que os que andamos agora ouvindo por toda a parte.

Quando Minerva, armada de ponto em branco, sahiu da cabeça de Jupiter, esfuziou um espirro tremendo pelas ventas do parturiente.

Frei Luiz de Sousa falla ainda de um espirro notavel, que, ao contrario do que criam os marinheiros de Barcelona, fôra tido como bom agouro.

«Mas o successo do espirro — diz o mavioso chronista — que elles tomaram em agouro avêsso, foi nos tempos muito antigos recebido em contrario sentido, como o aponta o Principe dos Poetas em Penelope, de quem conta que se alegrou, ouvindo um espirro quando Ulysses começou a executar a vingança de seus inimigos, e que o houve por boa estreia, e signal de victoria.»

Notando a contradição do que a respeito do espirro se tem pensado, umas vezes em bem, outras em mal, conclue judiciosamente Frei Luiz de Sousa:

«D'onde fica provado o engano, e futilidade do agouro pela differença dos tempos, e opiniões.»

Outro espirro muito celebrado em memorias gentilicas é o que o Amor disparou sobre o berço de Clynthia:

> Nam tibi nascenti et primis, mea vita, diebus,
> Candidus argutum sternuit omen Amor.

A phantasia pagã foi, para que inteiramente fique justificado o reparo de Frei Luiz de Sousa, até vêr no espirro a passagem invisivel de um deus tutellar.

Esse deus incorporeo denominava-se a *Ave de Jupiter.*

Socrates cria que andava no caso um animal, mas suppunha que não fosse ave; era, segundo elle, um demonio familiar, que lhe falava por meio da esternutação, e Socrates entendia-o.

Telha de philosopho.

Conta-se tambem que Venus não espirrava nunca com receio de enrugar a face bellamente mimosa.

Pois andasse Venus em dezembro por Portugal, e bem contra sua vontade espirraria como outras Venus, mais ou menos pagãs, que por ahi andam, e que não fazem outra coisa.

E o caso é que não faltaria quem seguisse os passos de Venus para lhe poder dizer de cada vez que ella espirrasse: *Dominus tecum.*

Demais a mais, Venus teve sempre uma certa tineta pelos portuguezes, se dermos credito a Camões.

Lembram-se, provavelmente, da formosa passagem dos *Lusiadas* em que Venus implora a protecção de Jupiter em favor dos temerarios nautas do occidente:

> Este povo, que é meu, por quem derramo
> As lagrimas, que em vão cahidas vejo,
> Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
> Sendo tu tanto contra meu desejo:

Por elle a ti rogando chóro, e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois: porque o amo é mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

Eu estava agora a ponto de explorar a sympathia de Venus pelos portuguezes para lhe exorar que com o calor dos seus beijos fizesse subir o thermometro; para lhe lembrar que, não querendo ella propria espirrar para não enrugar o rosto, era um acto de justiça evitar que as portuguezas corram o risco de ficar reduzidas a castanhas piladas á força de espirros.

Porque a verdade é esta: não ha belleza que resista á defluxão, não ha nariz, por mais grego que seja, que possa triumphar do espirro.

Seria talvez por esta razão que, na antiguidade classica, os espirros eram menos favoraveis entre as mulheres do que entre os homens.

As damas da Grecia e Roma, em se sentindo constipadas, recorriam a remedios preservativos contra a esternutação.

Tinham juizo.

Imaginem o que poderá ser, em dezembro, com 8 graus acima de zero, um idyllio nocturno permutado da rua para um terceiro andar.

Não é difficil imaginal-o, porque não ha scena mais vulgar n'este jardim da Europa á beira-mar plantado.

Ella, *no seu terceiro andar:* Pensei já que não viesses! Tardaste tanto: quasi duas horas! Tenho o coração em chammas; o espirito em fogo. Ardia de impaciencia e de inquietação. *(Atchi, atchi*: espirrando).

Elle, *na rua, procurando disfarçar uma leviana infidelidade*: O que tu estás é muito constipada!

Ella*:* Constipada! quem falla agora em constipação! *(Atchi, atchi*: continuando a espirrar). O que eu estou é desesperada, raivosa: queria morder-te.

Elle, *que tem vindo de um gabinete particular do Restaurant Club, a toda a pressa, por ser já muito tarde:* Pois não tens razão, minha filha. *(Atchi, atchi:* espirrando tambem). Venho do Gremio. O conselheiro Sargedas, amigo de meu pae, pregou-me uma grande maçada sobre a questão ingleza. Eu estava em brazas; queria safar-me. *(Atchi, atchi.)* Constipei-me. No Gremio estavam todos os fogões e todos os candieiros accesos; e como, logo que o conselheiro Sargedas me largou, sahi sem ter tempo para esfriar, constipei-me tambem. *(Atchi, atchi.)*

Ella: Não tornes a fazer outra. Sabes que te adoro. Não me faças soffrer. O papá, que viajou muito por Italia, tem-me descripto muitas vezes o Vesuvio; pois bem, eu tenho no coração um Vesuvio, um vulcão! *(Atchi, atchi.)*

Elle: Queres então que te jure mais uma vez o meu ardente amor?! *(Atchi, atchi)*. Não é preciso; bem o sabes.

Ella: Tu tambem estás muito constipado. Vae para casa, filho, mas não faças tolices. Olha lá! Não quero que adoeças por minha causa. Isto em mim não é nada. *(Atchi, atchi.)*

Elle: Por ti é que eu tenho cuidado. Por mim não faço caso de constipações. *(Atchi, atchi.)*

Ella: Vês?! Estás muito constipado! Vae deitar-te.

Elle: Não vou. Ficava aqui de boa vontade até de madrugada. *(Atchi, atchi)*.

Ella: Não, não consinto. Eu já nem sinto frio. *(Atchi, atchi)* Mas estou com cuidado pelo que te póde acontecer, porque já espirraste umas poucas de vezes. Adeus, filho. *(Atchi, atchi)*.

Elle: Visto que mandas, obedeço. Mas eu tambem não sinto frio. *(Atchi, atchi)*.

Ella: Adeus, querido. Até ámanhã. *(Atchi, atchi)*.

Elle: Até ámanhã, meu anjo. *(Atchi, atchi)*.

Ella, *cerrando de mansinho a janella: Atchi, atchi*).

Elle, *parando á esquina, emquanto ella fecha a janella*: *Atchi, atchi.*

O guarda nocturno, parado a pequena distancia: *Atchi, atchi.*

Os soldados da patrulha, desembocando á esquina, n'uma esternutação isochrona: *Atchi, atchi.*

O relogio da Estrella, espirrando duas badaladas, que parecem dois espirros de bronze: *Atchi, atchom.*

Eu proprio, que estou escrevendo isto: *Atchi, atchá.*

*

* *

O que ella diz na Avenida !
Que *verve*, que fina graça !
Pára a ouvil-a quem passa,
Ouvindo-a a gente é feliz !
Como descreve em dois traços
O campo, Cintra, a cidade,
Os salões, a sociedade...
Que *humor* em tudo o que diz !

Em escrever é... difficil.
Faz lembrar uma creança
Que de fallar se não cansa;
De cuja bocca—uma rosa,
Sai o perfume das flores,
Tendo na palavra as côres
Que tem na aza a mariposa.

A sua febril palavra,
A sua inquieta ideia,
Não pode ver-se apertada,
Presa, opprimida, fechada,
No *enveloppe* — uma cadea.

Por isso, bem poucas vezes
A sua setinea mão
Sobre o papel tem traçado
O que sente o coração
Quando d'amor tem pulsado...

Mas um a quem escrevera,
Entre os felizes, feliz,

Possue uma carta d'ella,
Que em liguagem singela
Pouco mais ou menos diz :

Não se fatigue d'esp'rar,
Triunfe d'eça desqrença,
Talvez póçamos casar
Muito antes do que pença.

Moralidade: Ama cada um quando pode e como pode. E quem já não pode, trapacea. Ha trapaças que são coleoptéros, e coleoptéros que são trapaças. Mas até os que não podem amar, querem fingir que ainda amam!

V

Nas ruas

I

A lisboeta que passa

A noite não está serena. Galopam no ar nuvens negras, ameaçadoras. O vento açoita-as. Os candieiros do Chiado e a claridade das lojas dão ás pedras humidas da rua espelhamentos phosphorecentes, que brilham um momento e parecem apagar-se logo. Carruagens, com os vidros fechados, deixando entrever *toilettes* brancas, atravessam para S. Carlos. Eh! eh! gritam os cocheiros, gordos como texugos, envoltos em pelles, soffreando os bellos cavallos normandos, para não atropellar os peões de chapéo esburacado e gola do casaco voltada para cima, que vão pisando a lama esparrinhando-a. Os garotos apregoam os jornaes da noite, correndo em zig-zags, saltando de um passeio a outro, annunciando e vendendo. Um cauteleiro, de voz roufenha, promette a sorte grande a

quem lhe comprar uma cautela. E um vendedor ambulante de castanhas cosidas berra á esquina da rua: *Quentes e boas*.

A lisboeta, que em geral não teme o inverno, passa affoita, saltando de pedra em pedra, arregaçando o vestido, olhando para vêr e para ser vista, aproveitando o tempo e andando.

E' como uma pequena escuna que se mette ao mar sem medo da vaga, e que manobra agilmente por entre os grupos, cortando a corrente, passando e vencendo.

O inverno tem o que quer que seja da Rosalina dos *Sinos de Corneville*, parece andar cantando aos ouvidos dos homens e apontando para os pés das mulheres:

Olhae, olhae,
Examinae...

A noite, com as suas visões indecisas, favorece o culto da plastica feminina,—o culto do pé, principalmente. Dizia não sei quem, que o mais rico negociante do mundo se arruinaria dentro de pouco tempo se comprasse mulheres á noite e as vendesse pela manhã. A' noite o pé da mulher que passa parece divino, e bem póde ser todavia que pela manhã o não seja. Após a figura imaginaria de Rosalina vem descendo pelo Chiado, em espirito, a turba dos poetas que têm cantado e adorado o pé. Não os vemos, mas ouvimol-os, na esteira da lisboeta saltitante, que arregaça o vestido e vae passando.

E' Fernando Caldeira que nos acotovella sorrindo e dizendo:

Eu não sei, não comprehendo,
Quando te vejo correndo,
Mesmo que vás devagar,
Como uns pés tão pequeninos,
Tão delicados, tão finos,
Assim te podem levar.

E' Bulhão Pato que atravessa pela nossa imagi-

nação cantarolando a *malagueña* da *Paquita* e piscando maliciosamente o olho:

Depois, se o vento,
Ao voltar subito a esquina,
Vem mais violento,
Quem passa e vê
Baixinho me diz — «Menina,
Que lindo pé!»

Córada sigo;
Nem sequer olhos levanto
Para ninguem;
E, quando vem
O vento mais sacudido,
Prendo e reprendo o vestido;
Mas sempre alguem
Me diz que vê
Distinctamente o pésinho...
Quando não é
A's vezes um bocadinho...
Além do pé...

Nas noites de inverno da provincia é preciso ter vinte annos e uma imaginação muito viva para entresonhar um pésinho *cambré* que vae passando e para entreouvir os poetas que lhe vão juncando de madrigaes o caminho, porque a verdade é que na provincia, ás oito horas de uma noite de inverno, não passa ninguem, nem mesmo a patrulha — com as suas botas municipaes de sete leguas.

Lá, a essa hora, o vento geme nos pinhaes, esfusia pelas ruas desertas, a agua alastra-se nas pedras e só bruxolea a luz da botica allumiando pallidamente os frascos das drogas e os caturras do gamão.

A casa é triste, as paredes têm sombras, a lareira recorta no ar chammas de um azul sulphureo, mephistophelico, como o das pyras que ás vezes figuram nas operas de S. Carlos.

Uma trova popular de Braga celebra a pequenez do pé das bracarenses, mas canta-o em plena luz do dia, á hora da missa, que é quando

elle se expõe á admiração dos seus adoradores:

Meninas de Braga
Vão á missa à Sè
Co'o seu sapatinho
Na ponta do pé.

Ah! mas quem seria capaz de descobrir o chapim de uma *Cendrillon* ás nove horas de uma noite de inverno, perdido no Campo de Sant'Anna em Braga!

Ninguem. Nem mesmo Fernando Caldeira, nem mesmo Bulhão Pato. Ninguem!

Só a lisboeta é que põe o seu barquinho a nado á noite, ainda que o ceu esteja carregado, ainda que a chuva ameace, só ella é que atravessa pulando as lamas do Chiado, colhendo as velas ao vestido, e segurando a sombrinha com a firmesa de um marinheiro experimentado que fosse ao leme.

Não teme a noite, porque as noites só são temerosas na provincia, onde tudo é escuridade e mysterio, treva e confusão.

Vae, n'um pulo, comprar bolos para o chá, escolher um vestido ao Grandella, vae a pé para o theatro, porque não é bastante rica para ir de trem, vae á modista fazer uma recommendação, vae a uma livraria comprar uma grammatica para o filho e, atravessando as ruas, pulando sobre a lama, o seu ar de honestidade defende-a, não a deixa confundir com as mulheres que vão habitualmente para as cadeiras do Colyseu e para os gabinetes dos *restaurants*.

A chuva ás vezes resolve-se a cair, a varrer as ruas, e a esburacal-as tambem. A lisboeta some-se, voou para casa nas azas dos seus pesinhos ligeiros. Mas a cidade não fica solitaria, morta, ouve-se de vez em quando o rodar de um trem, um pregão que passa, o trote de um cavallo, o assobio de um namorado.

E emquanto o Amôr abre a janella, apezar da

chuva, para corresponder á Esperança que assobiou, o homem do mexilhão vae gritando e andando: — *Ierre, ierre* — e a lanterna do guarda nocturno atravessa rapidamente obedecendo ás palmadas do inquilino que recolhe a casa.

Percebe-se que n'uma noite de inverno, o poeta, o esculptor, o jornalista, ouvindo á volta de si o ruido de uma cidade que vive, pense nos seus versos, na sua estatua, no seu jornal.

A noite, para as grandes cidades, não é uma solução de continuidade, um parenthesis aberto na sua vida normal. E' talvez um pretexto para viver de outro modo, para ver outras pessoas, mas, em todo o caso, um pretexto para viver sem sol.

As noites de Lamego passam em proverbio como sendo o typo d'essas enormes noites da provincia, durante as quaes uma pessoa accorda muitas vezes para pedir á luz do sol que se digne apparecer — por piedade!

Conta-se, como sendo a origem da locução *noites de Lamego*, que um viajante, chegado áquella vetusta cidade, pernoitou n'um quarto escuro onde havia um armario cheio de queijos. Pela manhã, quando accordou, viu o armario, cuja porta abriu, pensando que era uma janella. Como não sentisse maior claridade no quarto, e lhe cheirasse a queijo fresco, tornou-se a deitar, dizendo de si para comsigo:

— Não se vê nada! E' ainda muito cedo. Só as leiteiras andam pela rua a vender leite.

Dormiu mais duas horas, mais tres, mais quatro. Quando, finalmente, o estalajadeiro se resolveu a ir bater á porta do quarto, o hospede não fazia senão mostrar-se admirado de que as noites de Lamego fossem tão compridas.

Mas, a meu vêr, Lamego é injustamente prejudicada com esta anecdota, em que se filia a tradição da longura das suas noites.

Lá houve apenas a illusão de um homem, que to-

mou um armario por uma janella. Toda a gente sabe, porém, que a extensão das noites, em qualquer região da provincia, é mais do que a illusão de um armario, — é uma realidade que a janella confirma demorando-se em coar ao interior do quarto de cama o primeiro raio de sol.

Durante o inverno da provincia o sapatinho ou a botina dorme tanto como a sua dona. Estão de pousio, inactivos e somnolentos, sentindo de vez em quando passar-lhes por cima a turba faminta das baratas.

Em Lisboa, a botina ficou sobre o tapete á volta da rua ou dos theatros, e, emquanto a chuva rufa na vidraça, parece cantar o idyllio do pé pequenino e branco, que ha poucas horas a calçou; parece acalentar com Fernando Caldeira o somno da lisboeta que dorme, dizendo-lhe baixinho:

Esse teu pé pequenino
Foi obra de algum destino,
Que eu tinha de amar um pé.

II

Vendilhões e pregões

Quem não tem algumas vezes attentado no aspecto pittoresco que offerecem as ruas de Lisboa, estudadas na galeria dos typos populares que as atravessam, a horas certas, desde o romper da manhã até muito depois de cerrada a noite?

Quem não tem visto, ao menos uma vez na vida, recolhendo d'um baile ou madrugando para uma viagem, passar na rua, desenhando-se vagamente na nebrina da manhã, a figura do leiteiro, guiando

Ierre, ierre.
Elle tem seu alho, alho,
Seu zariquitalho,
Seu azeite de Santarem,
Elle é pouco, mas sabe bem.
Ierre, ierre.

E mal a preta tem acabado de passar, logo resurge d'outra esquina o mexilhão, annunciando-se em pregão variado:

Mexilhão,
P'ra criada
E p'r'o patrão.

Agora, especialmente de manhã, passa o judeu das tamaras gritando:

Támari dô,
Támari-dô.

Logo, de dia ou de noite, ouve se o pregão da arféloa:

Ah! biquinho, arfeloa,
Gergelim, amendoa doce.

No fim do verão, começa o pregão das castanhas:

Ha quente e bô.

Ou então:

Quentes e bôas.

Outra voz apregôa:

Pãesinhos e linguiça.

De vez em quando apparecem novos pregões, como eram os dos rapazinhos que vendiam bela-

chas e apregoavam com musica das *Trez rocas de crystal*, que por esse tempo se estavam representando na Trindade:

> Bom e barato,
> Bom barato:
> Cada pacote
> Custa um pataco.

Na complicada engrenagem da vida da capital, o pregão das ruas e a cantilena do garoto jogam intimamente com os acontecimentos theatraes: a musica do theatro, se caiu em graça ao publico, vem logo reproduzir-se na rua.

Curvados, carregados, roufenhos, os vendilhões atravessam um bairro inteiro patinhando sobre a lama, rompendo através dos aguaceiros, passando por entre os gumes cortantes do frio da manhã. A gente ouve-os apregoar, e sabe pouco mais ou menos que horas são, porque a pontualidade dos vendedores ambulantes é chronometrica como a do sol, que não deixa jámais de levantar-se á hora marcada na folhinha. São cinco horas, são seis horas, dizemos nós, e voltamo-nos para o outro lado.

Entretanto a chuva cae a torrentes, o vendaval assobia nas janellas e no meio d'essa orchestra tempestuosa, sobrepujando-a, o pregão dos vendedores ambulantes faz-se ouvir, a horas certas, como se fossem as badaladas d'um relogio.

Outros vendilhões, mais felizes, têm o seu burro, que parece adormecer na porta n.º 5, emquanto o dono está vendendo, e accordar depois para dar alguns passos até á porta n.º 10, tornando em seguida a adormecer.

Os vendedores de jornaes passam correndo com as folhas da manhã debaixo do braço, saltando de um passeio a outro, em assalto aos primeiros transeuntes, e os distribuidores, no seu passo curto e ligeiro de andarilhos, vão mettendo os jornaes por

debaixo das portas, subindo e descendo escadas, cujo numero de degraus devem saber de cór e salteado.

Poucas horas depois começam as varinas a apparecer, os pés descalços, as pernas núas, roxas de frio, apregoando o carapau, a pescada marmota, a «salpicadinha da costa».

Que bellos corpos de varinas, alguns! E tão mal tratados pela intemperie, ao passo que outros muitos, bem menos esculpturaes por certo, dormem ainda afofados em brandos colchões de sumaúma...

Os cauteleiros apregoam estridorosamente o 3:495, o 7:899, — e *hoje é que anda a roda, hoje é que rebola, quem se quer habilitar á taluda? quem quer ser rico sem trabalhar?* Um d'elles, a quem não sabemos a alcunha popular, apregoa em verso:

> As meninas d'esta rua
> Cheguem todas á janella.
> Se quizerem ser felizes,
> E' comprar me esta cautela.

A uma hora mais adeantada do dia, os homens do petroleo principiam a fazer o seu gyro, arreatando o burro que nas cangalhas de madeira transporta as almotolias untuosas, umas cheias de petroleo, outras de azeite, não se sabendo bem se elles vendem azeite por petroleo ou petroleo por azeite.

Um d'elles, levantando o queixo para as janellas, apregoa:

— Cá está o Guimarães, meninas e senhoras! Cá está o Guimarães!

Um dos vendedores de petroleo é um homem gordo, de estatura regular, pae de um rapazinho que d'antes o acompanhava sempre, muito bem vestido, e que parece está agora cursando alguma escola superior, ao passo que o pae, mal enroupado, continua vendendo petroleo, berrando o seu pregão com o queixo pousado sobre o peito e a bocca escancarada até aos gorgomilos.

Depois passam os ferros-velhos, com um chapeu alto na cabeça, outro chapeu alto na mão, dois casacos ao hombro, um par de botas e um mólho de chaves pendentes da outra mão.

E os caldeireiros, batendo nos tachos—signal de chuva, diz o povo—; e os amoladores de tesouras e navalhas, um d'elles, que já não vejo ha longo tempo, muito caracteristico, bexigoso e gordo, o *amolador do cão*—como lhe chamavam, porque era um cão que puxava a caranguejola; e os andadores das freguezias, com a sua caixinha de lata pendurada do pescoço, e mettendo ao bolso o vintem das almas, como fazia o Taborda no *Andador* das ditas; e os pobres, os cegos, as velhas, as creanças vadias, etc.

Depois, ao cair da noite, torna a revolutear nas ruas o enxame alipede dos rapazes que vendem jornaes, e algumas vezes, alta madrugada, um varino de dez annos offerece, tiritando de frio, muito engoiado, as *Novidades*, que já são velhas a essa hora, e o *Correio da Noite*, que já então deveria chamar-se o *Correio da Madrugada*.

Ha poucos mezes, o noticiario dos jornaes contou o caso dramatico da morte de um vendedor ambulante, que principiou a adoecer na rua do Crucifixo e já chegou morto, dentro de um trem, á porta do Governo Civil.

Até aqui nada mais natural. Os vendilhões devem por via de regra ser cardiacos: passam a vida carregados, dobrados, andando, gritando. Se ha morte verosimil para um vendilhão ou para um moço de fretes, é a de lesão cardiaca. O facto não espanta ninguem. Mas este caso teve effectivamente uma nota sentimental, profundamente dramatica.

Como todos os anonymos da rua, o vendilhão caiu sem que ninguem soubesse quem elle fosse ou onde elle morasse. A policia metteu-o n'um trem para leval-o ao hospital, mas como já lá chegasse morto, e não o quizessem receber, conduziu-o ao

Governo Civil. Em França seria transportado para a *morgue*, a fim de que entre centenas de pessoas alguma apparecesse que pudesse reconhecel-o. Mas em Lisboa, quando um anonymo morria na rua, andava em bolandas de um lado para outro, do Hospital para a Misericordia, da Misericordia para o Governo Civil, do Governo Civil para o Cemiterio, até que, finalmente, acabavam por fazer aquillo que desde logo devia ser feito: dar-lhe a paz da sepultura [1].

Estava a carruagem á porta do Governo Civil, juntaram-se policias, agrupára-se gente, e um rapaz bem vestido, que ia passando, teve tambem curiosidade de espreitar para dentro do trem, se é que não foi impellido por um d'esses mysteriosos presentimentos que nos annunciam as desgraças imminentes — mais as desgraças do que as felicidades.

Ora o rapaz bem vestido, que ia passando, reconheceu o morto que estava no trem.

Era seu pae...

E junto ao trem, acommettido por uma syncope, cahiu nos braços dos curiosos que assistiam a esse drama pungente da vida das ruas.

Eis aqui a nota sentimental d'este acontecimento, que passou rapidamente pelo noticiario dos jornaes da semana, tão rapidamente como os anonymos passam da sua lide quotidiana para a vala de um cemiterio.

Se não fosse esta coincidencia notavel, o pobre vendilhão passaria despercebido na morte como na vida; a sua morte teria impressionado apenas os transeuntes que casualmente a houvessem presenceado, e o cadaver, mettido dentro de um trem, atravessaria a cidade, em caminho do cemiterio, sem ter despertado um leve movimento de sensibilidade.

Mas o vendilhão tinha um filho, e um acaso doloroso fez com que o filho passasse na occasião em

[1] Só em 1899 foi decretada a *morgue* em Lisboa.

que a policia não sabia o que fizesse de um cadaver anonymo.

Felizes ao menos os vendilhões que têm um filho, porque se morrem, e a policia pergunta aos que vão passando — Quem quer este cadaver? pode bem acontecer que uma voz commovida, soluçando de chôro, responda: Quero-o eu. Era meu pae...

III

Manhãs frias

Como todas as grandes cidades, Lisboa tem os seus aspectos estacionaes, a sua face de inverno e a sua face de verão.

Não cabendo no breve espaço d'um capitulo a larga photographia de Lisboa em todos os seus accidentes, estudemos a sua physionomia hybernal n'uma pequena zona intercalada entre a Praça do Principe Real e o Largo de S. Roque.

As arvores da Patriarchal Queimada não gotejavam ante-hontem lagrimas de orvalho, como nas manhãs humidas dos outros invernos. Havia um frio secco, que cortava a pelle, e não fazia chorar as arvores. Na alameda que abre em frente da rua do Abarracamento de Peniche e vae até ao kiosque, o tom amarellado do arvoredo denunciava a devastação do inverno, mas em volta do lago a coloração vegetal resiste ainda ao rigor da temperatura, salvando as suas derradeiras esmeraldas nas folhas que baloiçam ao vento.

Das oito e meia para as nove horas da manhã, costureiras em cujos vestidos a pobreza briga com a moda, a miseria lucta com o figurino — porque os vestidos d'essas pobres mulheres passam por de-

zenas de *encarnações* como os deuses da velha India — surdem da rua do Jasmim, das escadas da rua da Procissão, da rua da Escola Polytechnica, caminhando n'um passo ligeiro através do frio penetrante que lhes põe uma nodoa de gangrena na ponta do nariz.

Todos os dias, á mesma hora, aquellas mulheres passam, com o mesmo vestido e a mesma velocidade, caminho dos ateliers do Chiado e da *Baixa*, e ao descerem a alameda de S. Pedro d'Alcantara têm o aspecto de pequenas sombras ambulantes que se destacam movendo-se no fundo alvacento da manhã, através das arvores.

Duas irmãs, que saiem da banda da rua da Procissão, uma d'ellas formosa, parece guardarem-se uma á outra, e chega a ser assombroso que tanto a que é formosa como a que o não é tenham podido equilibrar-se n'essa jornada de todos os dias, visto que o salto das botinas, comido de um lado, podia facilitar-lhes a queda...

Na rua de D. Pedro V, velhas octogenarias, de capote e alcôfa, vão para o talho, buscar a sua pequena ração de carne. O frio da manhã fal-as mais encolhidas e corcovadas, e quando os *americanos* passam levando trez ou quatro passageiros de gola virada para cima ou *cache-nez* de algodão, param encostando-se ás paredes, cosendo se com as casas, receiosas de poderem morrer de um desastre, ellas, que escaparam a outros!

Padeiros, em mangas de camisa, cabaz sobre o hombro, passam como uma ironia viva, que a saude e a robustez atiram aos velhos e aos engeridos, e as varinas, que saiem com o carapau, olham fragilmente para aquella perfeição de homens, fortes e possantes, de que as velhas ficam provavelmente dizendo: Foram tempos!

Os porteiros dos bellos predios da rua de D. Pedro V, de casacão abotoado e bonnet de galão prateado, desfloram o *Seculo*, com um grande in-

teresse bisbilhoteiro, ou lustram, de panno na mão, o botão metallico da campainha, parando de vez em quando para trocar duas palavras com os criados da visinhança que passam para as compras.

No topo da alameda de S. Pedro de Alcantara, o olhar dilata-se pelo horisonte em que as eminencias da Penha, da Graça e do Castello se esfumam no vapor da manhã. O Tejo, na bahia do Barreiro, parece um lago de fogo por effeito da reverberação do sol, e ao longe, o morro de Palmella afigura-se um pequeno ponto negro que faz lembrar uma mosca immobilisada sobre um vidro embaciado.

Os palacios de S. Pedro de Alcantara dormem como os seus donos ou os seus inquilinos, — serenamente. Depois de S Carlos, quando os donos fecharam as palpebras, fecharam elles as portas, e no somno d'aquella pedra como no somno d'aquellas pessoas ha o que quer que seja de regalo aristocratico, como de quem está sonhando com os *Puritanos* e pensando já na *Favorita*.

As arvores da alameda apontam para o ceu as suas flechas quasi despidas, mas a hera sempre verde enrosca-se pelos troncos, como para dar uma vaga sensação de primavera aos felizes dos palacios que, por mais que façam, não podem nunca conhecer o inverno tal qual elle é na sua dureza agreste.

Em S. Roque, na volta da rua para o largo, o homem das castanhas cosidas, cabaz pousado no chão, mãos nas algibeiras, espera os famintos da manhã, que se sentem tentados pela provocação de um alimento que fumega quando elles teem frio.

No largo, nos dias em que anda a roda, cauteleiros esgrouviados, a voz quasi apagada pela bebida e pelo cansaço, forcejam por capacitar a gente de que elles são uns tolos, que vendem a felicidade

podendo compral-a, e de que a gente não é menos tola acreditando-os a elles.

Ah! mas tudo isto não passa de um ligeiro *croquis* de uma manhã de inverno em Lisboa.

D'ahi a horas, o grande mundo e o alto funccionalismo accordam. Então principia a *étalage*, a pompa do inverno na capital portugueza.

guezes, que iam de simples passeio, a cavallo e a pé, dar uma volta elegante, como hoje se faz pela Avenida.

Por baixo do palacio da Ribeira corria uma arcada, que não era consagrada á politica, mas ao commercio de luxo, pois que abundavam ahi as lojas de ourives e joalheiros.

Todo o movimento da côrte se concentrava no amplo terreiro, onde rodavam côches, escarvavam corceis, soavam charamellas, formigavam soldados, pagens e frades. Perpassavam nas janellas do edificio real as açafatas, que atiravam olhares e sorrisos para fóra, sobretudo ao cair da tarde, quando os cavalleiros eram mais numerosos e os côches mais frequentes.

N'um auto do poeta Chiado chega uma personagem e pergunta por outra:

— Ora bem! Onde é que é d'elle?

Responde-lhe uma voz de mulher:

— Foi passeiar ao *Terreiro*
que já é negro escudeiro.

Era o sitio predilecto da mocidade elegante, como Rebello da Silva explica: «Ao terreiro, que se rasgava defronte do paço, concorriam a pé e a cavallo os fidalgos e os burguezes, convidados mais que tudo no estio pela frescura das brisas maritimas.»

Assim foi durante trez seculos, a começar no 16.º e a acabar no 18.º.

No reinado de D. Maria I escrevia Beckford n'uma das suas cartas: «O terreiro do paço, por onde seguimos caminho, estava cheio de ociosos de todas as classes e sexos, pasmados para as vidraças illuminadas do palacio, na esperança de vêr n'um relance a sombra momentanea de sua mages-

tade, do principe, do confessor ou das damas, escoando-se d'um para outro aposento...»

Os politicos não tinham que vêr n'aquella pasmaceira, filha da curiosidade ou da moda.

Desde o tempo de D. João V que havia secretarias de estado installadas no proprio edificio do paço real, mas a politica não lhes fazia sentinella como hoje; pelo contrario, os politicos do seculo passado iam poisar longe e alto, em Santa Catharina, como sabemos por esta quintilha de Tolentino:

> Iremos ouvir mil petas,
> Quando mais o sol se empina,
> Vendo acerrimos jarretas,
> Junto a Santa Catharina,
> Argumentando em gazetas.

Pois, srs., um bello dia a bisbilhotice politica mudou de poiso, desceu do alto de Santa Catharina para o Terreiro do Paço, e foi apossar-se da arcada, enchendo-a de grupos e boatos.

Quasi não ha logar para mais ninguem. Se querem lá caber, mettem se a um canto o engraxador, duas mulheres que vendem refrescos junto ao Arco da rua Augusta e defronte das Obras Publicas, e a velha que fala só, em casos da Boa Hora, sempre com um papel na mão,—papel sellado... de suor pelo menos.

Em Madrid, no seculo XVII, havia o chamado *Mentidero,* nas grades de *S. Filippe el Real.*

Pois a fabrica das mentiras de Lisboa é na arcada do Terreiro do Paço, dos passos, melhor diriamos, muitos d'elles perdidos e baldados.

Ali pelas duas horas da tarde chega o carapetão politico, de chapéo alto e charuto, toma conta da arcada, e espera que venham outros fazer-lhe grupo.

A's trez, o carapetão já acha auditorio, e larga velas. Vae principiar a manobra do dia. Cada qual tem seu fim, seu proposito, e põe a nado o barco que lhe faz conta.

A's quatro, o enxame dos carapetões parte pela rua do Oiro fóra, sobe para a *Alta*, entra nas lojas, pára á porta da Havaneza, e depois de bem espalhado, vae jantar.

A arcada, apesar de deserta a essa hora, triumpha em toda a linha. Foi ella que ditou a lei do dia e da noite. O que ella disse, correu mundo, entrou na circulação, viverá pelo menos até ao dia seguinte.

O commercio, a industria, a opinião publica, toda a gente está ingenuamente repetindo o que a arcada quiz que se dissesse.

Conta-se um boato á familia, aos amigos, aos conhecidos.

E' o que se diz...

Mas quem foi que o disse? Disse-o a arcada, porque conveiu áquelle, porque interessa a este, porque assim faz arranjo a um ou a outro.

Quantas vezes acontece que a pessoa que espalha um boato na arcada o vae encontrar á noite nos theatros ou no Gremio, já tão nutrido e ancho, que nem reconhece o proprio filho!

E, coisa curiosa! como lhe parece um pouco differente, de modo a desconhecel-o em parte, acaba por acredital-o tambem.

Ha ministros effectivos da arcada, e ministros honorarios da arcada.

Os effectivos são aquelles que moram ou já moraram nos primeiros andares do Terreiro do Paço.

Os honorarios são os que não têm ainda passado do boato, cujas honras vão usufruindo á espera que o *Diario* lh'as authentique um dia.

Teem morrido muitos d'estes, coitados! mas outros os substituem, de farda feita, na esperança de que alguma hora a possam vestir depressa..

Se estivessemos nos Estados-Unidos do Norte, já algum *yankee* se haveria lembrado de mobilar a arcada do Terreiro do Paço para maior commodidade dos frequentadores. O boato teria, para seu regalo, cadeiras, sophás, petiscos e *water-closet*. Mas

Portugal é um paiz baldo de phantasia industrial; não passa do copo d'agua e do engraxador nos palratorios ao ar livre. De modo que todo aquelle que faz sentinella de duas horas no Terreiro do Paço, a pé firme, recolhe a casa descadeirado, derreado, com os pés a latejar dentro das botas.

Mas sabe o que se disse: é a sua consolação.

O portuguez falla em geral menos do que o hespanhol, o francez e o italiano.

Sobretudo fóra de casa, n'um wagon ou n'um hotel, n'um theatro ou n'um café, o portuguez não trava facilmente conhecimento com o visinho.

Embesérra e amola.

Mas na arcada o portuguez sente-se loquaz, fallador e curioso, deita abaixo os governos, põe em cima os governos, nomeia e demitte ministros, faz e desfaz leis, enche e esvasia o *Diario*.

Começa por perguntar — *O que ha de novo?*

E as mais das vezes não espera pela resposta, é elle que responde a si proprio, é elle que conta o que se diz, é elle que tendo começado por fingir-se pedinte, acaba por despejar o sacco das novidades.

Sae d'alli e, se vae jantar a um *hotel*, não diz palavra á mesa; se vae dar um passeio pelo Minho, não conversa com os companheiros de viagem.

Cançou-se, esgotou-se, só tem corda na arcada onde até as pedras lhe conhecem a voz.

O poder da falacia no Terreiro do Paço é tanto e tamanho, que até a pobre velha que para alli costuma ir, não tendo com quem falar, fala comsigo mesma!

Outro dia vi-a sentada n'um banco da Avenida pois estava calada!

O engraxador, contagiado pela influencia do meio fala com as escôvas, as escôvas conversam com a graxa, e a graxa conta em segredo boatos ás botas

Um amigo meu, frequentador da arcada, cuidou outro dia, chegando a casa, ouvir falar uma das botas que trazia calçadas.

Attentou o ouvido e distinguiu isto:

—Coitado! tambem já era tempo de o despacharem amanuense!

Muito admirado, perguntou á bota:

—Que estás tu ahi dizendo?

—Falo de um rapaz, meu conhecido, que finalmente vae ser despachado amanuense.

—Como sabes isso?

—O engraxador contou-o á escova, que o contou á graxa, que m'o contou a mim...

—Pois vocês occupam-se d'essas coisas?

—Nós cá, as botas, emquanto os senhores falam dos que estão empoleirados na politica, conversamos dos que, sendo da nossa igualha, andam mais ao rés do chão...

Agora, quando começa o tempo quente, vê a gente pessoas silenciosas e solitarias fugindo ao sol ou ermando debaixo de uma arvore rachitica á espera do *americano*.

Mas se fôr ao Terreiro do Paço, lá encontra o boato a tagarellar e a olhar de vez em quando para cima, á espera que caia tudo...

II

Em cima. A miseria do amanuense

Milton, no *Paraizo perdido*, cantou a tremenda revolta dos anjos contra Deus. Ainda, estou certo d'isso, ha de apparecer um poeta de pulso, que se proponha celebrar em seus versos a justa revolta dos amanuenses contra a sociedade. E ha uma tal ou qual relação de semelhança entre as duas

revoltas, porque me quer parecer ás vezes que Lucifer, o chefe dos anjos rebeldes, teve o castigo de vir ser, na burocracia do mundo, o primeiro amanuense.

Castigo medonho! que se vae perpetuando n'uma classe inteira, obrigada a pagar innocentemente as culpas do seu progenitor...

Dizia de uma vez um jogador sempre infeliz:

—Ha duas especies de homens, acreditem. A uma poz-lhe Deus a mão no hombro, dizendo-lhe: «Eu te ajudarei.» A' outra, deu-lhe um pontapé no fundo das costas, exclamando: «Arranja-te lá como puderes.» Eu pertenço a esta ultima especie! concluia desesperado o jogador.

Pois tambem o amanuense está inscripto no rol d'esses que foram atirados para este mundo por um pontapé do Omnipotente.

De trambolhão em trambolhão, rolando pelo ar, o amanuense veiu cair, de cabeça para baixo, dentro de uma repartição publica. Luctando, escabujando, passam muitos annos primeiro que consiga firmar-se nos pés e levantar a cabeça. A maior parte d'elles, coitados! não chegam nunca a descobrir, burocraticamente, a lei do equilibrio natural. Ficam, eternamente, de cabeça para baixo, á espera que chegue um ministro que, vendo as questões terra a terra, faça reparo em que os amanuenses estão sempre á dependura...

Conheci um ancião pessimista que, em ouvindo fallar de quaesquer complicações politicas do paiz, costumava dizer:

—Para o anno ainda ha de ser peior.

E o caso é que acertava sempre...

O amanuense, pelo que toca á sua classe, poderá imitar esse sceptico ancião, prophetisando todas as vezes que ha substituição de ministro:

—Este ainda ha de ser peior que o outro...

E tambem o amanuense, até hoje, tem acertado sempre...

A roda politica dá de repente uma volta, leva um ministro e traz outro.

Os chefes de repartição arrebanham os seus amanuenses, para irem processionalmente cumprimentar o novo ministro que chega.

Abre-se a porta do gabinete, entram á frente o chefe e os segundos officiaes, depois os amanuenses.

S. ex.ª o ministro está contente como umas paschoas, recebe-os a todos com um sorriso de mal disfarçada felicidade.

—Meus senhores—diz s. ex.ª—conto com o seu auxilio, como poderão contar com o meu.

Passado algum tempo, que não precisa ser muito, morre um segundo official.

Ha um estremecimento de alegria em toda a classe dos amanuenses...

Um allega a sua antiguidade.

Outro allega os seus talentos e serviços.

Ainda outro conta com o apoio do chefe, cujas manias tem procurado lisonjear, sempre com o olho na promoção.

Passam vinte dias, trinta dias, sem que o ministro faça o despacho.

Todos os amanuenses se deitam cada noite embalados n'este doce sonho de esperança:

—Sou eu!...

Um bello dia, apparece nomeado um estranho á repartição—politico influente nas eleições d'algum circulo.

—Tenham paciencia! diz o chefe. S. ex.ª estava muito compromettido... Mas soceguem, que vae haver uma reforma dos quadros...

Como vae haver uma reforma dos quadros, é preciso preparar grandes trabalhos de estatistica. O ministro quer preceder a sua reforma de um bem elaborado relatorio cheio de mappas e de algarismos.

Quem o paga é o amanuense, que passa trez se-

manas a sommar, a diminuir, a multiplicar. E' elle que vae todos os dias levantando a enorme pyramide de algarismos, sobre a qual se ha de firmar a gloria reformadora de s. ex.ª o ministro.

Effectivamente a reforma apparece. Alargam-se os quadros, como estava annunciado, mas para alargar os quadros, foi preciso apertar os amanuenses.

Que lhes resta fazer então? Oh! uma coisa tão legitima como inutil: representar.

Obtida auctorisação do respectivo chefe, que por sua vez a pede ao ministro, vae uma commissão de amanuenses ao gabinete de s. ex.ª.

Um d'elles, que escreve para os jornaes, e que por isso tem fóros de meio litterato, é encarregado de botar a fala do estylo.

— A carestia das subsistencias... a elevação da renda das casas... o augmento de trabalho pela organisação de novos serviços... a rêde dos impostos directos... a triste situação em que se encontra a classe... a preterição dos direitos adquiridos; em conclusão, justiça, ex.^mo^ sr., justiça!

Resposta de s. ex.ª:

— Que sim, que justiça será feita... para a outra vez.

A outra vez chega com outro ministro, que, para variar, faz o mesmo.

Desilludido, desesperado, o amanuense recorre a todos os expedientes possiveis e imaginaveis para ir ganhando a vida fóra da repartição.

Ha um processo muito efficaz para conciliar o serviço publico com o interesse particular, mas para isso é preciso ter as costas quentes com um padrinho ou com um jornal. Consiste esse efficaz processo em não pôr nunca os pés na repartição. E' radical.

Outro processo, não de todo mau, visa a conquistar as boas graças do chefe, lisonjeando-o, para que elle não olhe para o relogio quando o amanuense entra mais tarde ou quando sae mais cedo.

Se o chefe da repartição tem a mania das doenças, o amanuense explora-lh'a em proveito proprio.

Supponhamos que o chefe padece de uma dyspepsia...

O amanuense principia por queixar-se do estomago a pouco e pouco. Vae tambem caminhando a passos mesurados para outra dyspepsia.

—E então como vae isso? pergunta o chefe.

—Não ha que vêr: é uma dyspepsia perfeitamente caracterisada.

—Flatulenta?

—Sim, senhor. Passei uma noite horrivel...

—Tambem eu! Não sei se é da mudança de tempo...

—Disse-me um medico que sempre influia um pouco.

—Eu tambem desconfiei de uns bôlos que comi ao jantar...

—Ah! v. ex.ª não coma bôlos...

—Porque?

E o amanuense, que os não come nunca, aproveita esta occasião de arreliar a humanidade parecendo aliás amavel.

—Porque são o diabo para as dyspepsias!

Se o chefe de repartição é baboso por mulheres, convém ao amanuense explorar lhe essa corda sensivel.

Supponhamos que o amanuense entra na secretaria ás duas horas da tarde...

—Logo hoje, que eu lhe pedi para vir mais cedo, é que se demorou tanto! Tenho estado ralado á sua espera!...

—O' conselheiro! até v. ex.ª, pelo mesmo motivo, não deixaria de vir a esta hora...

—O que foi?! Mulher?!

—Mas que mulher, conselheiro!

—Onde? Onde?

—Vi-a no Rocio, a sair de S. Domingos...

—Typo? Diga lá o typo.

—Alta, forte, morena, cabellos e olhos pretos...

—E' bom typo! Depois? depois?

—Depois metteu pelo Poço do Borratem, calçada do Caldas, rua Nova de S. Mamede, Castello...

—E' um poucochinho longe! E o sr... fallou-lhe?

—Pois então!

—E permittiu-lhe que a acompanhasse?

—Pediu-me que o não fizesse para a não compromettter.

—Mas disse-lhe ao menos onde morava?

—Isso disse.

—Aonde? aonde?

—Rua de Santa Cruz do Castello, n.º tantos...

—Diabo! E' um poucochinho longe! Mas vamos a isto, vamos a isto, que o ministro quer o relatorio copiado até depois de ámanhã.

No dia seguinte, o amanuense entra á mesma hora.

Diz-lhe o chefe:

—A mulher enganou-o!

—Bem sei.

—Ah! sabe!

—Fui lá agora, andei para traz e para diante, e não encontrei tal numero!

—Não ha, não! Ellas usam ás vezes esse expediente para se descartarem de um sujeito. Já me tem acontecido isso! Mas era boa, hein?

—Boa de lei!

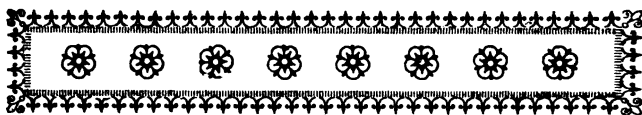
—Se tornar a encontral-a, veja se a segue.

—Já me não escapa... o caso é tornar a encontral-a.

E através de todas as complicações da sua vida particular, de todos os constantes embaraços financeiros da sua existencia, o amanuense, para se ir aguentando com menos fome do que aquella que o orçamento lhe impõe, precisa recorrer a todos estes expedientes habilidosos, a todos estes processos de manha burocratica.

Tendo nascido para obedecer, para obedecer de sobrecasaca, que é a maneira mais cruel de obedecer, mexendo-se sempre, não a toque de caixa, mas a toque de campainha, o amanuense apenas tem um momento de satisfação na sua vida, mas de satisfação ephemera, que não faz senão revoltal-o mais, logo que esse momento passa...

E' quando elle, para quem sempre a campainha parece tocar, põe por sua vez o dedo no botão da campainha para dar ordens... ao continuo!

Moralidade. — Nunca ninguem esteve em *cima* andando tanto em *baixo*.

VII

A Avenida

PARECE que ainda foi outro dia e, comtudo, já lá vae um bom par de annos!

O Passeio Publico, com as suas grades de ferro e as suas arvores sombrias, tendo o ar de um cemiterio... sem mortos, era defendido pela tradição, pelos cavaqueadores que todas as tardes o povoavam, e pelas pessoas que nas noites de verão eram alli certas a gosar a musica de uma banda regimental.

Conhecido, declarado, convicto, só havia um inimigo do Passeio Publico: era Rosa Araujo.

Elle estava então na Camara Municipal, tinha influencia junto do governo, de que fazia parte o seu velho amigo Sampaio, e jurára guerra de morte ás grades de ferro e ás arvores sombrias do Passeio Publico.

Os jornaes sérios e os jornaes burlescos belisca-

vam todos os dias Rosa Araujo, tratavam-n'o pela sua alcunha popular de *Cocó*, como se fosse um desdouro isso! feriam a pessoa para atacar o plano audacioso de dar cabo do Passeio Publico, que era um parenthesis de tristeza encravado na cidade baixa.

Pela sua parte Rosa Araujo lia todos os jornaes, não deixou nunca de os comprar todos, mas não os acreditava — o que constitue a unica maneira sensata de os lêr.

Bondoso por indole, obsequiador por genio, ia fazendo favores a toda a gente, — menos ao Passeio Publico.

Era n'esse tempo director de um Banco, que emprestava dinheiro com facilidade, tanta facilidade que se arruinou. Com um pé na Camara Municipal e outro no Banco, dispondo, além d'isso, de grandes meios de fortuna, comprehende-se que Rosa Araujo pudesse dispensar favores a todo o mundo, incluindo o mundo, não pequeno, dos que na ausencia o tratavam por *Cocó* e lhe iam censurando as suas tendencias de Barão Haussman portuguez.

Pois que! vinha agora um homem que tinha sahido do povo, e que, por educação commercial, devia saber fabricar pasteis, propôr-se transformar Lisboa. a nobre cidade de marmore e de granito, que altivamente se havia consolidado nas suas tradições, e que perderia o seu grandioso caracter historico, se lhe arrancassem uma pedra ou uma arvore!

O que estava devia estar... Era sagrado! Ali não se tocava. Que o Rosa Araujo era bom homem... concordava-se. Mas d'ahi até consentirem-lhe que désse cabo do Passeio Publico, ia uma distancia enorme. Pois então aquelle rico sitio onde os brazileiros conversavam de manhã, onde os *habitués* do Martinho iam dar uma volta á tarde depois de haverem tomado o café, e onde á noite passeiavam as *cocottes* e os aspirantes da Escola do

Exercito, podia estar sujeito ao capricho de um homem, que lhe jurára guerra de morte! Qual! Era intoleravel de audacia — um arrojo de vandalismo!

Rosa Araujo, sempre muito concentrado, com a sua physionomia de inalteravel bondade, onde um leve gesto de contracção dolorosa se enrugava por vezes, tambem de quando em quando apparecia no Passeio Publico a olhar para as grades e para as arvores, como pensando n'este problema que lhe attraía todas as attenções: quanto tempo levaria a arrazar tudo aquillo?

A opinião publica, que era a opinião do Passeio, fortalecida pela tradição, adivinhava-lhe o pensamento, e preparava-se para atacal-o até ás ultimas barricadas, se fôsse preciso.

Far-se-iam comicios, representações, protestos...

Pois então qualquer cidade de provincia havia de ter o seu Passeio, tão pittoresco como o de Evora, tão bonito como os de Aveiro e Lamego, e Lisboa, a capital, teria de ficar privada d'essa regalia publica, que constituia um dote da cidade, um apanagio que todo o bom lisboeta deveria defender até á derradeira gotta de sangue!

Não podia ser!

Rosa Araujo encontrava-se ás vezes com o unico homem que na Lisboa d'esse tempo o comprehendia.

Era o engenheiro Miguel Paes, um sonhador das futuras grandezas materiaes da capital, e portanto — dizia a opinião publica — um utopista da laia de Rosa Araujo.

O que queria o engenheiro Miguel Paes?

Umas bagatellas, que no seu entender deviam engrandecer Lisboa, e que custariam a insignificancia d'uns cincoenta mil contos de réis.

Queria uma ponte sobre o Tejo, um viaducto sobre o valle do Passeio Publico, queria varios túnneis dentro da cidade, queria, nada mais e nada menos, transformar Lisboa.

Este homem, tão bom como Rosa Araujo, era o unico companheiro logico que a Providencia puzera ao lado do terrivel inimigo do Passeio Publico.

Sempre que os dois se encontravam, fallavam mano a mano como quem se entende n'uma intima communidade de sonhos e ambições.

Dizia Rosa Araujo:

— Este Passeio Publico, se fôr demolido, dará á cidade um ar de grandeza que ella não tem...

E Miguel Paes atalhava-o, não por estar em desaccôrdo, mas por seguir justamente a mesma ordem de ideias:

— E a ponte, a ponte sobre o Tejo! Que belleza e que vantagem! De mais a mais elles estão enganados quanto ao preço d'essa obra grandiosa. Dêmme trez mil contos, que eu me encarrego de fazer a ponte.

— O peior, continuava Rosa Araujo, o peior não é arrancar as grades do Passeio. O peior é a demolição dos predios que lá ficam ao fundo; olhe, meu amigo, aquelle predio onde está a photographia do Rocha. Vê-o d'aqui?

— Perfeitamente.

— Pois a expropriação d'aquelle e dos outros é cara. Os meus collegas na camara vacillam; e o tempo vae passando sem que a Avenida nasça.

— Não se importe com os collegas nem com ninguem. Mande arrancar as grades, mande derrubar as arvores, que o resto irá depois. E logo que a Avenida esteja feita, eu tratarei do viaducto que ha de ligar S. Pedro d'Alcantara com a Graça. Que formosura, hein! Ora faça de conta, Rosa Araujo, que já lá está o viaducto. Póde imaginar-se coisa mais bella!

E Rosa Araujo e Miguel Paes ficavam de cara no ar, a olhar para o ceu azul, onde cuidavam descobrir o traço negro do viaducto, lançado sobre a ampla Avenida... que não tinha nascido ainda!

Enlevavam-se, como dois poetas, n'esse sonho

tão querido da imaginação de um e outro: o engrandecimento material de Lisboa. Mas, comquanto iguaes em aspirações, estava escripto que só um dos dois fosse feliz.

Este, o feliz, foi Rosa Araujo.

E' certo que morreu pobre, ralado de desgostos, esquecido por muitos de quem elle sempre se havia lembrado.

Mas viu realisado o seu sonho: a Avenida fez-se; a Avenida, contra a qual todos protestavam em these, foi recebida com agrado, applaudida sem reservas.

Que importava a Rosa Araujo que na sua algibeira já não houvesse dinheiro? Elle nunca lhe deu grande apreço, nunca se ensoberbeceu por o ter... quando o tinha.

Firme na sua ideia, o predio grande do fundo do Passeio foi demolido durante uma noite. As grades de ferro tiveram egual sorte. As arvores sombrias appareceram um dia com as raizes ao sol. A Avenida da Liberdade nasceu n'esse dia...

Então Lisboa inteira ficou admirada de que a cidade pudesse ter tanta luz e tanto ar! de que um clarão de alegria pudesse irromper livremente desde Val de Pereiro até ao largo dos Restauradores! Lisboa, de cara lavada, admirou-se de si propria!

N'esse dia em que a Avenida nasceu, começou a glorificação de Rosa Araujo.

Miguel Paes, que de boa vontade se sujeitaria a pedir esmola se pudesse ter visto realisada a ponte sobre o Tejo, não foi tão feliz.

Nem ponte, nem viaducto, nem túnneis, nem nada! Morreu sem vêr nada d'isso. Se elle ao menos, depois de morto, tivesse passeiado pelo viaducto da Graça como Rosa Araujo passeiou domingo, n'uma apotheose posthuma, pela Avenida da Liberdade!... Os mortos não fazem concorrencia uns aos outros, os mortos não se acotevellam como os vivos. A gloria de Rosa Araujo não nos

deve fazer esquecer d'esse pobre Miguel Paes, que tanto amou Lisboa e que tanto sonhou engrandecêl-a.

O funeral de Rosa Araujo, se elle como Carlos V pudesse vêl-o, pagar-lhe-ia sobejamente todos os desgostos que nos ultimos annos de vida padeceu.

A conducção do feretro em triumpho ao longo da Avenida seria para elle uma especie de marcha para o Capitolio.

Duas alas compactas de povo esperavam o prestito funebre n'um silencio solemne — porque o silencio é a necrologia sincera que o povo sabe escrever...

Os candieiros, envoltos em crepe, como que testemunhavam o luto da Avenida pelo seu fundador, e das janellas dos predios que vão desde o Salitre até Val de Pereiro desciam olhares respeitosos, condoidos, que pareciam lagrimas crystalisadas pela bella luz peninsular que o céu, livremente, póde entornar a flux sobre esse bairro novo, que nasceu do pensamento de Rosa Araujo.

Felizes os homens que fizeram alguma coisa util, como Rosa Araujo, porque a hora da morte lhes é certamente suavisada pela consolação de não haverem perdido o tempo, nem malbaratado a existencia.

*
* *

Eu tinha acabado de lêr o *Economista*, o que elle dizia a respeito dos boatos terroristas que influiram na cotação dos nossos fundos; o que lhe communicavam do Porto sobre o retraimento do grande e pequeno commercio; o que, finalmente, lhe contavam de Pariz ácêrca d'essa pyramidal porcaria do isthmo de Panamá.

E a impressão geral que eu tirei d'essa rapida leitura matutina foi que as questões de dinheiro são as que estão destinadas a fechar a porta ao seculo

XIX, sobretudo, a questão da falta de dinheiro, que em Lisboa gera boatos pavorosos relativamente ás urgencias do Estado, que no Porto faz retrair o banqueiro e o tendeiro, e que em Pariz prega com uma cabazada de legisladores no lôdo do Sena.

E, devo confessal-o ainda, lendo o discurso de Delahaye na camara franceza, revolvendo mentalmente com um gancho de trapeiro esse enorme barril de lixo, no fundo do qual talvez esteja o proprio sr. Floquet, presidente da camara, eu como que tive uma vertigem de orgulho nacional ao lembrar-me de que todas as nossas derrocadas bancarias, de que todos os nossos escandalos financeiros, comparados com a trapalhada do Panamá, ficam fazendo a figura de uma barata ao lado de um elephante.

Porque, a falar verdade, nós temos tido por cá uns charcosinhos de escandalo, em que se afogam duas pessoas, quando muito trez, mas aquillo em França, como quem diz na immaculada republica de Platão Junior, é um mar de suspeições, de descredito, que abrange nada menos de 150 legisladores.

E ainda eu continuava pensando que se em Pariz são grandes as necessidades de dinheiro, porque a vida é ostentosa e os habitos são requintadamente elegantes, nós cá, pobres de nós! somos um povosinho modesto em seus habitos, com o juizo bastante para encolhermos as nossas despezas, por amor das deducções e reducções que nos têm ajudado a levarmos resignadamente a cruz ao Calvario de um *deficit* minimo annual de 6:000 contos apenas.

Meia hora depois, pegando eu a trabalhar, a encher tiras de papel como quem está enchendo chouriços de sangue — do meu proprio sangüe talvez, que já não é muito, — ia dizendo com os meus botões que muito bonito é um povo ter o bom senso que lhe é preciso, pagar o que lhe pedirem, e gas-

via obrigado a descasar a parelha, para ficar reduzido a um só cavallo!

Até sob o ponto de vista da sociedade protectora dos animaes isso deve custar a um coração bem formado, porque um cavallo que fica só, estando habituado a viver com outro, deve ficar muito apoquentado da sua vida.

Mas, emfim, a hora dos sacrificios chega a todos, pensava eu, não ha remedio senão vêr se esta coisa da crise se concerta de algum modo, seja pela reforma da reforma das pautas, seja pela emissão de um papel novo em concorrencia com o já existente, seja, principalmente, pelo concurso dos esforços geraes para um proximo futuro de economia, que redima todos os desgovernos proximo-passados.

A's quatro horas da tarde, depois de ter ganho o meu dia com patriotica resignação, achei que devia, no interesse do proprio paiz, que não póde perder cidadãos, ir dar uma volta a fim de prudentemente conservar a minha saude, regular o equilibrio das minhas forças physicas.

Desci pelas ruas de um bairro, que nasceu magestoso e opulento nos ultimos seis annos, quando precisamente as vaccas já não estavam na engorda, e, sem realmente dar grande attenção ao facto de vaccas magras produzirem predios gordos, entro de repente na Avenida.

Oh! santo Deus! fiquei deslumbrado como quem, tendo acabado de accordar, abre uma janella n'um dia claro. Até cheguei a espirrar, que é o que sempre me acontece quando apanho um forte golpe de sol.

Espirrei e exclamei:

—Mas isto é um paiz delicioso, que não precisa governo para coisa nenhuma! Isto é um paiz que a si mesmo se governa com tanta alegria como juizo! E quando os pobres são alegres, são felizes. Viva Deus! Mas que importa o *deficit* de 6:000 contos! Até lhe pudemos dar licença de ser de 7:000 como

cisos. Isto é um paiz que se governa por si mesmo, principalmente ao domingo. Aqui ha ainda muita vida, muito miolo, muita materia collectavel. Carregue-lhe, sr. ministro da fazenda!

Faça uma experiencia, o governo. Cerceie mais os juros das inscripções, augmente as decimas, reduza os ordenados dos funccionarios a 50 por cento, e verá que, logo no domingo seguinte, á mesma hora, a hora aristocratica, quatro da tarde, duzentas carruagens sobem a Avenida, descem a Avenida, passam para cima, passam para baixo, passam e repassam cheias de pessoas ricas, de pessoas felizes, cheias de contribuintes contentes como umas paschoas.

E deixem chegar a Lisboa os deputados, sem subsidio. Vel-os-hão de carruagem aos trez em cada banco — unica economia que tenho visto fazer agora aos que pagam contribuição sumptuaria — alegres, bem dispostos, de violetas ao peito, de charuto na bocca, passeiando na Avenida o seu unico diploma ou o seu duplicado diploma, sem sequer se lembrarem do subsidio que Deus lá tem, vai para dois mezes!

Isto é que é! e o mais são Panamás, miserias da França e dos outros paizes pobres. As libras não fazem cá falta, as pautas não estragaram nada, as reducções e deducções ainda não fizeram uma victima.

Aqui ha massa, aqui ha miolo: carregue-lhe, sr. ministro da fazenda, que é o que o paiz precisa.

Moralidade.—por fóra cordas de viola; por dentro pão bolorento.

VIII

O estio

Carapinhada! eu te saúdo.

Tu começaste emfim a fazer as delicias dos encalmados lisboetas, tomada ás duas horas da tarde, no Ferrari ou no Martinho, ás colheres, com uma certa voluptuosidade que elles bem deixam perceber, e que eu acredito que realmente seja deliciosa.

E digo — acredito — porque, para mim, a carapinhada é apenas uma coisa que os outros tomam.

Estação calmosa! bella estação da calça branca, d'essa fresca calça branca que passa ás vezes por a gente como um leque aberto, dando pelo menos uma grata sensação de frescura, eu te saudo.

Deve sêr bom, poder vestir uma leve calça branca e atravessar a cidade não só com um certo ar de bem estar, mas decerto com as pernas frescas.

E digo — decerto — porque a calça branca é, para mim, apenas uma coisa que os outros vestem.

Estação balnear, temporada alegre das praias,

que vaes principiando a armar as tuas barracas desde Pedroiços até Cascaes, eu te saudo!

Como deve ser bom, depois de uma noite calmosa, cheia de calor e de mosquitos, passada n'uma pequena alcova de uma pequena casa, ir pela manhã para a praia e mergulhar o corpo na tina larga do Tejo ou na onda fria de Cascaes!

Como deve ser bom!

E digo — como deve ser bom! — porque os banhos do mar são, para mim, apenas uma coisa que os outros perpetram.

Fresca solidão das montanhas, retiro suave de uma quinta bem solitaria, fechada de arvoredo, e perdida no fundo longinquo da provincia, eu te saudo!

Como deve ser bom no campo, mas no campo bem affastado, levantar cedo, de madrugada, e passeiar sob as arvores, ouvindo cantar os passaros e as pastoras!

Mas, ai de mim! jámais possuirei esse doce prazer de levantar cedo para passeiar sob as arvores ouvindo cantar as pastoras e os passaros!

Porque, levantar cedo, é para mim apenas uma coisa que alguns outros têm a coragem de praticar.

Depois, sempre na mesma quinta, bem fechada de arvoredo, bem sombria e bem distante, como deve ser bom, ler o correio á sombra, lembrando-se a gente de que aquelle papel, aquelle jornal ou aquella carta, chega de Lisboa, uma fornalha, ao passo que n'aquella bella quinta tudo é sombra e frescura — mesmo ao meio dia!

Mas para experimentar essa agradavel sensação, de ler o correio á sombra, n'uma quinta, é preciso, creio eu, possuir de algum modo uma quinta.

E, meu Deus! uma quinta é, para mim, apenas uma coisa que os outros possuem!

*

* *

Ha pessoas que vão desde a infancia para Bellas ou para a Nazareth, e que nem por um decreto mudariam de habito.

Pergunta-lhes a gente se não gostariam de variar um anno por outro, indo para o Gradil ou para S. Martinho do Porto, e respondem convictamente que tal mudança não lhes poderia agradar.

Porque?

Não sabem, mas affirmam que não gostariam decerto.

Assim é que outras pessoas, que jamais comeram lamprea, por exemplo, teimam em dizer que não gostam de lamprea — sem nunca a terem comido!

Em chegando o estio, os que costumam ir para Bellas entendem que têm obrigação de não faltar um unico anno, e largam por ahi fóra tão contentes como se lá os estivesse esperando uma verdadeira surpreza.

Qual historia! Conhecem já todas as arvores de Bellas, as quaes, por sua vez, os conhecem tambem, como ás suas proprias folhas.

Quando elles chegam, todas as arvores parecem dizer-lhes n'um tom de expansiva familiaridade:

— Viva! viva! Olá! esse fato é novo! E o chapeu? Não é com certeza o mesmo do anno passado. Fez bem em substituil-o. O outro ficava-lhe mal. Já sabemos que a sua prima Carlota nos passou o pé. Lemos isso nas gazetas. Casou rica? Devia casar, porque era uma bonita rapariga, muito requestada. Olhe, aqui, que nós saibamos, teve ella trez namoros ao mesmo tempo. A' nossa sombra enganou todos trez, visto ter casado com outro, que não temos a honra de conhecer.

E' isto. Até as arvores sabem os segredos da familia, o numero de namoros das primas bonitas,

e o tempo que duram os chapeus das pessoas que todos os annos vão para aquelle sitio.

Por sua parte, essas pessoas pagam-lhes na mesma familiaridade bisbilhoteira, commentando:

— O anno passado esta arvore estava mais bonita. Foi ar que lhe deu! Alto lá! Falta aqui uma oliveira, n'este logar! Apodreceria? Pois foi pena! Ainda ha dois annos esteve carregada de azeitonas!

E' a mesma coisa. Tambem os *habitués* do sitio sabem pelo meudo a vida das arvores, o anno em que produziram mais, o anno em que produziram menos, etc.

Os saloios repetem aproximadamente as mesmas saudações e os mesmos commentarios das arvores.

— Ora benza-o Deus, que ainda está para melhor do que o anno passado! E o menino A'rthur! esse é que vem capaz de arrancar do chão um pinheiro! Foi o leite da minha burra, que o poz assim o anno passado! Quando cá chegou, parecia chupado das bruchas! Não ha ares como os dos nossos sitios para dar saude a uma pessoa.

Depois vem a burra, que engordou o menino Arthur, fazer os seus cumprimentos, arreatada pelo saloio.

O pae do menino, a mãe do menino, o proprio menino têm, para lisonjear o saloio, que apresentar os seus agradecimentos á burra, passando-lhe a mão pelo pello, batendo-lhe uma palmadinha na testa.

E não basta isto — é preciso dizer tambem alguma coisa em honra da burra.

— Pois olhe, tio Zé, que a sua *Ruça* está este anno muito catita! Bem se diz que a caridade bem entendida começa por nós... salvo seja! A *Ruça* não se limita a dar leite para engordar os outros: vae-se engordando a si propria.

E o saloio responde muito agradecido.

— Não está másica de todo, não senhor! Tambem cá uma pessoa não lhe falta a coisa nenhuma.

Morrem por isto os *habitués*, por conhecerem, nas estações de verão, não só os saloios, mas até as burras.

Nos trez primeiros dias depois que chegam, andam elles de casa em casa, de loja em loja, a dar abraços a todas as pessoas, visto não estar em costume, e não ser facil, abraçar as burras a que devemos gratidão.

*

* *

Alguns, os pobres, principalmente, ficam agora, ficam sempre. Venha o verão, por mais ardente que seja, e não se mobilisam: estão, do verbo latino *sto*, estar firme.

Para esses inventam outros que taes, quer dizer tambem pobres, certos ramos de commercio, com que vão armando á tentação de uma ou outra moeda de cobre, para irem governando a sua vida.

Por este tempo apparecem sempre nas praças publicas os vendedores de limonada de cavallinho, em que o assucar mascavado faz as delicias do paladar plebeu.

Era até hoje o unico refresco elegante do povo, mas este anno appareceram uns hespanhoes a vender sorvetes a dez réis e a novidade parece que tem logrado bom exito.

A's sete horas da manhã já os hespanhoes andam na rua, de sorveteira na mão, apregoando:

— Sorvetes a 10 réis. Qué fino! Qué fino!

Chega a parecer absurdo que ás sete horas da manhã pense alguem, quando o calor ainda não abrasa, e o padeiro ainda não bateu á porta, em tomar um sorvete,— como prologo ao almoço!

Que, n'essa hora matutina, uma pessoa se refresque por fóra com agua do chafariz, é decente e

agradavel; mas que se refresque por dentro com um copinho de neve, quando o estomago está frio, só se póde explicar pela fascinação que todas as novidades exercem.

Já appareceram tambem as primeiras melancias, que são para o povo uma antiga especie de sorvete. Mas o sorvete a dez reis veiu fazer este anno uma perigosa concorrencia á melancia, tanto mais que tem o *tic* de uma novidade elegante, a attracção do desconhecido, cotado nos habitos dispendiosos das classes superiores.

Ha scenas de um comico admiravel, ahi por essas ruas, desde que as percorrem os vendedores ambulantes de sorvetes.

Vêr um moço de esquina perpetrar o primeiro sorvete, levar a mão á bocca por suppor que podia trincar a neve como se tritura um bocado de pão, vêl-o atarantado, cuidando que todos os dentes lhe cairam, a olhar para o chão, procurando-os, constitue um bello quadro popular, de um comico impagavel, que faz lembrar as boas farças grotescas do theatro antigo.

Os piteireiros encartados, esses não querem arriscar-se ás incertezas de uma novidade, que tanto póde agradar-lhes como desagradar-lhes. Vão indo pelo seguro. Do vinho já elles sabem, de sciencia certa, que aquece no inverno e refresca no verão. E ao passo que a neve lhes poderia levar os dentes, se a uzassem, o vinho, nem que seja bebido sobre o dente, offende a dentuça.

Outro ramo de commercio, caracteristico do verão das ruas, é a pera assada, a bella pera assada, seis por dez réis.

Uma trova popular canta o rico sabor que tem a pera parda de agosto:

> Chamaste-me pera parda,
> Pera parda eu quero ser.
> Lá virá o mez de agosto,
> Em que me queiras comer.

Ou crua ou assada a pera parda de agosto faz as delicias da gulodice popular, e até as raparigas morenas, se os namorados lhes chamam peras pardas, todas se ufanam em lembrar-lhes que essa fructa tem um grande consumo no verão.

Nos bailes campestres, que tanta concorrencia attraem no estio, não é raro vêr uma valsista cravar os dentes n'uma perinha fresca ao sentar-se cansada e afogueada da dança.

O leitor sabe como os *habitués* dos bailes campestres usam convidar as *damas* com quem desejam dançar?

Tal é a formula:

— A menina brinca?

No vocabulario do povo, esta locução corresponde a est'outra dos salões:

— V. ex.ª dá-me a honra d'esta valsa?

E nos bailes campestres, se a menina está disposta a brincar, levanta-se de golpe, e offerece o seu lenço branco ao parceiro que a honrou com a sua escolha.

Para que é o lenço branco?

O lenço branco é para que o parceiro o dobre sobre a anquinha da dama, e ponha sobre elle a mão, a fim de evitar que a transpiração provocada pela dança possa enodoar o vestido.

Quem é que nas noites calmosas de verão não tem ouvido, ao longe, a musica de um baile campestre, entrando pela madrugada com uma infatigavel febricitação de compassos, n'um delirio choregraphico de trombones?

Ao sabbado, principalmente, é isso vulgarissimo.

E quando a gente, ás duas horas da madrugada, ouve, por cima dos muros dos quintaes, os compassos vertiginosos de uma valsa, fica pensando alguns minutos, vagamente, n'essa bella robustez das classes pobres, que resistem a uma noite de dança depois de um dia de trabalho.

E o baile repete-se todos os sabbados, com a

mesma furia bailadeira, e a tisica galopante, que nos salões parece gerar-se no bacillus da valsa, respeita os corpos das costureiritas e dos operarios, passando, sem os tocar, para ir mais longe, e mais alto, fazer a sua colheita.

As classes populares de Lisboa dormem pouquissimo no verão. Parece que no inverno, deitando-se com as gallinhas, dormem por atacado para todo o anno.

E explica-se que o proletario, vivendo encafurnado n'uma pequena casa estreita e insalubre, tenha no verão horror a fechar as janellas para ir metter-se dentro da cama.

Nas ruas mais solitarias da capital, familias inteiras, sentadas á janella ou no degrau da porta, demoram-se conversando até muito depois da meia noite.

A's seis horas da manhã, se a gente sae para ir passar o dia a Cintra ou ao Estoril, já encontra essas familias de pé, com a janella aberta, gosando a frescura da manhã.

*

* *

Outros, apesar de não serem pobres, não ha força que seja capaz de arrancal-os de Lisboa.

Conheço um negociante da *Baixa* que não póde tragar a provincia.

— A minha trapeira, dizia-me elle, é melhor que todo o campo que o senhor possa imaginar. Tem boa vista, é fresca, aceiada e, sobretudo, meu rico senhor, na minha trapeira não ha saloios!

— Mas como passa então o verão? perguntava-lhe eu.

— Levanto-me ás oito horas e vou refrescar para a trapeira. Depois do almoço trato da minha vida. Depois de jantar, dou dois dedos de cavaco aos vi-

sinhos. E, á noite, vamos uns trez ou quatro passeiar para o Caes das Columnas.

—Para o Caes das Columnas! E gostam d'isso?

—E' magnifico! Corre sempre viração e a agua, que bate na muralha, parece até refrescar o corpo da gente.

—Mas o cheiro do Tejo?

—Qual cheiro! A viração espalha-o. O cheiro vae para os senhores, que estão lá na *Alta*. Nós, no Caes das Columnas, só apanhamos o fresco.

Este bom homem, com os seus trez ou quatro amigos, continúa a passar as noites de verão no Caes das Columnas, sem ter inveja aos que a essa hora estão em Cintra.

Outros são assignantes da alameda de S. Pedro d'Alcantara. Vão para alli ás seis horas da tarde, e só recolhem a casa depois das dez. Sabem os nomes a todos os bustos que estão no jardim. Sabem de quem são os gatos que, saltando a cancella, costumam passeiar por entre as flôres, e estragal-as tambem. Sabem a que pontos da cidade correspondem os candieiros que luzem na vertente oriental. —Olhe, dizem elles a algum adventicio, acolá é a calçada do Lavra. E o adventicio pergunta, muito estranho:—Aquelles trez candeeiros, que parecem enterrados n'uma cova funda e estreita, de que rua são?—Aquillo? aquillo acolá é a rua Nova de S. Mamede, aos Caldas.

O guarda do jardim conhece os *habitués* da alameda, dá-lhes conversa, de junco debaixo do braço e sempre de casacão vestido, ainda que o calor seja de rachar pedras.

Muitas vezes tenho ouvido os *habitués* discutirem entre si as alternativas, as reformas por que tem passado o jardim.

Ha alguns, tão encasados com o sitio, que ainda não puderam levar á paciencia que substituissem o feitio do jardim antigo pelo risco inglez que elle tem hoje.

— Você lembra-se? Tinha arvores, havia trepadeiras, as rosas amarellas cobriam em cachos a parede, que, se a gente se debruçasse na grade da alameda, até podia colhêr as rosas. Agora o jardim está branco d'areia, muito nu, sem sombra, sem trepadeiras... que até dá vontade de chorar!

— Mas isto assim é mais fino!

— Qual mais fino! Pergunto eu uma coisa: nós somos portuguezes ou inglezes?

— Nós devemos ser portuguezes. .

— Pois ahi está. Se nós somos portuguezes, para que havemos de ter jardins inglezes?

— Não sei!

— Nem eu. Mas ainda quero fazer outra pergunta.

— Diga sempre.

— Os inglezes terão porventura lá jardins á portugueza? Tó carocho! Isso têm elles, que são curiosos!

— Olha quem!

— Pois então tenha cada um o que lhe é dado ter na sua terra, e deixemo nos de extrangeirices. Quando você vae ao Senhor da Serra, a Bellas, não lhe dá gosto entrar na quinta do Marquez, cheia de arvores, de ervas, que até se regala uma pessoa de estar para ali em mangas de camisa?!

— Pois é mesmo!

— E' porque é uma quinta portugueza de lei, cheia de sombra á bruta. Corte-lhe as arvores, ceife lhe as ervas, risque para ali um parque inglez, como dizem os jardineiros da camara, e verá se não vem de lá assado com o calor! Ora aqui deitaram a baixo as arvores, e deixaram de pé os bustos! Pois os bustos é que dão sombra?

— Já se vê que não!

— E puzeram ali um viveiro, ao lado, por troça.

— Acho que não seria por isso...

— Foi! Pois se elles não querem as arvores para coisa nenhuma, para que diabo é que precisam creal-as!

E ali, conversando casos do sitio, discutindo o jardim moderno e o jardim antigo, conhecendo os gatos, conhecendo o guarda, conhecendo os candieiros, passam o verão os *habitués* de S. Pedro de Alcantara, que nem sequer se lembrariam de que existe Cintra, se não ouvissem partir para lá os comboyos.

Mas nenhuma d'essas contentes pessoas se lembra de dizer uma unica vez:

—Se eu fosse tambem!...

Qual! Todos os outros podem partir, mas elles ficarão sempre... a tomar conta na cidade.

*

* *

Dois d'estes esquisitões, que não saiem nunca de Lisboa, embora fiquem sós, subiam no ultimo dia de agosto a rua Nova do Almada, pelas quatro horas da tarde, e achando-se perfeitamente á vontade na solidão profunda d'aquella rua, de que eram os dois unicos transeuntes, resolveram, por accordo subito, fazer a sua patuscada campestre alli mesmo, ás barbas do Chiado, no coração de Lisboa.

Um d'elles, o que morava mais perto, ahi para o largo do Carmo, mandou buscar a casa uma mesa, duas cadeiras, e o jantar.

Esperaram encostados á *montre* do Ferin que tudo isso chegasse. Veio primeiro a mesa.

Abriram-n'a no meio da rua, sacudiram-lhe o pó com os lenços, e ficaram esperando pelas cadeiras.

Depois chegaram as cadeiras. Sentaram-se n'ellas, á mesa, e assim, em plena rua Nova do Almada, sem que estorvassem ninguem e sem que ninguem os estorvasse, estiveram esperando pelo jantar.

Veio finalmente o jantar.

O criado desdobrou a toalha, poz os pratos e os talheres, collocou os copos e os guardanapos.

O dono da casa, isto é, o dono da rua, quiz pessoalmente tirar a sopa, emquanto o seu commensal se não dispensava de mexer por sua propria mão a salada de alface.

A solidão continuava a ser completa, como a de um gabinete particular, em que é expressamente prohibida a entrada... aos outros.

Porque o jantar ao ar livre pareça abrir o apetite, acharam deliciosa a sopa, repetiram.

Passaram ao *hors-d'œuvre*. Magnifico!

— Que bello jantar! dizia um.

— Que excellente jantar! acrescentava o outro.

— Que pena não nos fazer companhia o Mendonça!

— Está no Espinho.

— E o Tancredo!

— Está em Cascaes.

— E o Maldonado!

— Está em Telheiras.

— E nós estamos aqui... na rua Nova do Almada.

Riram, e beberam.

Pela rua, ninguem. Nem mesmo um pobre, nem mesmo um parasita que se aproveitasse da occasião.

— E' escusado haver cuidado com as colheres de prata, dissera o amigo do dono da rua.

— Sim, observára o amphytrião, é escusado fechar a porta...

Aloyau à la portugaise.

— Está magnifico este lombo!

— Eu te digo, foi hontem o *Figaro* no *menu* do *Grand-Hotel*, que me suscitou a idéa de o mandar fazer para hoje. Justo é que, pelo menos á mesa, sejamos uma vez portuguezes. Eis aqui a razão do nosso *aloyau à la portugaise,* que está realmente delicioso.

— Nunca jantei no campo tão bem!

— Havemos de repetir. Temos por nosso todo o

mez de setembro. O que poderá obstar a que continuemos a fazer os nossos pacatos *pic-nics* em plena rua Nova do Almada? Nada, ninguem. Nem mesmo a policia. A policia foi toda para as Caldas curar-se do rheumatismo que nas noites de inverno apanha encostada ás esquinas. Pelo que nos respeita, aproveitamos uma rua que os lisbonenses voluntariamente nos abandonaram. Pois de quem é hoje a rua Nova do Almada? De ninguem, e de todos. *Primi capientis.* Mas, além de nós dois, não ha n'este momento mais ninguem em Lisboa que tenha o bom gosto de se aproveitar de uma rua para jantar ao ar livre. O que pudemos fazer é, quando Lisboa voltar a casa, restituirmos-lhe a rua. Não concordas n'isto? Acho mais delicado e cavalheiroso. Para que diabo havemos nós de ficar com a rua sabendo aliás quem é o dono? Nada! Sejamos homens de bem. Voltem, srs. lisboetas, voltem quando quizerem, e nós lhe restituiremos esta sua arteria do Chiado. Está dito, sim? Restituiremos a arteria, mas, emquanto o dono não chega, aproveitemol-a para uma série de *pic-nics*, que hoje deixamos inaugurada — solemnemente.

E, rindo, continuaram a beber.

Chegados ao *dessert*, lembraram se de que poderiam ter doce fresco só com o pequeno trabalho de mandarem o criado compral-o alli ao pé — á antiga casa Ferrari.

O amphytrião dissera ao seu conviva:

— Meu amigo, a respeito de doce vamos comer o do sitio. E' uma especialidade d'esta rua. Aquella porta de vidros que alli vês é o guarda-vento de um mosteiro que um antigo monge, de origem italiana, Ferrari se chamava elle, fundou, ha muitos seculos, para as religiosas da sua ordem. Fabrica-se alli um doce afamado que nós vamos provar. Se fossemos passar o dia a Odivellas, haveriamos comido marmelada; se estivessemos nas Caldas, teriamos cavacas para a sobremesa. Viemos passar o

dia á rua Nova do Almada, havemos de comer o doce do Ferrari.

N'isto voltava o criado com a bandeja cheia de bolos finos.

— O homem da loja, disse elle, perguntou se o doce era para alguns viajantes que tivessem chegado de fóra.

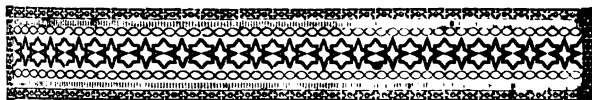
— Coitado! Como em Lisboa não está ninguem, só algum raro viajante que vem chegando se lembra de comprar as guloseimas do sitio. Pois quando lhe fores levar a bandeja, dize-lhe que sim, que somos effectivamente dois viajantes, dois amigos, que resolvemos vir fazer um *pic-nic* a Lisboa para ver a estatua de D. José e o arco da rua Augusta. Tambem lhe pódes dizer que gostamos muito — que são dois bellos monumentos. Havemos de escrever um folhetim de impressões, tanto mais que este sitio parece pouco explorado por litteratos em viagem. Accrescenta que depois de termos visto os monumentos, tratamos de procurar sitio para jantar, e que escolhemos este por ser dos mais pittorescos que encontramos.

N'isto principiou a ouvir-se a melodia de um piano.

— O quê?! Pois temos musica! E' alguma castellã enamorada, que está confidenciando aos eccos d'esta solidão campestre os segredos da sua alma. Se fôr isso, que bello assumpto para o folhetim! Olha, chega alli ao convento, e pergunta ao sachristão das freiras, que te vendeu o dôce, se elle sabe quem seja a castellã apaixonada que está tocando piano.

O criado foi saber o que o amo desejava e, a breve trecho, voltou com a resposta:

— O homem disse-me que havia de ser na loja do Neuparth algum professor de musica que estivesse experimentando um piano...

Então os dois amigos accordaram do seu sonho. Lembraram-se de que effectivamente estavam em Lisboa, na baixa, no fóco dos saguões, e dos maus cheiros, n'essa *cloaca maxima*... de todo o anno!

IX

O inverno

PASSAR o inverno em Lisboa: eis o maior desejo do provinciano.

Passar o verão na provincia: eis o maior desejo do lisboeta.

E comtudo nem o provinciano está bem em Lisboa, nem o lisboeta está bem na provincia.

O provinciano, que vem hybernar na capital, arruina o estomago, a algibeira, os pés; ás vezes o coração.

Queixa-se das comidas do *Hotel*, do dinheiro que é obrigado a gastar, do mau piso das ruas, e, quando Deus quer, das consequencias de alguma phantasia amorosa que teve n'esta Babylonia de marmore e de granito, á beira-mar plantada.

Percebe que nos theatros, nas ruas, nas lojas o reconhecem á legua como provinciano, e suppõe que se riem um pouco a seu respeito. Anda desconfiado, com a pedra no sapato, receioso de que

lhe queiram metter os pés nas algibeiras, fazer c ninho atraz da orelha...

Nos theatros, enfada-se muito nos intervallos, dá lhe o somno, boceja, cabecea, tem saudades do seu largo leito alvejante de linho, onde bem podia estar dormindo, na provincia, áquella hora, que lá seria morta, profunda de silencio e de somno...

Nas lojas, parece-lhe que tudo é mais caro para elle, que lhe pedem o dobro, o triplo do que as coisas costumam custar.

Discute: menos um tostão, menos seis vintens. E' caro. Não quero. Vou a outra parte.

O seu estomago de diamante principia a atrazar-se nas digestões, a azedar se, a fraquejar. E' a cosinha do *Hotel*, diz o provinciano, esta maldita cosinha franceza, cheia de molhos e de massas.

Quasi todas as semanas recebe más noticias da terra.

Ardeu-lhe um palheiro.

Morreu-lhe o burro.

Estragou-se uma sementeira.

— Se eu lá estivesse, diz o provinciano, não teria acontecido nada d'isto.

O caseiro participa-lhe que, quando foi pagar a decima, já estava relaxada.

— Grande camêlo! exclama o provinciano, e eu que tanto lhe recommendei a decima!

Tambem o caseiro lhe manda dizer que foi lá o morgado da Carrasqueira para tratar de um negocio, mas que, estando ausente o patrão, não quiz dizer que negocio era.

— O que seria? pergunta a si mesmo o provinciano. Perdi de certo uma boa occasião de ganhar dinheiro.

Mas a tudo isto se sacrifica o provinciano só para poder dizer com orgulho que passou o inverno em Lisboa, gastando dinheiro e fazendo crescer agua na bocca aos seus conterraneos menos ricos do que elle.

A mulher irá deslumbrar a provincia com as ultimas modas de Lisboa. Elle falará da politica, como um sujeito que a observou de perto, contará casos de S. Carlos, cavaqueiras do Martinho, escandalos da Arcada.

Todavia, quando regressam a casa, tanto elle como a mulher exclamam, tornando a ver os seus moveis, os seus criados, os seus cães, os seus campos e o seu grande leito alvejante de linho: «Boa romaria faz quem em sua casa vive em paz.»

*

* *

...Porque em verdade o inverno de Lisboa é isto:

—O' José, traze-me o candieiro.

—O candieiro ao meio dia, meu sr.!

—Pois tu não vês que... não vejo!

—Não via, não senhor; é que está muito escuro!

....

—O' José!

—Meu sr.!

—Deita lenha n'esse fogão.

—Ainda tem!

—Mas deita mais. Está um frio de rachar!

....

No fim do jantar:

—O café bem quente, hein!

—Sim, meu sr.

—Olha lá, ó José, põe tambem aqui o cognac. Safa que frio!

....

Depois do jantar:

—O' José! vê lá se chove.

—Chove, sim, meu sr.

—Traze-me então o casaco de *caout-chouc*, as galochas, o chapeu de chuva, o *cache-nez*.

— Sim, meu sr.: o *cache-nez*, o chapeu de chuva, as galochas e o casaco de *caout-chouc*.

— Vê lá se falta mais alguma cousa!

— Só se o patrão quer vestir tambem o sobretudo de cheviote por baixo e o casaco de *caout-chouc* por cima.

— O que! Vestir o sobretudo por baixo!

....

A' mesa do voltarete:

— O' José!

— Meu sr.

— Os parceiros dão licença: traze-me lá de dentro o *couvre-pieds*.

— Tudo isso é frio!

— Diabo! Não haver tambem um *couvre-mains*... para jogar o voltarete!

....

— Vê lá, menina, se te abafas bem. Conchega mais essa capa... Assim! Olha que a entrada em S. Carlos é perigosa. No salão faz um frio medonho! E nas escadas!

....

Em S. Carlos:

— O' menino! Corre bem o reposteiro.

— Tem rasão, mamã, que está aqui muito frio!

— Tu correste bem o reposteiro, menino?

— Corri, sim.

— Ah! é aqui da friza das Noronhas, que entrou agora uma visita.

....

No segundo acto da *Somnambula:*

— Tu estás arripiada, menina?!

— Estou, sim, — só de vêr a Pacini, de branco e decotada.

....

A' volta do theatro, no trem:

— Atchi! atchi!

— Vês! A pequena constipou-se! Foi de estarmos á espera do trem.

A. J. Antunes

—Este cocheiro chega sempre tarde!

—Não foi isso. As Tutrezendos levam uma hora a entrar para o trem e a gente tem que estar a bater o dente emquanto ss. ex.as entram!

—Pois sim, menina, pois sim: havemos de sahir sempre primeiro do que as Tutrezendos.

....

—O' menino, faça favor de se levantar para o collegio!

—Já lá vou.

Cinco minutos depois:

—O' menino Arthur, olhe que já são sete e meia.

—Chove?

—Chove... pouco.

—Então é melhor esperar que chova menos.

....

—Menino Arthur!

—Que é?

—Já não chove.

—Deixa-me estar então mais outro bocadinho á espera que o tempo segure.

....

—Bom, meus amigos: o resto das remissas fica para ámanhã.

—Mas olha que está chovendo muito!

—Sim! Manda-me chamar um trem.

—O' José, vae buscar um trem para o sr. Godofredo.

Faz-se uma nova remissa.

—Então o José não vae buscar o trem para o Godofredo?!

A criada, assomando á porta:

—O José deitou-se com muita febre e uma pontada do lado direito.

—Ora essa! Uma pneumonia, em vez de um trem!

....

O Godofredo, chegando a casa ás duas horas da noite e escorrendo como o beiral de um telhado:

—Venho n'um charco!

— Como tu vens, minha joia!
— Já te disse como venho: n'um charco!
— Queres um grog?
—Pois, sim, venha um grog.
— Como tu trazes o chapeu de chuva!
— E' verdade! Parece o de miss Bettina Scott no *Abbade Constantino*.
—Mas porque não vieste tu de trem?
—Ora porque não vim eu de trem?! Porque não havia em casa do Torcato quem o fosse buscar!
—Então o criado?!
—O criado está com uma pneumonia. Ih! Ih!
—Que tens tu?
—Já estou a sentir uma dorzinha rheumatica no artelho do pé esquerdo!

....

Idyllio amoroso:
—Não tenhas ciumes da Elysa. E' a ti que eu amo, só a ti, meu amor.
—Não sei, não sei!
—Não sabes! Pois olha, ainda outro dia...
Cai de repente uma granisada.
Julietta recolhe-se para dentro da janella.
Romeu encosta-se á porta do predio, muito perfilado, e o graniso canta-lhe no bico das botas, esparrinhando sobre o passeio.
Dez minutos depois, tendo cessado a saraivada:
Ella—Mas dize lá.
Elle—Que tempo! Parece que estou com os pés dentro de uma tina!
Ella—Olha lá então... por causa da tua garganta.
Elle—Não tem duvida. Ainda outro dia, no Gymnasio, representava-se até o *Durand e Durand*...
Nova saraivada.
Ella—Adeus! adeus! Vae-te embora, querido. O meu coração treme pela tua garganta...

....

Aqui têm meia duzia de authenticos *croquis* do inverno.

Digam-me, francamente, se isto é tempo que se possa tolerar! Tempo em que tudo quanto é mais forte do que o homem parece conspirar contra elle: a agua, o vento, a doença! Tempo de constante retraimento, de sobresaltos continuos, em que o corpo, subjugando o espirito pelo terror, é um tyranno que triumpha!

O estio é, pelo contrario, a estação da franqueza e da confiança.

Nada ha realmente mais franco nem mais confiante do que adormecer a gente á noite junto de uma janella aberta, tendo noventa e nove probabilidades contra cem de que não accordará constipado.

Nada mais digno para esse grande conjuncto de forças physicas, que se chama natureza, do que ver deante de si um homem em mangas de camisa e não o ferir com uma pneumonia!

Nada mais generoso por parte da agua fria do que regalar a gente sem lhe causar o menor damno ao organismo!

Nada mais tranquillisador do que esse bello estio em que a gente conta sempre com o dia de ámanhã para fazer um simples passeio ou uma longa viagem!

Eu não tenho geito nenhum para esquimó. Horrorisa-me a idéa de viver na Groenlandia, no fundo de uma toca, encolhido, aninhado, em quanto cá fóra a neve se vae erguendo em pyramides colossalmente phantasticas.

Sou ainda um pouco portuguez antigo, gosto da franqueza: pão, pão; queijo, queijo. Nada de duvidas, nada de incertezas. Quero sahir? Aborrece-me ter que espreitar o ceu. Virá chuva? não virá chuva? Prometto ir visitar um amigo? Não sei se o tempo dará licença. O meu amigo lá está á espera; mas o tempo não deu licença: chove a potes.

Os cartazes de S. Carlos annunciam a Van-Zandt.

São sete e meia. Veste-se a casaca, ata-se a gravata branca, põem se duas violetasinhas na *boutonnière*.

O que canta ella?

O *Barbeiro de Sevilha*.

Magnifico! Já ouvi o *Barbeiro* pela Donadio, já o ouvi pela Patti, poderei avaliar, pelo confronto, o valor da Van-Zandt.

— O' José! Vê lá se chove?

— Chove muito.

— Vae então buscar um trem.

Dão oito horas, dão oito e meia: nem José nem trem!

As violetas principiam a perder a g[illegible] cura. A gravata começa a brigar com [illegible] collarinho. Um perfido cansaço succede [illegible] cia: uma sombrasinha de preguiça per[illegible] nossos olhos.

São nove horas, e chega o José, só.

— Então o trem, José!

— Não havia nenhum. Estão todos para S. Carlos.

— Não fizeste a diligencia.

— Fiz, sim, senhor. Tambem o criado do sr. Godofredo andava á procura de um trem, e não o encontrou.

São nove e meia. As violetas murcharam, a gravata branca declarou francamente a guerra ao botão do collarinho, a sombrasinha de preguiça converteu-se em somno pesado.

O' José:

— Meu senhor! meu senhor!

— Que é?

— Passou a chuva.

— Deixa passar. São dez horas. Vou deitar-me. Muito divertido, o inverno!

*

* *

Nos ultimos annos o inverno tem trazido comsigo a praga da *influenza*.

A's cinco horas da tarde dois amigos, que vão jantar cada um em sua casa, despedem se até á noite, porque ambos estão convidados para a *soirée* do commendador Peixoto.

— Até logo.

— Bom appetite.

Chegam a casa, mandam servir o jantar, e, em-
[illegible] :speram, parece-lhes que uma leve dôr de
[illegible] rincipia a annunciar-se.
[illegible] lo frio, pensam.
[illegible] jantar para a mesa e, apesar da sopa es-
[illegible] uente como desejariam, falta-lhes o appetite, a dôr de cabeça augmenta, os pés principiam a esfriar como se os tivessem mettido dentro de uma sorveteira.

— Não quero sopa.

— Ora essa, menino! A sopa faz-te bem.

— Ai!

— Que é?

— Uma dôr nas pernas. Estou com *influenza*, decididamente. Vou-me já deitar.

— Manda-se dizer ao commendador que não podemos ir.

— Decerto: não podemos ir; manda-se lá dizer.

N'isto bate-se á porta.

— E' o criado do commendador Peixoto.

— O que quer elle?

— Traz um bilhete.

— Deixa vêr.

«O commendador Peixoto participa ao seu amigo o ex.^mo^ sr... que não póde ter o gosto de o receber hoje em sua casa, porque acaba de cair de cama com um ataque de *influenza*.»

O bilhete está escripto por duas lettras differen-

tes, postoque conhecidas: é a lettra da filha mais velha e a lettra da filha mais nova.

Quem principiou a escrever o bilhete foi a filha mais velha, mas um forte ataque de *influenza* assaltou-a logo ás primeiras palavras, e a filha mais nova teve de concluir o bilhete com algum custo, porque já estava tambem a 38 graus de febre.

Mas em casa do commendador Peixoto ninguem pôde descansar, nem elle mesmo, até depois das nove horas da noite.

Primeiro foi o Ferrari que mandou dizer que não podia mandar os criados, porque lhe tinham adoecido.

Depois foi o pianista que fez saber, por um moço de fretes, que acabava de ser atacado pela *influenza*.

Depois foram as sr.as Rochas, e as sr.as Mesquitas, e as sr.as Tainhas que mandaram aviso de que por doença de pessoas de familia não podiam comparecer.

O criado do commendador Peixoto, que tivera de vir frequentes vezes á porta receber todos estes recados, acabou por sentir-se indisposto.

— Foi golpe de ar que você apanhou na escada, diz-lhe a cosinheira. Deixe, que se alguem agora bater, vou eu lá.

N'isto batem á porta.

E' a cosinheira que vae abrir, porque a outra criada está ajudando a deitar as duas meninas doentes.

— Manda dizer o sr. Pacifico que está com a *influenza*, e que por este motivo não póde cá vir hoje.

D'ahi a momentos a cosinheira começa a queixar-se de dôres de cabeça.

Acode a criada que ja acabou de deitar as meninas:

— Isso foi golpe de ar que você apanhou na escada, quando veio agora o criado do sr. Pacifico. Deixe, que eu olho por tudo.

Mas a criada das meninas foi á janella fallar com o namoro, visto que, achando-se quasi toda a familia doente, a occasião era propicia, e á meia noite, quando se estava deitando, principiou a sentir fortes arripios.

Tambem ella foi atacada de *influenza*.

Pela manhã, o commendador, que não está melhor, quer mandar chamar o medico. Toca a campainha: uma vez, duas vezes, trez vezes. Ninguem responde.

O criado está de cama.

A cosinheira não é senhora da cabeça.

A criada das meninas cada vez tem maiores arripios.

As meninas estão ambas a 39 graus cada uma.

Só a commendadora tem resistido por ora.

— Não te afflijas, diz ella ao marido. Eu vou dar as providencias.

Effectivamente, levanta-se, e reconhece que nenhuma das pessoas da casa está capaz de levantar-se. Para mandar aviso ao medico tem que chamar um moço de esquina. O medico demora-se, porque oitenta doentes o esperam. Entretanto a commendadora principia a sentir-se esquisita, dôres pelo corpo, frio, calor. Não póde comsigo; vae tambem para a cama. Uma hora depois, bate-se á porta: é o doutor.

— Ha de ser o medico! grita do leito o commendador.

— Olhem que está o medico a bater! gritam as meninas.

— E' o medico, é, que eu bem o vejo pela janella do meu quarto, responde, da cama, o criado.

O medico, impaciente, continúa batendo.

— Estamos todos doentes! berra o criado de modo que o medico o possa ouvir.

— Então como hade ser isto? pergunta o doutor.

— Só se v. ex.ª quizer entrar aqui pela janella do meu quarto, que dá para a escada. Está ahi um

banco de accender o candieiro. Suba o sr. doutor ao banco, e poderá abrir a janella. Eu, quando quero sahir de noite, sirvo-me d'esse meio.

O medico trepa ao banco para trepar á janella, que abre sem grande difficuldade. O criado diz-lhe que vá batendo á porta dos quartos, porque todos os senhores e as criadas estão doentes. O doutor visita de uma cajadada o commendador e a commendadora.

— E' a *influenza*, diz elle.

Depois vae ao quarto das meninas.

— E' *influenza* tambem, diagnostica elle.

Dirige-se depois para os quartos das criadas.

— E' ainda a *influenza*, observa.

Por ultimo entra no quarto do criado.

— Vócê está com a doença da moda.

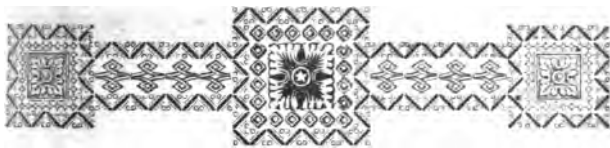
— Qual doença, sr. doutor?

— A *influenza*, homem.

— Isso pega-se, sr. doutor?

— Parece que sim.

— Então foram as criadas que me pegaram isto!

Finalmente, o doutor, visto não haver quem viesse dar volta á chave, resolve sahir do mesmo modo como entrára: pela janella.

X

A loteria do natal

 grande loteria do fim do anno constitue um dos aspectos mais interessantes do inverno da capital.

Lisboa inteira, anciosa e offegante, espera esse terrivel momento em que a Fortuna escolhe, no dia 23 de dezembro, qual a algibeira em que ha de despejar a sua cornucopia repleta de oiro...

Pobre como todas as capitaes, porque é justamente nas grandes cidades que as fascinações abundam, cingindo todos os appetites nas perfidas spiras do seu dorso de serpente tentadora, Lisboa sonha com a riqueza ao menos uma vez por anno, Lisboa phantasia opulencias de Creso quando o dia de Natal se aproxima, e o diluvio de annuncios, de reclamos, de programmas da grande loteria nacional desaba sobre a cidade de marmore e de granito, fazendo promessas ás Margaridas alfa-

cinhas de que, dentro de poucos dias, ellas terão sobejo motivo para cantar a *ária das joias;* abalando a seriedade dos Faustos indigenas só com dizer-lhes ao ouvido que tudo n'este mundo se consegue á força de dinheiro...

Todas estas esperanças despertam no cerebro de cada habitante a idéa de que seja justamente no seu lar que venha a cantar-se a grande opera da felicidade, musica de qualquer dos primeiros *maestros* da Baixa, Silva, Campeão ou Fonseca, musica deliciosa em que ha verdadeiras tempestades sonoras de libras sterlinas que redemoinham n'um vortice phantastico, fazendo de algum modo lembrar a subita explosão de um vulcão cuja lava fosse de oiro...

Conta-se que de uma vez certo marido, ao sair de casa no dia 23 de dezembro, prevenira a mulher de que se fosse certo sair-lhes a sorte grande, elle viria de trem trazer-lhe a boa nova, e que ella, mal sentisse parar á porta a carruagem, atirasse para o meio da rua toda a mobilia pelintra da sua sala, todas as alfaias apirangadas do seu *ménage* burguez, porque, se elle viesse de trem, não havia que duvidar, estariam ricos, muito ricos, riquissimos.

O marido saiu atordoado pela esperança, quasi somnambulo, embriagado de sonhos de grandeza e opulencia. Entrou na rua do Oiro, onde, de um lado e outro da rua, todos iam vendo as suas *cautellas* e os seus *decimos*, para se certificarem bem de que estavam ricos mal lançassem os olhos ao cartaz dos premios grandes, e elle acreditava que todos os outros seriam dentro de pouco tempo uns desgraçados desilludidos, porque a «taluda» era para elle que estava reservada, e só para elle, que lhe antegostava as delicias.

Entrou na loja do Silva, repleta de gente que se acotevellava, que se empurrava, que se precipitava sobre o balcão, e via, com effeito, que todas as caras, risonhas momentos antes, desandavam subita-

mente convertidas em carões chorosos, physionomias funebres, que faziam dó... excepto a elle, porque a infelicidade dos outros era a sua felicidade, tudo aquillo eram probabilidades a seu favor, uma quasi certeza de que a sua esperança estava já convertida em realidade.

Póde enfiar a cabeça por uma clareira, e deitar o luzio para cima do balcão, onde o numero premiado apparecia escripto em caracteres garrafaes sobre uma larga tira de papel, a fim de evitar um tiroteio de perguntas que deixariam esfalfados os caixeiros do estabelecimento se houvessem de responder a todas.

Então, o que elle leu não podia crel-o! Leu... tornou a ler, pediu a um visinho que lêsse por elle, e desenganou-se a final de que a Fortuna o havia atraiçoado brutalmente, guiando-o em sonhos até ao arco grande das Aguas Livres para o despenhar depois no valle da Rabicha, onde, em vez do phalerno promettido, lhe seria apenas permittido continuar a decilitrar o carrascão do seu ordenado de amanuense.

Seccou-se-lhe a bocca, fugiu-lhe a vista, tremeram-lhe as pernas e quando a impressão desceu aos intestinos, o proprio abdomen não ficou indifferente. Quiz segurar-se á hombreira da porta, mas as forças faltavam-lhe cada vez mais, teve que chamar á pressa um trem, para que o conduzisse a casa, e recommendou ao cocheiro que *batesse*, porque se sentia muito incommodado.

A mulher estava á janella, cheia de impaciencia, de sobresaltos, de anciedade. Viu assomar ao fundo da rua um trem em grande batida. De repente, os cavallos estacaram á porta do predio e ella reconheceu a mão do marido abrindo a portinhola do trem.

Santo Deus! estava rica! N'aquelle trem vinha a sorte grande, um decimo do primeiro premio! Ella bem viu que era aquella a mão do marido, mas,

oh prodigio da Fortuna! os dedos eram de oiro, estavam doirados e luzidios como se n'aquelle momento houvessem chegado da fabrica Aurificia, do Porto. Fôra aquella mão que escolhera a sorte grande, e affigurou-se-lhe que a sorte grande era como certas flores que nos doiram os dedos com o seu pollen brilhante.

Mais ligeira do que o relampago, agarrou n'uma cadeira, n'uma jarra, n'um castiçal, n'uma figura de barro e zás, tudo para o meio da rua; correu de novo á sala, pegou em duas cadeiras, que voaram pela janella fóra; e quando ellas se escavacavam na calçada, o marido pallido, tremulo, nervoso, exclamava do limiar da porta:

— Mulher, ainda estamos pobres!

Enriquecer de um dia para o outro! Como é bom só pensar n'isso! Accordar a gente uma bella manhã e sentir bater á porta do quarto, com os seus dedos de oiro, e com a delicadeza de uma fina mão que traga anneis, essa grande dama caprichosa e voluvel, bella mas esquiva, a Sorte Grande, que vem, pé ante pé, segredar-nos pela fechadura da porta a mais terna de todas as confidencias, aquella que um homem jámais poderá receber sem uma grande vibração nervosa de todo o seu organismo: *Estás rico, louquinho!*

Deuses immortaes! Essa voz maviosa não é mais do que a primeira nota de um côro ineffavel de apostrophes, que de toda a parte soarão a nossos ouvidos.

O cocheiro:

— Está posto o trem, excellencia.

O jockey:

— Excellencia, o cavallo está apparelhado.

O Banco de Portugal:

— Excellentissimo, o que vossa excellencia quizer...

O camaroteiro do theatro de S. Carlos:

— A cadeira de vossa excellencia está certa.

O governo:

—Porque não ha de vossa excellencia ser visconde?...

Os amigos:

—Sim, porque não has de tu ser visconde?

As mulheres:

—Não te esqueças de mim quando passares pelo Leitão.

Leitão, o joalheiro:

—Lembre se vossa excellencia das mulheres quando passar por mim...

O sr. Burnay:

—Vossa excellencia ainda ha de fazer commigo um syndicato.

A florista da rua do Oiro:

—Guardei para vossa excellencia esta rosa amarella...

O centro progressista:

—Vossa excellencia deve metter-se na politica.

O centro regenerador:

—A politica espera por vossa excellencia.

A camara municipal:

—Vossa excellencia vai ter uma rua com o seu nome.

Trez litteratos:

—Vossa excellencia devia fundar um jornal.

Um pescador de casamentos ricos, distraindo-se e dizendo por habito, visto que está fallando a uma pessoa rica:

—Amo-vos!

Uma empreza de minas:

—Quando vossa excellencia tiver o capricho de empobrecer, falle comnosco.

Um bric-à-brac de quadros:

—Aqui tem vossa excellencia um Raphael genuino...

Um bric-à-brac de objectos historicos:

—Com esta penna de prata assignou Napoleão I o acto da sua abdicação.

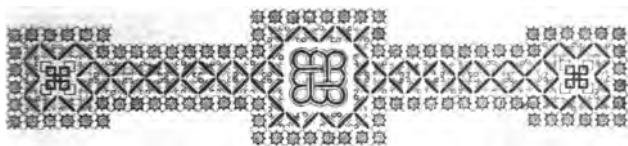
O guarda portão:

—Esta carta e este ramo de flôres para vossa excellencia.

A governanta franceza:

—Bonne nuit, monsieur. Rien de plus?...

Ceus! que bella ladainha esta, em que todas as commodidades, todas as tentações, todas as galanterias d'este mundo são divinisadas pelo dinheiro, e em que cada palavra que se ouve parece não ser mais do que uma conta de oiro que vem por si mesma enfiar-se no rosario da nossa felicidade!

Moralidade.—A sorte grande é, como diz Eduardo Garrido, uma coisa que sae... aos outros.

XI

Carnaval

Accorda a gente ouvindo, na rua, as castanholas dos rapazes. De vez em quando passa ao longe, muito festiva, uma philarmonica de artistas. E' o carnaval, não ha que vêr. Estamos em pleno domingo gordo. Ih! aqui mesmo, debaixo da janella, um *gavroche* veio tocar buzina furiosamente. Parece um epigramma á nossa preguiça cheia de indifferença. A pé! a pé! até os *gavroches* nos fazem surriada. Já se sabe na visinhança que gostamos de levantar-nos tarde; portanto a visinhança aproveita a occasião para nos mandar uma *bisca* n'uma buzina.

Que horas marca o relogio? Onze. Com effeito! a buzina teve razão. A pé! a pé!

Abrimos a janella. Oh! santo Deus! que mal encarado dia! Ceu pesadão, ruas lamacentas. Adivinha-se frio lá fóra. Pois, senhores, os que gostam

de divertir-se no carnaval vão ficar verdadeiramente codilhados com este domingo gordo. Pobres rapazes! Elles ainda querem illudir-se annunciando a festa com as suas castanholas; espantar o mau tempo com a buzina. Agora estou já capacitado de que a buzina não era um epigramma para mim, mas uma declaração de guerra ao mau tempo. Chove já. E é uma boa bátega d'agua, a que está agora caindo sobre a philarmonica que vae passando ao longe. Pobres rapazes! que não poderão divertir-se hoje tanto como esperavam! Pobres raparigas! que contavam decerto poder empoar, dentro dos pateos, ao abrigo da vigilancia da policia, os operarios seus namorados! Vão lá empoar alguem debaixo de chuva: era o mesmo que fazer papas sobre o fato da victima!...

No Brazil vingou a ideia de addiar o carnaval para o tempo do S. João, por ser epocha menos sujeita a doenças.

Através do oceano, consegui encontrar-me com o cidadão brazileiro que propoz tão acertado alvitre.

Já de uma vez, por motivo identico, propuz que a festa patriotica do 1.° de dezembro fosse transferida para o 1.° de junho,—por causa das constipações, bronchites e pneumonias. Um paiz que tem bons patriotas precisa acautelal-os, defendel-os do rigor das intemperies.

E aqui está como a tão respeitavel distancia, mettendo-se de permeio o vasto oceano, dois homens conseguem encontrar-se no mesmo pensamento humanitario!

Com o mau tempo que está fazendo agora, que de doenças se não hão de gerar no carnaval d'este anno!

Nada! Tambem nós precisamos mudar de mez o entrudo, passal-o para o dia de Santo Antonio, que é já tempo quente. Poupa-se uma festa, poupar-se-hão muitas vidas, e a economia bem enten-

dida deve ser como a caridade: principiar por nós mesmos.

Agora, que estamos reformando tudo, não levantemos a mão de cima da massa: reformemos tambem o calendario. Se o não fizermos, teremos que passar sempre pelo desgosto de ver a chuva estragar o carnaval, e de ver o carnaval arrastar para o cemiterio um longo comboio de victimas.

Imaginem os senhores que hoje, em vez d'este domingo casmurro, amanhecia radioso de sol o dia 13 de junho de 1892. Que alegria para os corações moços, e até para os velhos que no carnaval costumam remoçar!

Já elles, uns e outros, iriam a esta hora por ahi fóra descendo o Chiado debaixo da fuzilaria dos tremoços e dos esguichos das bisnagas.

Mascarados em mangas de camisa, sentindo-se leves e frescos, fariam piruetas, dariam saltos e cabriolas, n'uma alegria doida de rapioca nacional.

Como isso não acontece, os que andam agora na rua já apanharam a sua carga d'agua, já têm no corpo o fermento de uma constipação pelo menos. E os mais cautellosos, que ainda estão em casa espreitando o tempo pela janella, sentem-se arreliados, fulos, raivosos contra o destempero da natureza, que não respeita o calendario.

Mas, emfim, eu tenho de almoçar, e de acceitar o tempo tal como elle é.

Chove? Paciencia. Comerei o meu biffe, tanto mais devagar quanto maior fôr o aguaceiro. Com um dia d'estes não se póde sair. E emquanto chover assim, não ha, não póde haver carnaval. Portanto, almocemos tranquillamente, passemos do biffe para os ovos quentes, dos ovos quentes para o chá preto.

O que?! Ainda chove? Pois bem, esperemos. Vamos ler os jornaes da manhã, saber se a França já tem ministerio, se os operarios de Berlim já estão mais socegados, se os fundos subiram ou desceram.

Leio um jornal, leio dois. Que tolice! Basta lêr um jornal para ter lido todos. Mas emfim o tempo ha de gastar-se d'algum modo, sobretudo o mau tempo...

Parece-me ouvir mais castanholas na rua. Talvez a chuva passasse. Se passou, não tenho remedio senão ir até ao Chiado vêr as mascaras, porque no Chiado passa tudo, o bom e o mau, e porque a Casa Havaneza é um porto de abrigo para o caso de um aguaceiro.

Sim, effectivamente não chove agora, mas o ceu está com cara de poucos amigos. Não tarda muito uma chuvada valente. Esta reflexão que eu faço, hão de fazel a tambem os mascarados que estiverem para sair. E não sahirão porcerto. Não sairei tambem, á espera que o tempo melhore.

Vou lêr. Decididamente, vou lêr alguma coisa que valha a pena. Escolherei um livro bom, que consiga fazer-me esquecer das castanholas dos rapazes. Se a leitura me não prender a attenção, se eu continuar a ouvil-as, aborrecer-me-hei, porque as castanholas são realmente implicantes, bolem com os nervos.

Olá! um livro de historia! Não quero sat
já o li ou se o não li: é bom, e isso me basta.
sigo lêr vinte paginas sem ouvir as castanhol
que quer dizer que o livro é realmente optimo.
ro um momento na leitura, porque encontro uma duvida. Isto faz com que eu desça ao mundo da realidade, e oiça de novo as castanholas.

Que horas são? Trez. Diacho! é a hora do Chiado. Mas o tempo continùa tão mau! Não tarda ahi a chuva outra vez. Esperarei mais uma hora. Sairei ás quatro, podendo ser. Com este tempo o Chiado ha de estar deserto, a Casa Havaneza solitaria. Quem é agora que sae de sua casa para ir apanhar, sem necesssidade, uma molhadella?

Não sairei tambem. O melhor que tenho a fazer é lêr mais vinte paginas. Apre! as castanholas, em

a gente lhes dando attenção, fazem cocegas nos ouvidos. E' que se não póde atural-as!

Pois, decididamente, vou lêr outras vinte paginas.

E li. Aprendi alguma coisa, o que quer dizer que não perdi de todo o meu tempo. São quatro horas! Isto não está dia capaz da gente ir por ahi abaixo. De mais a mais sujeitar-me-ia a apanhar uma furiosa metralha de tremoços. Como deve andar pouca gente pelas ruas, todo aquelle que se arriscar a sair de casa, apanhará em cheio os tremoços que estavam guardados para os outros. Ha de ser uma fusilaria de metter medo!

Imaginem a rua da Rosa, por exemplo, rua estreita, onde parece que se foi anichar aos andares toda a gente que gosta de jogar o carnaval. Faço idéa de que as meninas e as sopeiras da rua da Rosa estão agora furiosas, com uma boa provisão de tremoços, á espera que passe algum desgraçado mais audaz. Se esse desgraçado fôsse eu, ficava prompto! Se, pelo contrario, vou por S. Pedro d'Alcantara, exponho-me a apanhar o vento e a chuva, de cara. Não, o melhor é não sair por emquanto. Cautella e caldo de gallinha nunca fez mal a doentes.

Ficarei, lerei ainda outras vinte paginas; já agora chegarei a metade do livro. Pois decididamente, vou lêr.

Que barulho é este na rua? Não, isto é decerto coisa que mereça a pena vêr-se. Largo o livro, corro á janella. Chove, mas passa na rua um mascarado em fralda de camisa, com um pincel n'uma das mãos, e um pote de barro na outra. De vez em quando pára, falla para as janellas, offerece-se para caiador. Os rapazes que o seguem e as visinhas que estão á janella acham-lhe muita graça.

Diacho! Se o carnaval de hoje é isto assim, não vale a pena sair para ir vêl-o. E não poderá ser melhor. Quem ha de com um tempo d'estes arris-

car um bello fato de mascara e uma bella equipagem? Ninguem.

São já cinco horas? Pois dando as seis, vou jantar; é o melhor que tenho a fazer. Veremos amanhã, veremos terça feira, se o tempo melhora, se as mascaras podem sair, e eu tambem.

São seis. Vamos lá jantar.

Que tal está a noite? Má. Os charcos da rua reluzem á luz do gaz. Vêem-se as estrellas? Algumas; poucas. Para o sul está muito escuro. Vem chuva. Pois deixal-a vir, eu é que não quero apanhal-a.

Os bailes de mascaras hão de estar desanimados, insipidos. Nem toda a gente póde andar de trem. Ficarão, portanto, muitas pessoas em casa. Ir para um baile de mascaras, onde a temperatura é elevada, e estar com os pés humidos, chega a ser tolice. Ir de galochas, chega a ser ridiculo.

O que visto e ponderado, resolvo ficar em casa, achando assim um meio termo conciliador para não ir de trem nem de galochas.

Sem embargo, faço ideia do que vae [illegible] essa Lisboa toda.

Os que têm apenas vinte annos estão [illegible] n'um mar de felicidade.

O carnaval, aos vinte annos, tem lic[illegible] tudo, para um assalto de bisnaga em punho, ao longo do corredor que é ordinariamente muito escuro, e ao fundo do qual, onde a sombra é mais densa, o perseguidor consegue segurar a bella perseguida pela algema encantadora de... um beijo.

Eu digo só — um beijo —, porque timbro em ser um chronista honesto, ainda mesmo quando tenho a certeza de que ninguem me ha de ler.

Depois, o perseguidor e a perseguida voltam á sala, muito afogueados do rosto e... do beijo, e ninguem suspeita ou parece suspeitar de que n'aquella scena carnavalesca houvesse outro instrumento além da bisnaga, outra liberdade que não fosse a de um borrifo de agua de Colonia.

Mas a verdade é que o beijo lá ficou engastado n'uns labios de rubim, e que a bisnaga voltou vasia para justificação apparente dos culpados

Depois, na sala, em pleno *salsifré*, na bochecha dos papás e das mamãs, o idyllio continua, graças ás liberdades que o carnaval permitte.

Ha sempre uma prima que namora um primo, uma visinha que namora um visinho, uma Julietta de *loup* que namora um Romeu de bigode postiço. Os dois sentem se felizes, muito felizes, o primo marca o *cotillon* e valsa com a prima, o primo cae de joelhos, sobre a almofada, aos pés da prima ou esgalga-se, dando saltos no meio da casa, para apagar a véla que ella tem na mão.

No carnaval ninguem tem tempo para pensar mal dos outros, senão para se divertir. Ninguem se lembra de suspeitar que haja veneno em tudo aquillo, —o veneno que não se vende nas boticas, mas que se encontra no fundo do coração.

Não! Ninguem interpõe o seu *veto* a uma folia carnavalesca. Nem mesmo o poder moderador das

ce do primo, ha um terceiro, um des-
Othello de dominó, até esse, graças
tem licença para abrir a valvula do
fazer epigrammas, *calembours*, phrases azedas que vão cravar-se, como pequeninos punhaes, no seio esbagaxado da Julietta de *loup*.

— Esta mulher, póde dizer o Othello de *dominó*, parece-se muito com o visconde de Paiva Manso, que morreu ha annos em Lisboa.

—Porque? em que?

—Porque é Levy Anna *(levianna)* e elle era Levy Maria.

Todos acham muita graça ao *calembour*, e todos o recebem, até talvez a Julietta de *loup*, como um dito espirituoso de mascara, uma liberdade de carnaval.

A's trez horas da manhã a prima Julietta sae do

baile, ainda com uma bisnaga na algibeira, e o primo no coração. Roda a carruagem para casa, e ella, através do vidro da portinhola, manda ainda um olhar apaixonado ao primo Romeu que ficou parado a vel-a partir.

Então ella vae gosando a delicia de aspirar a agua de Colonia com que o primo a encharcou, — no fundo do corredor. As luvas, o lenço, o leque, tudo isso conserva o perfume do primo, e ás vezes, durante a quaresma, a prima Julietta, no mysterio do seu *boudoir*, cheira ás escondidas o primo Romeu, quer dizer, cheira as luvas que elle encharcou n'aquella feliz noite de carnaval que passára.

Mas o primo Romeu, depois que a carruagem partira, foi descarregar no baile publico de D. Maria a electricidade amorosa de que a prima o saturára.

Toda a gente sabe como é facil encontrar á entrada de um baile publico uma Traviata disponivel, que de algum modo complete uma Julietta platonica. O primo Romeu, uma vez em liberdade, dá o braço á Traviata cheia de tentação e de appetite, que vae ceiar, que bebe Champagne, e que ri crystallinamente n'uma orgia de dois, comendo e bebendo, como se não fosse a decima vez que ceia n'aquella noite.

No dia seguinte, o primo Romeu levanta-se tarde, muito tarde...

Tem-se quarenta annos?

Então ri-se a gente de vêr a loucura carnavalesca dos outros — o que é tambem um divertimento, com a vantagem de gastar menos dinheiro em ceias e bisnagas.

Os quarenta annos são muito mais baratos do que os vinte.

Pede-se apenas, no botequim, meio bife para um, e Collares.

Mas o bife é para quem o pede, o Collares é para quem o paga. Aos vinte annos, quem paga o Champagne é exactamente quem o bebe menos.

Depois d'esta ceiasinha pacata e barata, o de quarenta annos accende um charuto e então, através das nuvens de fumo, vê passar em turbilhão ondulante as recordações deleitosas do carnaval dos vinte annos, as mulheres que outr'ora o intrigaram e bisnagaram, os *dominós* de luvas *gris-perle*, as *pastorinhas* de seio nú, e ás vezes por entre as mulheres imaginárias do passado apparece uma mulher do presente, de carne e osso, que póde acceitar o braço que se lhe offerece, sem que se lhe haja offerecido a ceia.

E' muito mais barato como vêem.

Nos camarotes, nas frisas, as mulheres de quarenta annos sentem todo o peso dos seus *pés de gallinha* e dos seus filhos.

Estão no principio da noite arreliadas, desesperadas, fulas.

Já não ha ninguem que as bisnague, ao passo que para a frisa do lado, onde florece um jardim de vinte annos, está assestado um verdadeiro tiroteio [illegible] as.

[illegible] heres de quarenta annos limpam com o [illegible] m mau humor os salpicos de agua de Co- [illegible] lhes chegam da frisa immediata. Mostram- [illegible] modadas com aquella má visinhança, que lhes póde constipar... um braço.

— Isto não são termos de brincar! dizem ellas para os maridos, de modo que as visinhas do lado oiçam. Estou encharcada! Se irei ter rheumatismo n'este braço!

Entretanto, no botequim, os estroinas vão ceiando copiosamente, bebendo, bebendo.

Os maridos dizem ás mulheres de quarenta annos:

— O' filha, já está pouca gente. Vamo-nos nós embora?

E ellas respondem:

— Assim como assim, gozemos o nosso dinheiro.

E' que ellas bem sabem que os estroinas estão a

ceiar, e que quando elles voltam ao salão, no momento em que o baile referve mais doido, prestes a acabar, costumam despejar a torto e a direito as suas bisnagas.

São quasi quatro horas da manhã.

Os estroinas voltam do botequim ao salão, e desatam n'uma orgia desenfreada.

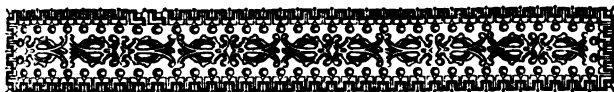
E na confusão das bisnagas, na furia do tiroteio, um d'elles, sem saber porque, aponta a sua bisnaga á dama de quarenta annos e despeja-lh'a sobre o rosto.

Então ella, felizmente encharcada, felizmente bisnagada, volta-se para o marido e diz:

— Vamos embora, que não quero que entrem de semana commigo. Isto é por força gente conhecida...

Mas sente-se ditosa, radiantemente ditosa, porque ao menos, dos milhões de bisnagas que se gastaram em Lisboa, uma foi gasta com ella.

E na carruagem, ao ouvido do marido, de modo que o filho de quinze annos não oiça:

— Veja como sou uma mulher séria. Assim que me bisnagaram, quiz vir embora...

XII

A renda das casas

Ou casar ou metter freira, dizia o proverbio antigo.

Uma paraphrase d'este rifão cabalmente explica o facto capital com que a semana fechou: pagar a renda da casa ou ir para o meio da rua.

N'uma cidade populosa como Lisboa, onde o proletario abunda, não póde deixar de ser este um facto capital, que sobresalta a maior parte das familias.

Por que a verdade é que, peior ou melhor, o pão nosso de cada dia vae supprindo as exigencias do estomago; no orçamento domestico, a fonte da receita vae gottejando sempre, mais ou menos, de modo que a Praça da Figueira não seja inteiramente o supplicio de Tantalo. Trez quartas partes da população vivem *au jour le jour*, lá se vão arranjando, ás vezes providencialmente.

Mas a renda das casas é preciso pedil-a a um sacrificio, talvez a um milagre só comparavel ao jorro de agua que a vara de Moysés arrancou ao rochedo do Horeb.

Não é uma gotta que se possa pedir á escassa fonte das receitas ordinarias, mas antes uma brutalidade de dinheiro, um punhado de libras, que importa descobrir em alguma fonte, nos bancos da rua dos Capellistas, no Monte-pio Geral ou nas garras do agiota.

Lisboa, que é habitualmente uma cidade alegre e frivola, uma cidade que ri e que esquece, Lisboa, a Lisboa do amanuense e do artista, a Lisboa do proletario e do inquilino, tem no seu calendario dois dias terriveis, sinistros: 20 de maio e 20 de novembro.

Tudo a população d'esta bella cidade esquece facilmente: as tempestades da politica, os incidentes do parlamento, os escandalos da sociedade. Cada facto notavel que vae acontecendo, preoccupa-a dois dias — apenas. Um crime, por mais monstruoso que seja, obriga-a a gastar um vintem, sómente. Durante dois dias consecutivos toda a gente compra um jornal, devora soffregamente quatro columnas de pormenores, e uma gravura. Mas ao terceiro dia, Lisboa sóbe ao ceu da sua frivolidade, manda ao diabo a reportagem, como um preguiçoso que, para dormir melhor, se volta para o outro lado e torna a pegar no somno.

Os garotos podem gritar na rua pregões atroadores, as esquinas podem estar cheias de cartazes e de reclamos a quaesquer publicações allusivas ao facto. Lisboa não ouve os garotos, Lisboa não lê os cartazes, Lisboa não compra os opusculos, ainda que esses opusculos sejam pamphletos. O que Lisboa quer, cançada já de um acontecimento que fez ruido dois dias, é — outro acontecimento.

Mas uma só coisa ha que ella não esquece, uma só coisa em que pensa a serio, e em que, mais ou

menos, vae pensando todo o anno. Essa coisa é a renda da casa. Ora a renda da casa está personificada no individuo que a recebe: esse individuo é o senhorio. Portanto, Lisboa, durante todo o anno, pensa no senhorio,

O folhetim, a comedia, a anecdota visam ao senhorio. alcançam-n'o, ferem n'o, não o largam. O senhorio e a sogra são as duas individualidades mais atacadas pela troça lisbonense. Lisboa atura toda a especie de maçador e pantomimeiro, Lisboa perdôa tudo quanto lhe queiram fazer: até perdoou ao homem das botas! Mas não perdôa ao senhorio, não esquece o senhorio: Lisboa odeia o.

E Lisboa tem razão. O senhorio é a espada de Damocles, sempre pendente sobre o pescoço do inquilino é o rochedo que o Sysipho indigena vae rolando constantemente; é o espectro de Banquo, implacavel e tenaz, que vae perseguindo o proletario desde janeiro a dezembro.

E' elle que apparece mentalmente no seio de todas as familias quando se trata de planear um passeio a Cintra ou de comprar uma frisa em S. Carlos, para dizer egoista e ameaçador: «Não póde ser. Lembrem-se que têm de pagar me a renda da casa.»

E' elle que se engalfinha no pescoço do amanuense de repartição, e o afoga como um carrasco, quando o amanuense pensa em dar a sua mão de esposo, com a respectiva manga de alpaca, á girafasinha dos seus pensamentos.

E' elle que arranca violentamente o *portemonnaie* da mão da D. Pulcheria, viuva do major fulano, ou da D. Engracia, mulher do chefe de repartição sicrano, quando a D. Pulcheria pensa em comprar um chapeo de flores roxas e a D. Engracia pensa em comprar um chapeu de flores encarnadas.

E' elle que investe com o joven D. Antonio ou com o joven D. José quando ambos pensam em comprar cavallo, quando ambos, saindo de S. Car-

los, vêm imaginando descer o Chiado, a par, montados nos seus baios, cortejando á direita e á esquerda, muito firmes no selim, muito bons pés de estribo, muito boas mãos de redea.

D. Antonio e D. José projectam tomar parte nas proximas corridas do hypodromo, ganhar o premio do governo ou o premio de el-rei, mas para que realisem esse ideal falta-lhes apenas... o cavallo.

Ora D. Antonio casou, e já tem dois filhos; ora D. José não casou ainda, mas já tem quatro filhos; ambos elles têm senhorio.

E o senhorio de D. Antonio e de D. José entra como um beleguim no cerebro dos dois marialvas, e rouba lhes o cavallo como um cigano, deitando a fugir com elle.

Porque, a verdade é esta, nunca uma pessoa está livre da renda da casa.

D. Antonio compraria o cavallo se não tivesse ainda que pagar a renda.

D. José compral-o ia tambem, se pudesse; mas não póde, porque já pagou a renda no dia 20 ou no dia 25, por exigencia do arrendamento.

Entre D. Antonio e D. José, como entre toda a gente, antes ou depois do dia 20 de maio e de novembro, ergue-se como uma barreira para todos os sonhos, como uma muralha da China que impede todas as invasões da phantasia, a figura terrivel. sinistra, colossal do senhorio.

*

* *

Sim, o grande comboyo social da miseria ia effectivamente partir para a terrivel viagem da locação das casas. Com uma velocidade verdadeiramente vertiginosa, essa rapida locomotiva só pára de seis em seis mezes, para se demorar um instante; depois vae de novo galopando doidamente atra-

vés do tempo, e se algum passageiro morre durante a viagem, o seu cadaver é arremessado pela janella fóra na direcção dos Prazeres ou do Alto de S. João, mas o comboyo vae caminhando sempre, sempre, conduzindo na sua marcha quasi phantastica aquelles cuja ultima hora não soou ainda...

Nas estações, novos viajantes esperam, preparados para a viagem. São familias que se constituiram recentemente, noivas que sobraçam o cofresinho das suas joias, com que os paes e os amigos da familia as brindáram no dia do casamento; rapazes de vinte annos, que desposáram com grande estrondo de noticiario essas gentis meninas inconscientes do seu futuro—e que levam por unico passaporte matrimonial a carta regia que os nomeou amanuenses de secretaria ou aspirantes do correio e da alfandega.

Entrando no wagon onde viuvas esfomeadas e antigos burocratas famintos fazem a viagem da vida com um mau humor que os torna hostis a todos os governos, a todas as evoluções sociaes, e á invasão de todos os progressos politicos, ouvindo as queixas amargas das viuvas que lamentam a sua miseria, e dos fidalgos arruinados que trocariam o seu appellido de familia por um charuto de vintem, esses alegres noivos, ainda embriagados pelas fugitivas alegrias da lua de mel, principiam a accordar do seu extasi nupcial, e vão perdendo parcellas de alegria e de felicidade á medida que o comboyo terrivel vae devorando kilometros e illusões.

A primeira estação que elles fizeram foi a 20 de maio. Tinham realisado umas comprasinhas baratas para o seu *ménage;* alugaram um trem para pagar as visitas de casamento, e mal acabavam ainda de embarcar no seu wagon de familia, quando o comboyo pára de repente, e uma nova estação é annunciada. Estavam a 20 de novembro, e na plataforma da estação o vulto automatico do senhorio abria para elles essa mão terrivelmente adun-

ca, que parece levar ao mesmo tempo a renda e a pelle.

— O que?! exclamáram os noivos simultaneamente. Pois já?!

Já, sim, já um semestre passou Quão longe que fica de ambos elles a egreja em que um dia entráram para casar, e todavia quão pouco tempo é decorrido ainda!

Em roda, e emquanto o comboyo se demora, a turba dos inquilinos pranteia-se, lamenta-se, explicando aos senhorios as dificuldades, os transtornos que tiveram de vencer para se acharem ali n'aquelle dia e áquella hora, pontualmente.

—Que sentem muito, respondem os senhorios, mas que não póde ser por menos, que está tudo muito caro, que as decimas são muito grandes, que os negocios vão mal. E adeusinho, até ao outro semestre; que tenham saude e felicidade, que passem por lá muito bem.

A machina dá o signal de partida, os passageiros retomam os seus logares, acommodam as suas malas, e, examinando-as, todos reconhecem que lhes falta alguma cousa, e que vão muito mais pobres do que chegaram ali.

— Lá me ficou uma pulseira! exclama a noiva de ha um anno.

Ficou, sim, no braço do senhorio, porque em Lisboa os senhorios são verdadeiras *montres* de ourives.

Toda a gente pára a contemplar a da ourivesaria Leitão no largo das Duas Igrejas. Pois um bom senhorio, e quero com isto dizer um dono de muitos predios, tem decerto muito mais que vêr quando passa na imponencia magestosa dos seus rendimentos. Pendem-lhe das orelhas muitos pares de brincos, no que é superior aos selvagens; pelos braços felpudos enroscam-se-lhe armillas de oiro, scintillantes de pedras preciosas. Sobre o peitilho da camisa reluzem broches, de variado gosto. Quando

tira o chapeu para cumprimentar alguem, descobrem-se-lhe pentes contornados de perolas, espetados nas farripas grisalhas.

E a gente diz. observando-o:

— Olha, aquelle era o bracelete da viscondessa! aquelle pente de oiro era da sogra do conselheiro! aquelle brochesinho de prata comprei-o eu ha dois annos para dar a uma afilhada que casou ha um!

E emquanto o comboyo galopa doidamente, como um corcel de fogo, as conversações dos passageiros continuam sobre a carestia dos generos e das casas, sobre a incuria de todos os governos perante a eterna questão do proletariado, sobre a falta de bairros expressamente construidos para as classes menos favorecidas da fortuna, sobre a desigualdade das posições sociaes e a tyrannia dos ricos para com os pobres.

Uma viuva que tem quatro tostões diarios de monte-pio, diz para a noiva que vae a seu lado:

— Vê-me agora sem chapeu, não é verdade? Pois eu já tive um...

— Só um??

— Um que valeu por dez.

— Não percebo!...

— Ah! minha rica menina! vae no caminho... ha de perceber um dia.

— Mas explique sempre.

— É facil. Tive, quando casei, um chapeu com flôres de laranjeira. Passado um anno, tirei-lhe as flôres e puz-lhe o fructo...

— O que?! Poz laranjas no chapeu?

— Não foram laranjas precisamente. Puz-lhe um cacho de uvas no sitio em que tinha as flôres. Depois morreu-me um tio, e fiz vindima — em signal de sentimento. Tirei as uvas e puz fitas pretas. Depois, morreu meu marido, e aproveitei a carcassa para a cobrir de merino. Depois...

— Depois, conservou, naturalmente, o mesmo chapeu?

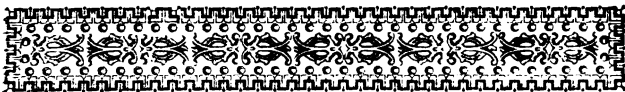
— Nada d'isso. Depois tornei a casar, e cobri a carcassa com seda azul. O meu segundo marido era muito constitucional e quiz que eu tivesse um chapeu com as côres de 1826. Trez annos depois, o meu homem morria, e eu aproveitava o merino do primeiro marido...

— E depois?...

— Depois, no dia da renda das casas, vendi o chapeu a uma visinha que estava para ser viuva do homem com quem não tinha casado.

O grande comboyo dos arrendatarios vae galopando sempre, sempre, e a turba dos passageiros, conversando das suas proprias desgraças, quasi não dá tino de que elle foge tão depressa como o tempo...

Chega um dia em que as bagagens, as malas, a mobilia desapparecem inteiramente. O passageiro, não tendo mais que vender, apeia-se para ir lançar se ao Tejo, porque ninguem ahi paga renda; ou trata de arranjar dinheiro por quaesquer meios artificiosos, que, no caso em que tudo corra mal, o pódem conduzir ao Limoeiro, um predio excepcional... que não tem dono.

Moralidade. — O caracol é muito mais feliz do que o homem, porque não precisa ter senhorio para ter casa.

XIII

S. Carlos

O theatro de S. Carlos é uma especie de municipio lyrico, de concelho musical encravado no coração da cidade, uma especie de villa que tem os seus habitantes, os seus predios, os seus costumes e os seus acontecimentos...

Os habitantes de S. Carlos são conhecidos de toda a gente. Vivem ali durante todo o anno na saleta do bilheteiro, no escriptorio da empreza, conversando sobre os assumptos de casa, discutindo *pro domo sua*, e ás vezes, quando está sol, vêm passeiar no largo, como na provincia se vae passeiar para o rocio da villa. De vez em quando, pelo anno adeante, dão uma fugida á cidade, descem á *Baixa* a tratar negocios, apparecem como *touristes*, raras vezes, n'um ou n'outro theatro, e quando recolhem á villa param algum tempo no Chiado com a tranquilla confiança de quem já não está mal justamente porque se acha perto de casa.

A gente, quando os vê, lembra-se involuntariamente de bailarinas e de primas-donnas, ouve arcadas longinquas de violinos invisiveis, como póde lembrar-se do harem e do alcorão vendo um turco, como poderá lembrar-se de boleros e seguidillas vendo uma hespanhola. Mas porque os reconheça como portuguezes, de fóra da terra, fica dizendo comsigo:

— Bem sei: é fulano de S. Carlos.

Como se costuma dizer de qualquer outra pessoa que, sendo conhecida na capital, costuma comtudo viver fóra:

— E' o Barahona de Evora.

— E' o Mazziotti de Collares.

Como todas as terras de provincia, S. Carlos tem a sua botica — o escriptorio do theatro. A's vezes o boticario é substituido: o Valdez succedeu ao Brito, o Brito succedeu ao Valdez, mas a botica conserva sempre os seus habitos, as suas antigas tradições de cavaqueira. Falla-se principalmente de pessoas que são ali conhecidas, dos cantores que têm passado pela scena de S. Carlos, sabe-se onde estão, quanto ganham, quanto gastam, e se peioraram de voz.

Lêm-se os jornaes lyricos, que só chegam ali, sem que ninguem mais se importe de vêl-os. Em todas as terras ha uma certa predilecção por determinados jornaes, que familias inteiras vão assignando de geração em geração. Em S. Carlos acontece o mesmo, lê-se a imprensa lyrica, e importa mais saber se fulano perdeu a voz do que se fulano perdeu a eleição. De eleições fallam outros jornaes, justamente os que não se lêm ali.

Qualquer occorrencia que se vae dando, traz á memoria uma serie de acontecimentos já passados, mas que reverdecem travando-se uns nos outros como os élos de uma longa cadeia tradicional.

Falla-se por exemplo, da Patti? Pois recorda-se logo a biographia da mãe, a Barili. Conta-se com

quem era casada, com o Barili, professor de piano, que gostava de beber bem. Como o Barili afogasse demasiadamente em alcool a sua ternura conjugal, a mulher passou-lhe o pé, e foi cahir na mão do tenor Patti.

— Quando ella esteve em Lisboa, diz um, já era nascida a Carlota, a coxa.

— Mas foi em Lisboa, acrescenta outro, que nasceu o Carlos.

— Por tal signal, lembra um terceiro, que o Carlos foi baptisado em Lisboa, sendo o José Carlos padrinho.

— E' verdade, o José Carlos padrinho

— Estou a ver a Barili na noite do beneficio, com uma bonita *toilette* que lhe fizera a Magdalena!...

O leitor não sabe talvez quem era a Magdalena, mas sabem-n'o elles. Era uma famosa costureira de S. Carlos, que morreu, ha poucos annos ainda, quasi tão obesa como a corista gorda.

A proposito de mulheres gordas, alguns dos colonos de S. Carlos lembram logo a grande Alboni, uma abobora cheia de harmonia... Por amor do contraste, fallam um pouco da Giuli Borsi, esguia como um ponto de admiração. Das mulheres gordas é facil passar para os homens gordos. Cita-se o Beneventano, o largo e magestoso Beneventano... E assim por deante, um não acabar de chronica local, de pessoas conhecidas na terra — aquella terra de S. Carlos, exactamente como na vida de provincia se falla de pessoas que por ali passaram ou que ali estiveram, talvez a ares, ha muitos annos.

Como onde houver mais de uma pessoa ha sempre uma pretensão, e seja portanto preciso um empenho, na villa de S. Carlos tambem ha d'isso — o empenho, como cá por fóra, para obter uma récita ou uma assignatura.

Vai a gente de viagem até S. Carlos procurar este ou aquelle para que lhe arranje esta cadeira ou aquelle camarote.

— Em tu querendo, menino, estou servido. Só tu me pódes valer, amigo!

— Não é tanto assim, responde elle, não ha absolutamente nada. Está tudo tomado...

Exactamente como um ministro de estado costuma responder: «Tenha paciencia, os quadros estão preenchidos.»

— Mas vê lá, homem, se quizeres... sim, se tu quizeres... Eu faço grande empenho... vê lá...

— Pois hei de vêr... verei... Olha, espera ahi um momento.

E volta pouco depois, volta com o bilhete, o desejado bilhete que se pretendia, e que outro qualquer não seria capaz de arrancar — nem a forceps.

A's vezes tambem lá de dentro vem um empenho, não para que se recommende um pretendente que vae a concurso, mas para que se recommende um cantor ou uma cantora que vae ao Porto.

Quando o Corsi esteve da ultima vez em Lisboa, um amigo d'elle e meu, sempre disposto a obsequiar quando a gente tem alguma pretensão em S. Carlos, pediu-me uma carta de recommendação para o Porto, mas uma carta que surtisse effeito, porque o amavel Corsi, tendo perdido a voz, não podia tambem perder cartas.

Eu queria ser agradavel a ambos, ao Corsi e ao seu protector, mas a quem diabo escreveria eu para o Porto uma carta lyrica que se não perdesse?!

Preferia recommendar um caixeiro a ter que recommendar um tenor... Pensei muito na pessoa a quem deveria escrever. Um jornalista? Mas esse, no caso de me attender, contentar-se-ia com applaudir o Corsi no jornal, e o que principalmente se queria era que elle fosse applaudido no theatro. A quem, pois?! Não sabia, não me lembrava. N'esta anciedade subia eu á noite o Chiado, momentos antes da hora a que devia entregar a carta, quando de repente uma idéa providencial me acudiu. Ao

Eduardo Vianna (vulgarmente, Eduardo Cheira) é que devia ser, e ao Eduardo Vianna é que foi.

«*Meu caro Eduardo.*

«Peço toda a tua benevolencia para o tenor Corsi, que ahi vae cantar, e que não tendo já muita voz, tem comtudo a arte bastante para fingir que ainda a tem.»

Não sei se escrevi isto, mas devia ter escripto uma cousa assim. Confesso francamente que foi a primeira vez que recommendei um tenor, porque, não menos francamente o direi, o mundo lyrico não é precisamente aquelle em que eu me demoro mais.

Vou lá alguma vez, como toda a gente, no inverno, porque a *villegiature* de S. Carlos faz-se no inverno, quando as outras acabam. E' aquella uma localidade de tão agradavel clima como Nice, por exemplo. Começando outubro, os ricos, principalmente, vão alli fazer a sua estação e pagam caro o seu predio. De um lado e do outro tudo são pequeninas habitações, dispostas parallelamente umas sobre as outras Como seja grande a concorrencia, as casas ficam alugadas de anno para anno, de modo que já se sabe de antemão quaes as caras que na primeira noite de espectaculo apparecerão n'este ou n'aquelle camarote.

E' como se se dissese em qualquer rua:

— Mora alli fulano.

Ou:

— Aquella casa é de sicrano.

Anno em que venha a Lisboa um cantor que já cá tenha estado, é de grande satisfação para os habitantes de S. Carlos, porque, mais que nunca, estão com *a sua gente*, tu cá, tu lá, abraço para a direita, abraço para a esquerda.

Em 1885, que me lembre, aconteceu isso. Vieram, de torna-viagem, a Borghi-Mamo e o Cotogni.

A Borghi-Mamo era, para os habitantes de S.

Carlos, uma pessoa de casa. Sua mãe estivera em Lisboa, e ella mesma já cá tinha vindo mais de uma vez. Por isso, quando em 1885 tornou a cantar em S. Carlos, o que toda a gente perguntava era como tinha passado por *lá*, se se dera bem, e se tivera saudades de Portugal.

Foi recebido do mesmo modo o Cotogni, que fizera uma ausencia de quinze annos, mas que tornára a vir habitar talvez o mesmo camarim e a pisar o mesmo palco já seu conhecido, ao passo que na platéa e nos camarotes pessoas tambem suas conhecidas o escutavam.

— Como se chama o barytono? perguntava na primeira noite um sujeito da provincia a um dos *habitués* de S. Carlos.

—Ora como se chama! como se chama! E' o Cotogni, que ainda ultimamente fez furor em Roma, e que já esteve em Lisboa ha quinze annos...

Pouco mais ou menos como na feira de Beja podia um estranho perguntar a qualquer pessoa da terra:

— Quem é aquelle sujeito?

E o da terra respondia lhe:

— Ora quem é aquelle sujeito! Pois isso é lá pergunta que se faça?! E' o Alonso das minas...

Não tendo porém os cantores tradição local no theatro de S. Carlos, já os *habitués* se não aborrecem ainda que a gente ouse maçal-os com perguntas nos corredores ou no salão.

Por exemplo — outro exemplo de 1885:

— Que tal é Ella?

— Ella quem?

— Ella... Ella.

Surpresa do *habitué*.

— A Ella Russell?

— Ah! vem pela primeira vez. Vae ouvil-a. Mulher verdadeiramente interessante, uma *ella* para poetas, soprano de meio caracter, dizendo bem, mas um pouco incorrecta na vocalisação.

Se a gente perguntar:

— Olhe lá, o que me diz do Pinto?
o *habitué* mostra se por momentos perplexo, não sabendo se lhe queremos fallar do baixo Pinto ou do outro Pinto que é alto, e empresario do Gymnasio.

— O *baixo* Pinto...?

— Ah! o *baixo* Pinto tem uma bella voz e uma excellente escola de canto.

— Mas o que diz o governador civil?...

— Como?! O governador civil!!

— Sim, pois como consente o governador civil que tenha ainda curso um *Pinto* na *Linda de Chamounix?*

O *habitué* não se zanga, e talvez até nos dê rasão.

— Concordo, vou dizer ao Valdez que aconselhe o homem a mudar o appellido para Augusto Quinhentos Reis.

Mas se a gente insiste em fazer qualquer observação a respeito da Borghi ou do Cotogni, oh! ceus! esses já são como que deuses lares de S. Carlos, e não se deve senão entoar em sua honra o *Ecce sacerdos magnus.*

Ali, em S. Carlos, é que é gastar adjectivos laudatorios, encomiasticos.

Dizia-me n'esse anno um *habitué*:

— Oh! a Borghi! magnifica! Oh! o Cotogni! admiravel!

— Mas olhe lá, respondia-lhe eu, parece que vem ahi a Patti, segundo dizem os jornaes, e será bom guardar alguns adjectivos para ella...

E fui-lhe aconselhando a conveniencia de solicitar uma portaria que dissesse pouco mais ou menos:

«Tendo tido o governo de Sua Magestade Fidelissima conhecimento de que brevemente deve chegar a Lisboa a *prima-donna* Adelina Patti, geralmente considerada como a cantora mais celebre dos

nossos dias, e convindo regular a adjectivação jornalistica por modo que não se empreguem em sua honra adjectivos banaes e já desacreditados pelo excessivo abuso que d'elles tem feito o noticiario nacional, fica aberto concurso pelo tempo de quinze dias, a contar da data do presente aviso, para um fornecimento de adjectivos que possam reputar se condignos da notabilidade cantante a quem devem ser dirigidos.»

— Deixe se lá de larachas! dizia-me *o de S. Carlos*. A Borghi e magnifica! O Cotogni é admiravel!

E n'isto apparecia, de repente, ali, o Cotogni.

Então *o de S. Carlos*, abrindo-lhe os braços:

— Estás como ha quinze annos! Estás, talvez, mais novo!

Com as cantoras nem mesmo *os de S. Carlos* chegam facilmente a grandes intimidades, porque as cantoras são as mulheres de mais alta cotação no *stock exchange* do amor aventuroso.

Uma vez, n'um jantar de rapazes, ouvi um *habitué* de S. Carlos contar casos de bastidores acontecidos com italianas.

Tambem elle tivera illusões, tambem elle começára por arrastar a aza a uma *diva*, tambem elle se sacrificára, como tantos outros, offerecendo-lhe alguns ramos de flôres, alguns camarotes n'outros theatros, e uma ceia com champagne.

Quando deitou contas á sua vida, ou quando os crédores lh'as fizeram deitar, estava ainda muito atrazado, tão atrazado como se não houvera começado ainda...

Se alguem lhe sorria de um modo capaz de alimentar uma esperança, não era a *diva*, mas a criada da *diva*, uma napolitana bonita, que se habituára na convivencia da cantora a contar o dinheiro apenas por centenas.

Vendo que o seu ideal estava cada vez mais longe, e que o dinheiro lhe desapparecia por entre os de-

dos, resolveu esse pretendente infeliz mudar de rumo, deixar em paz a *diva* e, para ao menos salvar as apparencias, cultivar a napolitana, que suppunha mais accessivel.

Tudo parecia desde então haver entrado nos seus verdadeiros eixos. A *diva* deixava adivinhar este pensamento: «Para a minha criada... talvez.» A napolitana deixava perceber esta intenção: «Veremos como se vae portando.» E elle, o pretendente, dizia com os seus botões: «N'um naufragio agarra-se a gente á primeira tábua que encontra.»

Pois não obstante parecer que tudo havia entrado nos seus eixos, não obstante haver-se feito uma melhor distribuição de papeis aos trez actores da peça, a *diva* continuava a pensar: «Para a minha criada... não sei!»; a napolitana continuava a aborrecer-se de um tão demorado galanteio; e o pobre pretendente continuava a capacitar-se de que o amor em Napoles tinha nascido para agiota.

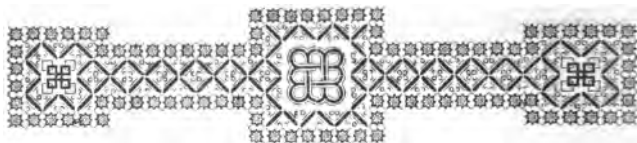
— E depois? perguntámos os que estavamos á mesa.

— Depois, disse o antigo *habitué* de S. Carlos, depois a epoca lyrica acabou, a *diva* foi para a Italia com uma escriptura para o *Scalla*, a napolitana foi para o Pará com um brazileiro, e eu fiquei em Lisboa...

— A vêr navios?

— Não.

— Então?!

— A vêr crédores!

XIV

A Penitenciaria

N'ESTA vida monotonamente frivola de Lisboa, em que quasi todos os dias se repetem as mesmas intrigas, as mesmas noticias e as mesmas comedias, exhibe-se de vez em quando, illuminado pelo bello sol meridional do nosso ceu azul, n'um palco recortado por bastidores de marmore e granito — um drama de sangue.

Então, abrindo um parenthesis á continuada operetta de Offenbach a que uns assistem em quanto outros representam, Meyerbeer empunha a batuta e rege a orchestra.

Achamo-nos excepcionalmente em presença d'um *libretto* sombrio, de uma *partitura* tenebrosa. O noticiario philosópha, a *Baixa* estremece. Durante quarenta e oito horas toda a cidade assiste gravemente á tragedia, declamando nos intervallos contra a corrupção dos costumes e a perversão do se-

culo. Mas Offenbach, o nosso querido Offenbach de todos os dias, aborrece-se de não ter que fazer, atira-se a Meyerbeer, arranca-lhe das mãos a batuta, e empunha-a de novo retomando o seu logar. Lisboa continua a ser frivola e monotona, vae todas as tardes para a Avenida, vae todas as noites para S. Carlos, e o tempo vae passando.

A verdade é que não temos condições theatraes para a tragedia. Soffremol-a, como se soffre a tempestade,— sempre com a esperança de que passe de pressa. Amamos o ceu azul e a vida serena. Temos o nosso bom Tejo de crystal, e gostamos de vel-o tranquillo. Queremos que a natureza se inspire do nosso *dolce far niente.* Vamos vivendo resignados com os nossos credores e com os nossos achaques; supportamos com egual bonhomia o rheumatismo e o sêllo. Não praticamos heroismos, mas tambem não commettemos crimes. Lisboa não é precisamente uma cidade maldita. Os trezentos mil habitantes da capital cultivam por distracção a maledicencia, fazem por divertimento um poucochinho de intriga, mas, a final, são boas pessoas. A escoria da sociedade contenta-se com roubar carteiras da algibeira dos transeuntes e peças de panno das portas dos mercadores. Os grandes roubos raras vezes apparecem. Os cartorios da Boa Hora estão cheios de volumosos processos de *lana caprina;* os reus quasi nunca se acham habilitados a pagar as custas do processo. Os juizes e os escrivães queixam-se de viver n'uma pirangaria trabalhosa. Os procuradores, se não procuram para si, morrem de fome. Não temos o *crime celebre*, não o tolera a lenidade dos nossos costumes, não está nos nossos habitos. A Boa Hora funcciona todos os dias para julgar apenas infracções dos regulamentos policiaes. Sentenças anodynas são proferidas do alto da cadeira judicial: doze dias de prisão remiveis a tostão por dia.

Decididamente, não somos um povo de crimino-

circumstancias impressionaram profundamente a opinião. Tinha aparecido um monstro, e a nossa galeria não é precisamente de monstros. Lisboa fallou do caso, muito impressionada, e depois, olhando para o ceu — Que bello dia! disse. O monstro passou; foi para o Limoeiro, e do Limoeiro irá para a Penitenciaria. Só uma pessoa talvez sentiu curiosidade de estudar por seus proprios olhos qual era o destino que esperava aquelle monstro. Essa pessoa fui eu. Quiz vêr se seria possivel conseguir algum dia a regeneração d'esse grande criminoso. O Limoeiro não regenera ninguem; isso está mais do que provado. Mas a Penitenciaria não foi feita senão com o proposito de regenerar os criminosos. Fui pois ver a Penitenciaria.

Edificio isolado, fóra de portas, a Penitenciaria não tem em redor, como o Limoeiro, uma colonia de pessoas que communicam diariamente com os presos, trocando dialogos com elles, n'uma convivencia permanente. Tudo é silencio no exterior e no interior da Penitenciaria. Os presos estão ali completamente sós — mesmo no meio dos outros presos. O ar sombrio do Limoeiro, a falta de luz e de aceio, que eram a *mise-en-scène* das nossas antigas prisões, desappareceram. O Limoeiro, comparado com aquillo, parece um caverna de Caco.

No dia em que eu fui vêr a Penitenciaria era um domingo, e justamente no momento em que entrei estava um dos capellães fazendo cathequese aos presos. Para um visitante não podia ser melhor a occasião. Pude vêr a physionomia de todos os presos que, embocetados nas *stalles*, com o rosto descoberto, ouviam a prédica. Estavam attentos, e muitos d'elles pareciam commovidos. O capellão fallava-lhes uma linguagem clara e simples, para ser entendido. Finda a cathequese, os presos, com o rosto coberto pelo capuz branco, desfilaram em duas linhas ao longo das álas do edificio, sendo acompanhados por um insignificante numero de

10

pelo sub director, que teve
me acompanhar, cumprimentavam
Cada um ia entrando para a sua cella,
porta. Através da pequena lente, que
tem, pude observar os presos. Uns co-
ler, outros a passeiar tranquillamente;
o soldado Antonio da Costa, passeiava
passos rapidos, como o leão na jaula. Quando
elle voltava na direcção da porta, a sua pupilla ama-
rella, muito felina, fazia medo. Nenhum dos presos
me impressionára tanto.

Fui vêr as officinas, onde o trabalho n'esse dia era facultativo. Muitos presos quizeram, pouco depois, ir trabalhar. Fallei com alguns, que me mostraram os seus artefactos, relativamente perfeitos. Um dos presos estava fazendo um pequeno prelo de madeira *(minerva)*, para imprimir bilhetes de visita. Na officina de marcenaria havia uma secretária, que fazia honra ao artista. Todos os presos que estavam trabalhando mostravam-se muito interessados pelo trabalho, e muito lisonjeiados do bom éxito dos seus esforços. Respeitosos para com o sub-director, respondiam com uma certa bonhomia muito correcta ás suas perguntas. E mal que saíamos, e se fechava a porta, ouvia-se o rumor do trabalho dentro das cellas.

Eu estava ainda no edificio, quando soou a hora do recreio. Através de uma pequena vidraça fosca, pude ver cada preso passeiando no jardimsinho que lhe é destinado. Quasi todos elles, no recreio, passeiavam apressadamente de um lado para o outro — com uma physionomia muito desprecccupada, fumando ávidamente. Presos ha que fumam, em meia hora de recreio, vinte e tantos cigarros.

Um dia, o soldado Antonio da Costa fumou na cella á noite — o que é expressamente prohibido. Os guardas avisaram a direcção. Immediatamente foi o preso prohibido de fumar durante um mez. Queixou-se menos correctamente do que convinha,

o sub-director foi á cella reprehendel o. Então, ntonio da Costa pediu humildemente perdão da ı dupla falta, lamentando o castigo que merecera. Que, desde que fôra soldado, se habituára a fumar, e que lhe custava muito deixar de fazel-o por trinta dias. Pedia encarecidamente a revogação do castigo. No Limoeiro teria feito uma revolução na enxovia; na Penitenciaria mostrou-se humilde e arrependido.

Ha pouco tempo viera do Porto um preso que, tendo de sujeitar-se a um regimen hydrotherapico, se recusava a tomar banhos de chuva. A sua reluctancia foi facilmente vencida, e hoje é um preso docil — como os outros.

A principio, quasi todos os presos trazem comsigo os vicios que adquiriram nas prisões onde estiveram. Todos elles começam por mentir, e todos elles acabam por penitenciar-se da mentira. Por sua parte, os directores da Penitenciaria procuram, pelos meios ao seu alcance, contrariar as fabulas que elles inventam.

De uma vez, ha ainda pouco tempo, um preso pedira ao sub director que o passasse da officina de guardasoleiro para outra qualquer.

— Porque? perguntou-lhe Antonio de Azevedo Castello Branco.

— Porque o homem que eu matei tinha o mesmo officio, e todas as noites me apparece o seu phantasma.

O sub-director respondeu-lhe que, a ser assim, o que elle sentia era o remorso do crime que commettera. Exprobrou-lhe o crime, e justificou o remorso. N'esse mesmo dia, officiára para Murça pedindo informações biographicas sobre a victima do preso. Não tardou a saber que não se tratava de um guardasoleiro, mas de um lavrador. Castigou o preso por haver faltado á verdade, e conservou-o na officina de guardasoleiro, onde elle hoje é um dos melhores artistas.

O que mais nos surprehendeu na visita á Penitenciaria foi a firmeza de disciplina já adquirida n'um systema de prisões relativamente moderno entre nós. Devem-se estes excellentes resultados á solicitude, ao interesse que o director e sub-director têm pelo estabelecimento que superintendem.

Se é possivel regenerar completamente um criminoso, a Penitenciaria de Lisboa não deixará de realisar o prodigio, tão intelligentemente organisada está.

Libanio da Silva, o assassino da irmã, com quem vivia em incesto, é moralmente um d'esses abortos humanos que só de longe em longe apparecem em Portugal. Mas eu saí da minha visita á Penitenciaria com a convicção de que ella poderá domesticar um monstro.

beça e o deixa a tremer sobre as pernas: é um bucho de pescada, sobrescriptado para os gatos, que veiu arremessado de uma trapeira, e que se esbarrundou sobre o chapeu.

Conheci uma pobre velha, que, não tendo que comer, sustentava trez gatos. E elles, para se lhe mostrarem reconhecidos ao sacrificio que ella fazia todos os dias, tirando o carapau a si mesma para lh'o dar a comer, entretinham n'a dando cambalhotas, fazendo mocanquices, quando ella se sentava sobre a esteira no meio d'elles.

O *Diario de Noticias* contou ha pouco tempo, em linguagem singela, e por isso mesmo commovente, o caso de dois gatos, cujas donas morreram sem que elles quizessem tirar-se de ao pé dos feretros, tomar alimentos, obedecer ás caricias consoladoras que lhes faziam para que perdessem d'ali o sentido.

Ora não sendo provavel nem mesmo natural que o segundo gato tivesse conhecimento, pelo *Diario de Noticias*, do exemplo dado pelo primeiro, quizeram d'ahi concluir os amigos dos gatos que estes factos punham bem em evidencia a nobreza de sentimentos de um animal a que muitas vezes essa qualidade tem sido contestada.

Eu, francamente, acceito apenas a primeira parte do argumento.

Creio piamente que o segundo gato não leu o *Diario de Noticias*, creio mesmo que nunca o lêsse, e que não convivesse com pessoas capazes de lhe irem dizer, na occasião em que a dona estava gravemente doente—n'uma occasião em tanta maneira impropria para bisbilhotices — o que a imprensa contava a respeito dos extremos de saudade de outro gato.

N'estas circumstancias é preciso pôr completamente de parte a hypothese de ter havido espirito de imitação, de se ter perpetrado um verdadeiro plagiato de sentimento; mesmo porque esta theoria deixaria a questão muito embaraçada, por isso que

dado que o segundo gato houvesse procurado imitar o primeiro, não seria facil explicar o motivo que determinára o procedimento do primeiro.

Não; façâmos aos gatos a justiça de acreditar que elles não lêm jornaes, que não sabem pelo *Diario de Noticias* o que se passa. E infelizmente que assim é, porque se o gato lêsse, se o gato quizesse saber o que se passa, o numero de leitores augmentaria prodigiosamente em Lisboa, terra onde é difficil dar um passo sem encontrar dois gatos.

Ora sendo tantos os jornaes, e havendo tão pouco quem os pague, de gatos é que elles precisam... com calimburgo e tudo.

Mas a verdade temol a visto todos nós, a verdade é que quando de uma janella atiram para a rua a um gato um bocado de carapau dentro de um bocado de jornal, elle, sem hesitar, sem mostrar a menor perplexidade, engole o bocado de carapau e não se digna tocar no bocado de jornal.

E' ainda este um defeito que eu encontro no gato, —o seu profundo desdem pelo *estylo* do proximo. O gato tem um profundo desprezo pelo *estylo*, não quer saber d'isso, e todavia força-nos muitas vezes a ouvir-lhe, a aturar-lhe durante noites inteiras os mios mais ou menos irritantes do seu estylo amoroso. O gato despreza o estylo do homem, mas obriga o homem a fartar-se do seu estylo, o eterna *amo-te* miado das suas aventuras no telhado das trapeiras.

E' que o gato é um animal essencialmente egoista, muito differente d'esses pobres burros que puxam os realejos, e que se resignam a ouvir a *Norma*, a *casta diva*, isto é, o estylo de Bellini, desde pela manhã até á noite; muito differente dos cavallos que puxam a carruagem do dentista ambulante, e que pacientemente aguentam o estylo maçador com que elle annuncia a conspicuidade dos seus dotes operatorios; muito differente do cão que vae guiando

o cego e ouvindo-lhe por essas ruas fóra o estylo somnolento da sanfona...

Só uma vez em toda a minha vida conheci um gato que viveu entre jornaes, não para os lêr, é certo, mas para se encostar a elles como a um ponto de apoio nas incertezas da existencia.

Mas como a historia d'esse gato se encontra, justamente no ponto em que pretendo tomal-a, com a historia lacrimavel de um cão tão intelligente como infeliz, irei buscar ambas as historias á sua origem, começarei pelo principio.

Quem todos os dias péga no seu jornal, e o lê tranquillamente, tendo diante de si uma folha de papel crivada de caracteres typographicos, dispostos em columnas parallelas, n um alinhamento perfeitamente militar, imagina de certo, se não conhece a vida da imprensa no seu mechanismo interior, que todos esses caracteres vieram perfilar-se alli rapida e facilmente como outros tantos soldados disciplinados á voz do seu commandante.

E todavia que de trabalho não foi preciso empregar para que tudo apparecesse feito! — um verdadeiro trabalho de sapa, através de todas as influencias de temperatura, de todas as outras canceiras da vida, um trabalho longo, asphyxiante, pesado, diario, monotono, como as oscillações de um grande pendulo, porque o jornalismo não é outra cousa senão um pendulo enorme que os acontecimentos fazem oscillar.

Um jornal representa uma assombrosa addição de trabalhos que convergem ao mesmo fim e se completam successivamente, a partir dos operarios que fabricaram o typo, o papel, a tinta, dos escriptores que constituem a redacção, dos typographos que traduzem para assim dizer em chumbo o que os jornalistas escreveram sobre o papel, dos machinistas que dirigem e auxiliam o trabalho da impressão, até ao distribuidor que passa através da invernia ou da canicula, com egual pressa, no seu

passinho curto e veloz, para ir levar o jornal áquelles que têm que o ler.

E' durante a noite que o trabalho dos jornaes matutinos se realisa, com uma pontualidade mechanica, as janellas da redacção têm sempre luz até á mesma hora, as da typographia jorram até á madrugada a claridade crua do gaz, e quasi sobre a manhã a machina da impressão atira para os ares o seu agudo silvo, denunciando á visinhança que a sua fornalha está accesa, que as suas engrenagens vão cravar umas nas outras os seus dentes de ferro.

Mas até uma hora muito adeantada da tarde, o interior das officinas de um jornal tem um aspecto profundamente triste, árido, abandonado Assim como o simoun deixa revolvidas e calcinadas as areias do deserto, o tufão do trabalho põe no interior das officinas os vestigios de uma devastação enorme, os traços enlabyrinthados de uma confusão cahotica.

Quando entrei para o *Diario Illustrado*, apesar de conhecer desde longos annos a vida interior da imprensa nos mais subtis pormenores da organisação do seu trabalho, recebi uma impressão completamente nova e extranha ao atravessar uma vez, de manhã, seriam talvez dez horas, a officina da composição, sepultada n'aquella modorra silenciosa que parece ser o somno matutino dos chumbos, cansados da sua tarefa nocturna, somno que a nota alegre e vivaz do trabalho virá interromper quando o sol começar a declinar.

Sobre a mesa onde o jornal é paginado, sobre o *marmore*, segundo a expressão technica, com o focinho posto sobre as fôrmas a que os vestigios da tinta davam ainda uns tons luzidios e humidos, um cão de pello branco, enxovalhado, manchado de preto, com as orelhas caídas, as palpebras cerradas, dormitava.

Ao sentir que uma pessoa extranha se aproximava, abriu os olhos com surpresa, e ao vêr que era um

desconhecido que ousava penetrar ali, os seus olhos tiveram então um movimento de colera e, levantando meio corpo, fitou-me com sobranceria, como se quizesse perguntar-me :

«Quem te permittiu que entrasses a esta hora nos dominios confiados á minha guarda ?»

Então pude vel-o bem, reconhecer os seus traços longinquos de bull-dog, que denunciavam a sua origem espuria. Mas, na posição que tomára, deixou a descoberto um gato branco e amarello, que dormia indifferentemente, ao pé d'elle, n'uma sopitação profunda, de doença ou de velhice.

Esta camaradagem do cão e do gato, ali, sobre os chumbos, no meio d'elles, no abandono de uma casa deshabitada durante a maior parte do dia, sem ninguem que pudesse alimental-os, impressionou-me vivamente.

Por alguns momentos examinei o cão na sua attitude cheia de desconfiança e de reservas ameaçadoras. Pareceu-me imponente no desempenho das suas funcções de Cerbéro da officina, de cão de typographia, zelando os seus dominios, velando pela integridade do seu territorio. Achei-o tão grandioso, como despresivel o gato de pello amarello e branco, que continuava a dormir n'uma indifferença bruta, automatica.

Eu detestei sempre o gato, tive sempre admiração pelo cão: em geral.

E ali mesmo, n'aquella hora, eu comprehendi mais uma vez a grandiosidade d'essa tragedia terrivel, em que figurou o cão de Aubry de Montdidier, vencendo em combate desigual o assassino de seu dono.

O gato, se é esperto, é ladrão como o do marquez de Carabas no *Chat Botté*, de Perrault, ou tolamente emproado como o *Raminagrobis*, que Rabelais fez juiz.

Mais tarde averiguei a historia do cão e do gato. Tinham vindo não se sabia d'onde, viviam não

se sabia como, alguns compositores traziam-lhes de comer, mas o cão, se se esqueciam d'elle, ia procurar os seus protectores ás suas proprias casas — para que o alimentassem.

Quando o chefe da typographia chegava, o cão sahia a dar o seu passeio, mas voltava a hora certa, ás cinco e meia da tarde, depois que percebeu que o director da typographia tinha resolvido mandar vir o seu jantar á officina áquella hora.

O cão, cujo nome era *Piloto*, regulava as coisas de modo que nem chegava antes nem depois, mas á hora precisa. Quem lhe dizia a elle que eram justamente cinco horas e meia? Como o sabia? Cinco horas e meia, olhar para o relogio, e elle a entrar a porta! Um chronometro!

Vinha jovialissimo, festivo, de rabo no ar, porque sabia que ia encontrar o seu jantar, e a sua gente: o pessoal da typographia começava a chegar.

Dava saltos deante dos compositores, soffria tudo o que elles lhe quizessem fazer, ás vezes pintavam-lhe oculos e barbas, com tinta, outras vezes atavam lhe uma lata, que arrastava contente. E apesar de ser um pouco bravo, sobretudo no desempenho dos seus deveres de Cerbéro, tudo soffria com bom humor, comprehendendo a necessidade de ser docil para quem era bom para elle.

Na typographia compraram-lhe uma coleira e um açamo, mas de nada valeu a coleira, n'um dia em que se esqueceram de lhe pôr o açamo. Envenenado pela strichnina durante o seu passeio habitual, o pobre *Piloto* sentiu-se agoniado; arrastando-se a custo, com o pello banhado em suor frio, o olhar moribundo, foi expirar á porta do *Diario Illustrado*. César dos cães, quiz soltar o derradeiro alento no atrio do senado typographico, agonisar sobre o seu manto dictatorial, um papel velho, elle que sempre tinha vivido entre jornaes inutilisados!

Pobre *Piloto!* Só uma vez, n'um dia de fome e de inverno, foi a minha casa, ladrando para que o

deixassem entrar. Abriu-se-lhe a porta. Festejou-me expansivamente, com a doçura submissa de quem está disposto a parecer servil para não ficar sem jantar. Comprehendi-o. Mandei-lhe dar de comer. Mas, depois de haver comido, deixou-se ficar, como se quizesse ser amavel commigo até ao ponto de esperar que eu saisse para me acompanhar até ao jornal. Não o quiz vexar, obrigando o a esperar por mim pelo simples facto de ter jantado em minha casa. Abri-lhe a porta. Saiu, contente, farto. Nunca mais voltou, o que quer dizer que nunca mais teve fome. Mas, grato á maneira por que eu havia procedido para com elle n'aquelle dia, acompanhava-me muitas vezes á noite, desde a redacção até á porta dos theatros. Comprehendendo perfeitamente a sua posição de cão, nunca ousou entrar no átrio de um theatro, qualquer que fosse.

Tenho encontrado homens muito inferiores a isto.

O gato ou, para ser mais verdadeiro, a gata, tinha menos sympathias. Não sabia conquistal-as. A velhice dera-lhe um profundo aborrecimento da vida; deixava-se ficar para ali, indifferente, comendo se lhe davam de comer, e em todo o caso comendo sempre menos do que lhe davam. Tinha fastio; soffria. Ultimamente, aninhava se sobre a mesa da redacção, não saía ainda que a enxotassem, tinha os olhos fechados, arquejava.

Os rapazes da typographia punham-lhe carapuços de papel, mitras de jornal; não se importava, deixava-se estar. Se lhe puxavam pelo rabo, miava, sem se mexer.

Algumas vezes subiu ao topo de uma estante, e ficava ali empoleirada horas e horas. Dormitava.

Quando, cheios de vida e de coragem, entravamos na casa da redacção, para desempenharmos o nosso trabalho quotidiano, a pobre gata modorrenta, arquejante, doente, impressionava mais ou menos a todos nós.

Até que um dia, um dos meus collegas de redac-

ção resolveu mandal-a ir para sua casa, visto que não podia ser admittida no asylo de Runa.

A mudança de ares, o bom tratamento, o seu bello almoço de sopas de leite, o seu bello jantar de sopas da panella, a sua ceia de carapau ou de sardinha fizeram com que, apesar da velhice, a gata parecesse, logo passados os primeiros dias, entrar n'um periodo de rejuvenescimento anachreontico.

Começou por dar o seu passeio sobre os telhados, a passo vagaroso, parando ás vezes, como um doente que passeia os seus leites de burra.

Depois o passo tornou-se mais firme, o olhar mais animado, o pello mais crespo, chegou finalmente a um estado em que lhe seria muito agradavel usar de agua circassiana, se os gatos precisassem de isso...

Pode bem ser que os maltezes das trapeiras, que os bichanos mais casquilhos da visinhança ficassem dizendo mentalmente quando ella passava: Está um caco!

Pode ser, mas não o pensava decerto ella que readquirira um tal ou qual ar de saude e até, digamos a palavra, um tal ou qual ar de vaidade.

Quem a tivesse visto mezes antes, e quem a visse então, devia por certo imaginar que ella teria para com o seu protector os maiores desvelos de gratidão, indo esperal-o á escada, miando-lhe um cumprimento amavel e até, por um esforço de dedicação, descalçando-lhe as botas e chegando-lhe os sapatos.

Qual historia! Um bello dia, como recompensa dos beneficios recebidos, comeu-lhe o bife do almoço, e foi passeiar para o telhado com uma grande tranquilidade... de consciencia.

Mais uma vez direi francamente, eu detesto o caracter egoista dos gatos, e de duas uma, ou os d'esta semana devem constituir excepção, o que não creio, ou, o que prefiro crer, lamentaram a morte

das suas donas pelo supposto abandono em que elles, não tendo a receber pensão do Monte Pio, julgavam ir encontrar-se de futuro.

Morreram... de saudade os dois gatos? Não consta, parece até que se irão resignando com sopas de leite.

Um cão, quando ama estremecidamente o seu dono, e o vê morto, não se lembra senão de uma cousa: deixar-se morrer de fome sobre a sua sepultura. Os exemplos abundam, e no cemiterio da Lapa, no Porto, um cão de bronze perpetúa a memoria de um facto d'essa ordem.

E' que o cão, é, ao contrario do gato, um animal nada egoista. Expõe-se heroicamente aos perigos sempre que lhe digam que isso é preciso, ou mesmo quando elle entende que o é: lebreo, lança-se por desfiladeiros e abysmos nas correrias da caça; *Terra Nova*, precipita-se nas aguas para salvar o naufrago; *S. Bernardo*, interna-se nos gelos para arrancar á morte o viajante desfallecido...

Faz o bem pelo bem, arrisca a sua vida pela dos outros, e por isso não vacilla um momento perante a ideia da morte quando ama o seu dono — quasi sempre o ama — e o seu dono está morto.

Os dois gatos da *Baixa*, que deram celebridade á semana, não consta que se hajam suicidado... nem mesmo simuladamente.

XVI

Cintra

CINTRA e as Caldas da Rainha continuam a dar as cartas em materia de *villegiature* elegante.

Pele que respeita ás Caldas, chega a gente a ter pena de que se não possam vender ás garrafas, como as aguas, os divertimentos que ali se estão succedendo todos os annos.

Seria delicioso que, mesmo de longe, lograssemos saborear um copinho de pescaria na lagôa de Obidos, para dar tom ao espirito, ou, para o mesmo fim, meia garrafa de passeio a Alcobaça e á Nazareth.

Por muito grandes que sejam as virtudes therapeuticas das aguas chocas das Caldas, quer-me parecer que o Club caldense, quando convenientemente engarrafado na effervescencia da valsa, produziria resultados muito mais beneficos na saude publica.

Assim, poderia a gente, estando em Lisboa, val-

sar com agua das Caldas, em sua casa, de garrafa, na mão — apressando ou demorando o rythmo da dança, segundo bebesse um gole maior ou menor. Poderia a gente fazer um passeio na Copa logo que puzesse os labios no copo, ouvir o murmurio alegre das conversações, o tinido sonoro das risadas frescas, e até, Deus meu! trocar com as damas ausentes um olhar ou um aperto de mão! Não se me dava de apostar que, se isso fosse possivel, haveria quem ficasse completamente embriagado com uma *piella* das Caldas, sonhando sonhos côr de rosa e vendo tumultuar no ar, por entre nuvens de cavacas, diabinhos azues...

Em começando o mez de agosto todas as pharmarcias deveriam surtir-se de *villegiature* de Cintra, que teria de certo muito maior procura do que a agua da Sabuga.

Quando as horas do calor apertassem, iriamos ao Barral pedir Cintra e, logo á saida da botica, teriamos a visão e a frescura dos Pisões, a illusão optica de Seteais, e até a illusão acustica do Macario sentado ao piano n'uma *matinée* dançante.

Largariamos, n'este caso, a valsar pela rua do Ouro fóra, convidando para a valsa a primeira senhora que passasse com o seu embrulhinho de compras debaixo do braço.

E dir-lhe-iamos valsando:

— Ah! minha senhora, esta Cintra é realmente encantadora! este Macario é inquestionavelmente a sorte em preto da musica! Que bom que é ir dançando assim por entre os castanheiros e as sombras, emquanto o conselheiro Latino está ali a conversar no Duche com outros dois academicos *en vacances!* V. ex.ª prefere a valsa á Academia? Tambem eu. Quem é aquelle conselheiro com quem V. ex.ª trocou mesmo agora, n'esta volta que fizemos em frente do Monte-pio Geral, um olhar de intelligencia? Será indiscreta da minha parte esta pergunta?

D. Fernando lá em cima, na Pena, com a cabeça quasi escondida entre as nuvens; — cá em baixo, na villa, nas quintas, duas duzias de familias nobres veraneavam quasi em segredo, convivendo apenas umas com as outras, sem que Lisboa tivesse d'isso noticia a não ser pelos jornaes.

Fez se o caminho de ferro e, a principio, como a maior parte dos alfacinhas nunca houvessem tomado gosto a Cintra, e a conhecessem pouco, livravam-se de lá ir de visita, por simples desenfado, receiosos de que pudessem voltar descontentes.

Mas um mais audacioso aventurou-se a comprar bilhete para uma passeiata de exploração.

Foi, hesitante ainda. Como, porém, pudesse gosar as sombras de Cintra á sua vontade, beber a agua da Sabuga em primeira mão, comer as queijadas da Sapa ainda frescas da vespera, sem que ninguem protestasse e se revoltasse, veiu contar o caso para Lisboa, muito admirado da impunidade com que, realmente, toda a gente poderia lá ir.

— Com que, foste a Cintra?!

— Fui, sim.

— E então?

— Então, é uma terra cheia de arvoredo, com excellente sombra e excellente agua. Dá gosto passeiar por ali durante algumas horas.

— E a gente?

— Gente que se não importou nada commigo — a não ser para me vender o que eu lhe queria comprar.

— Mas não te prohibiram que voltasses lá?!

— Não. Uns estavam sentados á sombra das arvores, outros appareciam ás janellas e dignavam-se até olhar para mim.

— É, pois, possivel!

— Não é só possivel; foi certo.

— Poderei eu então ir tambem a Cintra, — a Cintra, a fidalga, a Cintra, a aristocratica!

— Certamente que podes.

Foi este, foi aquelle, — sempre com algum receio. Mas em Cintra ninguem lhes fez mal, e, logo que isto constou, encheram se os comboios ao domingo, foi até gente de proposito a Cintra vêr os toiros.

Desde esse momento, Cintra perdeu todo o encanto da sua solidão feudal, digamos assim, Cintra abastardou-se, principiou a ser de toda a gente.

Não obstante, Cintra não consegue agradar completamente áquelles que não costumavam frequental a, áquelles que não têm ali nem *chalets*, nem quintas, nem conhecimentos.

Para que se esteja bem em Cintra, é preciso ter já creado ali raizes — como as arvores.

Queixam-se varias pessoas de que, indo a Cintra, vêem pouca gente; de que não encontram ninguem, quasi.

A razão é simples. Cada um dos que lá passam o verão está na sua casa, na sua quinta, conversando em familia ou com as suas antigas relações de Lisboa.

De mais a mais Cintra é muito grande, estende-se até Collares e está repartida em quintas, em *villas*, de modo que, para vêr os que lá estão, é preciso ir procural-os a sua casa.

Nas Caldas da Rainha já não acontece o mesmo. Toda a gente se vê uma á outra, se encontra a cada momento. A Copa é um logar certo de reunião. O burguez e o fidalgo, o rico e o pobre avistam-se ali durante todo o dia, vivem em commum, conservadas as devidas distancias, é claro. Mas, emfim, nas Caldas da Rainha, qualquer que seja a posição que uma pessoa occupe na sociedade, tem a certeza de vêr gente, de vêr toda a gente até, de não estar inteiramente só por um momento que seja.

Um aguista, nas Caldas, póde dizer á noite que viu as Caldas em peso, e se alguma difficuldade lá ha, é a de saber ao certo, em chegando a noite, quan-

tas vezes viu durante o dia uma certa pessoa, fulano, beltrano.

O anno passado, quando ali esteve a rainha D. Maria Pia, toda a gente podia vêr sua magestade passeiando a pé, de manhã, na alameda da Copa, passeiando, á tarde, de carruagem, pela estrada de Alcobaça.

Em Cintra olha-se para o castello da Pena, e contenta-se a gente com dizer: A familia real está cá. Tão certo é que a familia real não está em Cintra, mas unicamente na Pena, o que faz grande differença.

Algumas pessoas que vão passar a Cintra dois ou tres dias, acham medonhas as noites que ali passam; — noites humidas, quasi frias e, peior do que isso, solitarias.

Um amigo meu dizia-me ha tempos:

— Não me falle você em Cintra.

— Por quê?

— Porque é a unica terra onde tenho sido obrigado a metter-me na casa ás dez horas da noite.

E é verdade que isto costuma acontecer lá. Comprehende-se que á noite não prestem para nada as sombras. A serra negreja no alto, infundindo o que quer que seja de tristeza. O mar fica longe. Os trens são caros. O remedio, para quem não tem ali casa, consiste em, pouco depois de anoitecer, metter-se primeiro no *hotel*, e depois na cama.

Alguns, que caiem na patetice de ir a Cintra por convenção, vêm para Lisboa dizer que se divertiram... tambem por convenção.

Mas a verdade é esta: aborreceram-se, e gastaram dinheiro.

Aquillo não é mau, sem que comtudo seja bom, para os que lá conhecem trez ou quatro familias e, sobretudo, para os que amam, porque esses, os namorados, estão bem em toda a parte.

De resto Cintra, que é sempre bella, só póde ser verdadeiramente deliciosa... nos livros.

Ahi é que ella se presta a todas as phantasias, a todos os romances, a todos os devaneios.

Porque? Porque a maior parte da gente conhece mal Cintra, e póde acceitar, sem protesto, qualquer mysterio que se localise ali.

Se dissermos que tal romance se passou na rua do Ouro, custa um pouco a engulir essa affirmação, porque todos nós conhecemos perfeitamente não só a rua do Ouro, mas até conhecemos tambem as pessoas que lá moram.

Cintra é grande, tem quintas, tem palacios, tem *chalets*, nem tudo se conhece em Cintra, de modo que a gente tende sempre a acreditar qualquer romance que lhe digam ter-se passado ali.

Ainda agora assim é, apesar do caminho de ferro, e da facilidade com que este ou aquelle póde chegar a Cintra e voltar.

Alguns ricaços vão para lá, julgando que podem conviver, divertir-se, e enganam-se, acham-se sós, aborrecem-se, desesperam-se.

Conheço muitos a quem isto tem acontecido, e ha de acontecer, porque é mais facil fazer relações em Lisboa do que em Cintra.

Em Lisboa sempre se ageita occasião de fallarmos com alguem pelas ruas, nos theatros, nos *americanos*, nos botequins.

Em Cintra, todos os que se não agrupam por já serem conhecidos de velha data, passam uns pelos outros, apenas.

Se são ligeiramente conhecidos, contentam-se com abaixar a cabeça, e ir andando.

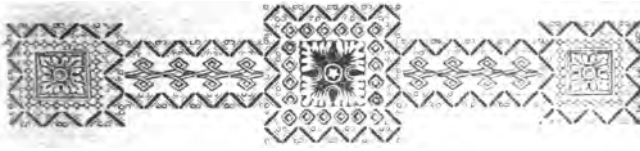
Se nunca se fallaram, parecem até nem dar tento de que alguem vá passando ao mesmo tempo...

Póde affigurar-se isto uma coisa aliás muito natural.

E comtudo não é assim.

Nas Caldas da Rainha, uma pessoa a quem se metta em cabeça conversar com outra, embora não sejam conhecidos, chega a conseguil-o.

Em Lisboa tambem isso acontece com maior ou menor facilidade — á custa de mais ou menos tempo.

Mas, em Cintra, é caso difficil, esse; em Cintra todos passam uns pelos outros e, sorrindo ou cumprimentando, não sorrindo ou não cumprimentando, vão passando sempre, de uns annos para os outros...

XVII

Lisboa apreciada por um samoyede

Minha querida mulhersinha.

Yourte do Campo Grande, 5 de novembro de 1883.

Estimo que estas duas regras te vão achar de perfeita saude, pois a minha ao fazer d'esta é boa para em tudo te dar gosto.

Aqui estamos, nos climas do sul, sabe Deus com que saudades dos nossos gelos boreaes! Morre-se de calor por aqui; vivemos como n'uma fornalha. Qualquer dia morreremos queimados, eu e Ortze, como aconteceu ao nosso velho amigo Wasleo, que lá ficou em Praga, reduzido a torresmos. Se ficares viuva e tornares a casar, aconselho-te, no caso de te não dares bem com o teu segundo marido, que lhe recommendes uma viagem ao meio-dia da Eu-

ropa. Vês-te livre d'elle n'um instante; e, se acaso escapar, ha de voltar muito menos crú.

Estamos, como já has de saber pelo *Diario de Noticias* que recebemos ahi pelo correio de Arckhangel, n'uma provincia de Hespanha, chamada Portugal. A capital é Lisboa, cidade que a todos nos tem espantado pela originalidade dos seus habitos, em que a contradicção predomina de um modo verdadeiramente notavel.

Para demonstrar a minha asserção, começarei por passar em revista a nomenclatura de varias ruas d'esta capital.

Uma d'essas ruas chama-se da *Boa Vista*, e não tem nenhuma. Em todos os sitios publicos da cidade abunda um animal chamado *gato*, inimigo figadal de outro animal chamado *rato*, ao qual sempre persegue. Pois onde os *gatos* menos apparecem é n'uma encruzilhada espaçosa chamada largo do *Rato!* Os portuguezes gostam muito de verdura, e chegam a comel-a crúa, com o nome de *salada*; ha muitas ruas com o nome de arvores, taes como *Carvalho*, *Figueira*, *Palmeira*, *Parreiras*, mas o que menos se encontra n'essas ruas são justamente as arvores de que tomaram a denominação. Na rua das *Adellas*, não ha uma unica! Na rua da *Saudade* tenho visto muita gente alegre, e na praça da *Alegria* já vi chorar uma mulher. Na rua do *Sol* ha sombra, e na rua da *Atalaia* toda a gente dorme a bom dormir ás duas horas da noite. A rua da *Bitesga* é larga, e a rua *Formosa* é feia!

O portuguez gosta muito de estar sentado, e tem um culto especial pela *cadeira*. Toda a gente pensa em possuir uma, seja de professor, de deputado, de par do reino, de conego ou de theatro. Nas egrejas ha *cadeiras* sagradas, que vão para casa das mulheres quando se sentem acommettidas pelas dôres do parto. Pois não obstante esta inclinação nanatural dos portuguezes pela vida sedentaria, consagram de vez em quando um dia do anno a *corri-*

te, minha amiga, isto é o paiz das contradicções.

Ha aqui uma classe numerosissima chamada *empregados publicos*. São elles que fazem mover o carro da administração publica, especie de trenó, que tem uma roda partida, e por isso anda tombado. De modo que os empregados publicos correspondem ás nossas rennas. O musgo de que elles se alimentam chama-se *ordenado*, e é-lhes ministrado em rações mensaes, que elles devoram com sofreguidão n'um momento. Depois ficam a olhar com os seus olhos castanhos — quasi todos os empregados publicos têm olhos castanhos — cheios de uma doce limpidez melancholica para a grande arca, que contém o musgo do estado, e se chama *thesouro*. Assim ficam um mez, á espera que seja distribuida nova ração de musgo. Alguns perdem entretanto a paciencia, desesperam-se, e espetam-se n'um instrumento dilacerante, chamado *prego*. Esses dão á casca, cobertos de *juros* (traduz por feridas de mau caracter).

Ao contrario de nós, que gostamos de beber aguardente, os portuguezes de Hespanha gostam de beber agua fria. A fim de que ella lhes não faltasse, canalisaram um rio, chamado *Alviella*, para a capital. Mas, apezar d'isso, poupam a agua o mais que podem; com medo que lhes venha a faltar, bebem-n'a por conta, para o que têm um registro nas suas proprias casas.

No verão comem gelo; se elles se apanhassem na nossa terra, eram capazes de devorar uma avalanche. De gorduras, gostam tanto como nós. De resto, comem tudo, até palha, o caso é saber-lh'a dar. Se elles até o dizem n'um proverbio!

No inverno, as mulheres andam vestidas de pelles. Afóra a mania de estar sentados, os portuguezes parecem-se muito comnosco nos seus habitos. Assim como o czar da Russia nos tira a pelle todos os annos, com desagrado nosso, assim o estado lança tributos aos portuguezes, e os partidos

avançados chamam a isto *tirar a pelle*. Acho que é a mesma coisa — pouco mais ou menos.

Os nossos cães da Siberia são aqui substituidos por uma grande variedade de cães (traduz por *calotes* ou *caurins)* que ladram constantemente á porta dos credores. Antigamente, para se verem livres d'elles, mettiam os *cães* na cadeia, mas como a cadeia fosse pequena para tamanha canzoada, deixam-n'os andar em liberdade. Até eu já fui mordido por um, que me pregou uma boa dentada na algibeira.

Grande numero de portuguezes sabe lêr, mas a tradição secular do paiz só permitte que se leia pela manhã ou á noite. E' por isso que os jornaes são matutinos e nocturnos; ao meio dia não sae nenhum jornal, porque ninguem o leria. Só o jornal official, chamado *Diario do Governo*, sae a essa hora, justamente para que ninguem o leia.

Os portuguezes dão-se muito á bisbilhotice, gostam immensamente de saber as vidas alheias. Ha um edificio, chamado *Parlamento*, onde n'uma dada epoca do anno se reunem alguns homens unicamente com o fim de saber o que os ministros fazem e têm feito. Então ahi, segundo sou informado, chovem as perguntas: Porque fez isto? Porque deixou de fazer aquillo? Ha tambem um livro chamado *Orçamento*, que é um cumulo de bisbilhotice, porque o seu fim é dar a saber quanto o governo póde e deve gastar. Além d'isto, ha um tribunal chamado *de contas* para metter o nariz nas despezas do estado. Os jornaes até dizem quando uma pessoa faz annos, e ninguem póde dar um passo, d'uma terra para outra, sem ir ás gazetas. Ha uma instituição, chamada *policia*, que leva a sua curiosidade até ao ponto de saber os crimes que se commettem. Não te admirarás, pois, de que, logo que nós chegámos, não se fallasse de outra coisa senão dos samoyedes.

O estado tem uma constituição politica chamada *Carta*, á qual já se accrescentou ha annos um *post-*

scriptum. Agora, segundo parece, vão virar folha, e acrescentar um *post post-scriptum* ao *post-scriptum.*

Não te deves esquecer de que Portugal é um paiz de contradicções, e por isso facilmente acreditarás que, n'este paiz, quem quer vingar-se de um homem, matando-o á fóme, não pensa senão em eleval-o ás maiores honras sociaes, isto é, em fazel-o ministro de estado effectivo. Mas, como Portugal será sempre por excellencia a terra das contradicções, toda a gente pensa em ser ministro de estado. E' curioso, mas é exacto.

No verão principalmente, grande numero de habitantes da capital morrem assados pela ardencia do clima. Ha só um meio de escapar á morte. Quando o corpo começa a acerejar, prega-se immediatamente com o doente dentro do mar, e é a unica coisa com que estes desgraçados povos experimentam algum allivio. Esta fatalidade climaterica levou os portuguezes a incluirem na sua religião o mytho da morte por abrazamento na pessoa de S. Lourenço, que era de Lisboa, e morreu assado n'um verão, por não poder tomar banhos do mar. No mytho, o rigor do clima é representado por umas grelhas. Durante a estação calmosa, os portuguezes cobrem-se com uma especie de *yourtes* portateis, e é tanto o seu medo pelo calor que até imaginam que Deus se incommoda com elle, e por isso abrigam a sua imagem com uma especie de parasol chamada *pallio.*

Quando um bispo qualquer toma posse da sua nova diocese, é costume recebel-o debaixo d'esse mesmo parasol chamado *pallio*, que tambem varias vezes abriga o rei. Este acto praticado com os bispos significa os votos dos seus diocesanos para que elle, durante o seu episcopado, não experimente ardencia de nenhuma especie. Quanto ao chefe do estado, é para que o sol abrazador lhe não derreta as pedras preciosas da corôa.

Ainda durante a estação calmosa homens e mulheres refrescam-se com os *leques*, especie de barbatanas de peixe com que agitam o ar de encontro ao peito. O *leque* produz nas mulheres um effeito singular: se por um lado lhes mitiga a calma, por outro lado decompõe-lhes a epiderme, esfarinhando-a n'um pó fino e branco, muito similhante ao pó de arroz. Mas é tal o calor, que ellas, as pobres portuguezas, não duvidam esfarinhar-se, só para o não soffrerem.

O portuguez de Hespanha falla muito, falla sempre, falla mesmo só. Pelas ruas da capital vêem-se ás vezes homens e mulheres, carregados de fardos, e, não obstante o pezo da carga, vão gritando, berrando comsigo mesmos, para ver se apparece alguem pelas janellas que lhes venha fallar. Na lingua do paiz chama-se a estes monologos —*pregões*.

A bisbilhotice exercida para com os ministros no *Parlamento* é de tal modo, fazem-se tantos e tão longos discursos para saber o que os ministros fizeram ou pensam fazer, que, n'um periodo de meio seculo, esses discursos constituem só por si uma livraria, e occupam uma das maiores casas do edificio. Todos os annos esta livraria vae crescendo a tal ponto que, decorrido talvez outro meio seculo, já não haveria onde guardar mais discursos, se não se providenciasse desde já deitando meia cidade abaixo para construir todo um bairro de estantes.

Este povo é muito bem educado, e tem para seu uso um vocabulario de amabilidades tão doces como torrões de assucar. Os jornaes republicanos chamam todos os dias ao rei *cherubim*, *seraphim*, *anjo*, *archanjo* (divindades celestes) e os jornaes de opposição ao governo não tratam os ministros senão por *minha flor*, *meu bem*, *minha joia*, *meu thesouro*. A's vezes no *Parlamento*, segundo me informou um indigena, as perguntas, posto que frequentes e repetidas, são adoçadas com tal amabilidade de

phrase, que os ministros, depois de terem respondido, ainda ficam a lamber os beiços. Ahi vae uma pequena amostra de assucarilho parlamentar:

— Ides, ó terna flor, dizer-me com a doce fragrancia que caracterisa a vossa eloquencia, qual o motivo por que deixastes penetrar na colmea do orçamento, a fim de se banquetear com o mel do estado, fulano de tal, que pela vossa dulcissima pasta foi despachado para a alfandega de consumo. Se vos apraz, minha joia, respondei me, fazei roçar a musica da vossa palavra pelos meus ouvidos anciosos de tão divina solfa.

E o ministro responde:

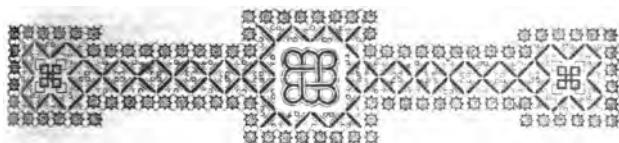
—Sim, meu bem, acudirei prompto ao vosso chamamento, como a abelha procura a flor que a enamora, e a borboleta a chamma que a fascina. Possa a minha palavra levar á vossa alma um ecco longinquo da minha admiração pelo vosso talento e do meu profundo respeito pelo vosso caracter angelico.

E' impossivel, como vês, ser-se mais delicado, mais assucar, mais marmelada, mais toicinho do ceu. Este é o comer dos politicos cá da terra; d'outra coisa não gostam, nem gastam.

Por hoje não estou para mais.

Lembra-te de mim, e sobretudo não me atraiçôes no polo. Pela minha fidelidade não receies, visto que eu sou um homem do paiz dos gelos.

Teu marido que muito te ama

Fulano.

XVIII

A escada

Ante hontem, 13 de julho, fui procurar o meu velho amigo Agnello.

Encontrei á porta um landau e um breack, parados e vazios.

— Diabo! se o Agnello vai sahir!

Mas reflecti:

—Não pode ser elle. A familia do Agnello é pequena.

Logo que entrei na escada, ouvi grande ruido de vozes e passos.

Era uma familia que descia.

Á frente, um rapazote vestido á maruja, com um arco de madeira enfiado no braço direito. Mais atraz duas meninas, uma das quaes levava ao collo uma boneca.

Depois, uma interessante lourinha dos seus dezoito annos, vestida de claro, com uma *raquette* na mão.

Mais atraz, no primeiro patamar, encontrei uma senhora nutrida, que n'essa mesma occasião dizia gritando:

— Ó Piedade! levas a boneca?

E do fundo da escada uma voz infantil respondia-lhe:

— Sim, titi.

No segundo patamar, encontrei ainda um grupo de quatro pessoas: um sujeito cuja cara não me era inteiramente desconhecida, e que estava fechando a porta; uma senhora que, junto a uma criada, olhava para dentro de um sacco; outra criada que conduzia o poleiro de um papagaio.

Subi ao terceiro andar, e antes de puxar pelo cordão da campainha, parei um momento obedecendo a um involuntario impulso de curiosidade.

O que iria dentro d'aquelle sacco?

Respondeu-me um gato, que n'esse momento miou em surdina, como Rocambole gritava quando, tambem dentro de um sacco, o atiraram ao Sena.

— É um Jardim Zoologico que vae para o campo, disse eu satisfazendo a minha propria curiosidade.

E bati á porta do Agnello.

Elle estava em casa. Entrei. Conversámos.

— Encontrei na escada a gente cá de baixo, que vai para o campo.

— Têm uma quinta em Palma. Mas o Tertuliano, que é empregado na alfandega, vem todos os dias a Lisboa. Tu conhecel-o?

— Pareceu-me que sim.

— Olha que é um elegante!

— Não reparei.

— A quinta representa para elle uma grande maçada, porque só lá pode estar de noite. Mas gosta immenso de se maçar no caminho de Palma, para ter o direito de usar polainas brancas em Lisboa.

— Como assim?

— É porque diz na Alfandega e na Baixa, onde apparece todos os dias: «Estou no campo. Quer alguma coisa para o campo? O campo está delicioso!» E as polainas brancas servem para o convencer de que, achando-se na Alfandega ou na Baixa, está effectivamente no campo.

— Ah! As polainas servem-lhe ao menos para isso. Mas para que servirá á filha, em Palma, a *raquette* que elle levava?

— Para se convencer, como o pae, de que tambem vae fazer, elegantemente, *son séjour à la campagne.* Mas eu desconfio que, em Palma, a *raquette* serve algumas vezes de abano.

Como esta familia, todas as outras vão agora descendo a escada, na pressa de emigrar para o campo.

Encontra-se mais gente na escada, descendo, do que na rua, passeiando.

Dentro de poucos dias, cada escada de Lisboa será um franco monturo, pela ausencia dos inquilinos de cada predio. Os gatos vadios irão dormir, em plena liberdade, a somneca do meio-dia nos patamares solitarios. Os transeuntes encalmados depositarão na sombra de um portal, sem receio de que os surprehendam, uma secreção incommoda. A escada, que é em Lisboa um ramal da rua, ficará completamente encharcada de immundicies, não combatidas pela agua e pela vassoira; — cheirará, portanto, muito peior do que a rua.

Uma das coisas que mais horrorisam os provincianos, quando visitam a capital, é a falta de aceio nas escadas, que pertencem a todos os inquilinos do predio, e que por isso mesmo não pertencem a nenhum.

Na provincia, cada familia occupa um predio, de modo que a escada, sob a immediata fiscalisação e responsabilidade de uma só familia, conserva-se limpa e fechada.

No Porto, são muitos os portaes defendidos por uma cancellinha verde. Dispõe excellentemente o facto de encontrar lavados os degraus e os patamares: é um prologo que promette aceio no *ménage*.

Quando ás vezes subo uma escada immunda de Lisboa, occorre-me quasi sempre perguntar a mim mesmo: «N'este predio não morará uma mulher que tenha um amante? uma menina que tenha um namorado?»

Porque, em verdade, custa a crêr como um homem, que vae disposto a fazer amor, não fica desagradavelmente perturbado quando trepa por uma escada cheia de folhas de alface, de papeis amarellos, de monelhas de cabello, cheirando a urina de gato!

Parece impossivel que o coração não rebente, estoirando como uma bomba, quando uma pessoa tem de atabafar o nariz com um lenço durante quatro ou cinco lanços de escada.

Ha uma horrivel antinomia entre uma mulher que cheira bem e uma escada que cheira mal.

Emquanto o amor faz soar a campainha de uma porta, o coração e o nariz, solidarios na mesma urgencia de momento, supplicam á inquilina que se não demore muito em abrir.

O nariz, entrando na sala, exclamaria se pudesse:

— Safa! que pitada!

E o coração, encantado com a presença da linda dama, tambem exclamaria, se tivesse voz:

— Tu, Ricardina, és como uma talhadinha de queijo *Brie:* sabes bem; mas o cheiro da escada é terrivel!

E ella, com a resposta na ponta da lingua, como todas as lisboetas, dar-se-ía pressa em responder:

— Que importa a escada, que é um prologo ephemero, se eu, que sou um livro de muitas folhas, estou cheirando a opoponax?

Era ainda o caso de lhe responder:

— O teu perfume é suspeito, porque lá diz Marcial: *Non bene olet, qui bene semper olet.* Não cheira bem, quem cheira sempre bem. Tu, Ricardina, perfumas-te para suffocar o cheiro a frituras que vem da tua cozinha, o cheiro a gatos que vem da tua escada. O aroma que eu desejava encontrar n'este momento não é o que se vende nas perfumarias, mas o que resulta de uma casa lavada, limpa, de uma roupa arejada, de um soalho claro, de uma escada varrida, de uns moveis bem espanados. Para chegar cá acima tive de me amparar trez vezes ao corrimão para não cair estonteado pelo cheiro a immundicies pôdres.

— São as visinhas, filho, que deixam ficar os barris do lixo atraz da porta de um dia para o outro.

Ah! como é horroroso ter de discutir os barris do lixo quando se quer fallar de amor!

Mas o melhor da passagem, como se diz no solau, é que as outras inquilinas do predio estão, decerto, dizendo n'essa mesma occasião ás suas visitas:

— Credo! esta escada sempre cheira! Havia de sentir? E' uma tal Ricardina, que móra no terceiro andar, e que nunca manda pôr o barril do lixo a tempo de passar a carroça!

O novo bairro da Avenida introduziu um grande progresso no aceio das escadas. Ha vinte annos, apenas os *hoteis* e os palacios de Lisboa tinham guarda-portão. Hoje os novos predios d'aquelle bairro têm plantas e passadeiras na escada, confiada á vigilancia de um porteiro.

Alguns outros bairros novos, e até alguns antigos, copiaram, por espirito de imitação, este bom costume, que aliás tem seus contras.

O porteiro é uma testemunha quasi sempre prompta a depôr contra os inquilinos do predio. Sabem pelos criados o que se passa em todos os andares, o que é mau, e dizem ainda mais do que se passa, o que é peior.

Mas tudo isso se perdôa pelo gosto que dá o subir uma escada por cima de um tapete e por entre vasos de flôres.

O porteiro avisa para cima pelo porta-voz, de modo que uma pessoa não tem que demorar-se muito tempo á espera no patamar. O inquilino procurado teve tempo bastante para receber ou para negar-se.

Não se estranha que um carteiro vá entregar uma carta de namoro n'uma escada da rua Barata Salgueiro ou da rua Castilho.

A epistola amorosa sóbe dignamente por entre duas alas de plantas ornamentaes, — archeiros de casaca verde e de alabarda florida.

Passa Sua Magestade o Rei Amor, solemnemente.

E as plantas parecem dizer-lhe curvando-se sobre os vasos, apresentando as alabardas:

— Real Senhor! Real Senhor!

Essa marcha triumphal de um *enveloppe* com *sachet* absolve a bisbilhotice do guarda-portão, que fica dizendo ao collega do predio contiguo:

— E' a carta do costume para a menina do segundo andar.

Nas escadas da Baixa, que são talvez as mais immundas de Lisboa, a carta de amor passa sem testemunhas, mas chega ao seu destino a pedir desinfectantes e lazareto. Se levava aroma, perdeu-o na escada. Parece, quando chega a ser recebida, uma carta que partiu do mesmo predio. Cheira a visinhos, por mais de longe que venha.

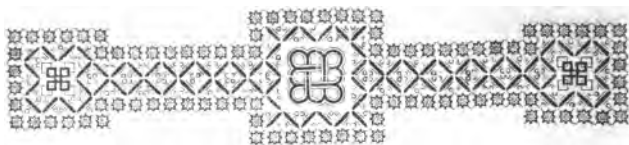
O lisboeta gosta de emigrar para o campo, porque o campo não tem nenhuma das pragas de Lisboa: os gatos, a escada, os saguões, os barris do lixo.

Apesar de ir todos os annos para o campo, o campo sabe-lhe sempre a novidade. Cheira-lhe bem. Tem luz e agua — sem contador. E o ar que vem das serras é muito mais agradavel de respirar, do

que a baforada que vem da escada suja, quando se abre a porta de casa.

Por tudo isto, é com alegria, quasi com enthusiasmo, que a maior parte das familias de Lisboa vae agora descendo a escada em partida para o campo.

Os gatos da visinhança dizem-lhes adeus, ironicamente, com o rabo, porque vão ficar senhores da situação.

E, passado o fim do mez, Lisboa, a cidade de marmore e granito, não será mais do que uma escada abandonada, onde, por sua vez, os poucos habitantes que têm de ficar na capital, poderão ir abandonar o que muito bem lhes parecer.

XIX

A manga de alpaca

Esta semana, como nas anteriores, fallou-se em trabalhos preparatorios de uma remodelação do quadro dos empregados publicos.

Mas, por melhor que seja a reorganisação que vae effectuar-se, eu tenho, desde alguns annos, a opinião de que a principal reforma a realisar depende dos proprios empregados publicos unicamente.

Apesar da *charge* de Garrett aos funccionarios do estado, que na sua opinião vieram substituir os frades, e de outras *charges* que de vez em quando têm apparecido na imprensa e na litteratura, quer-me parecer que os empregados publicos são menos prejudiciaes pelo numero do que pela qualidade.

Antigamente, quando ainda não estava em moda

a palavra «burocrata», ir para a repartição importava a ideia de trabalho quotidiano, como ir para a fabrica.

A manga de alpaca não era apenas um processo de economia para quem tinha de passar umas poucas de horas roçando o antebraço sobre o oleado de uma banca: representava, principalmente, um symbolo.

Todo o empregado tinha a «manga» guardada n'um armario da repartição, como o operario tinha a blusa pendurada n'um cabide da officina.

E um e outro, depois que enfiavam a manga ou a blusa, tomavam a serio o trabalho, porque, na boa fé dos costumes antigos, ninguem ousava mascarar-se fóra da epoca do carnaval.

Mas começou a generalisar-se a palavra «burocrata», que a todos pareceu mais fidalga do que a denominação modesta de «empregado de repartição», e talvez para harmonisar a profissão com a palavra, os funccionarios do estado principiaram a despresar a manga de alpaca, o que valia tanto como sophismar o dever de trabalhar quotidianamente, porque não eram elles tão tolos que quizessem estragar, em vez da manga postiça, a manga da sobrecasaca.

Eu ainda cheguei a conhecer alguns d'esses venerandos exemplares do funccionalismo antigo, que no dia em que recebiam o despacho iam comprar a um mercador um covado de alpaca para mandar fazer a manga.

E assim como a batina velha e rôta era em Coimbra um titulo de gloria para o estudante, porque denunciava que já deixára ha muito de ser caloiro, a manga de alpaca, quanto mais desbotada e gasta, tanto mais nobilitava o empregado publico, porque dava a conhecer que elle possuia a pratica, experiencia e credito que resultam de um longo tirocinio.

Esses antigos empregados não precisavam livro

de ponto para serem pontuaes. Entravam e saíam á hora regulamentar. E desde que entravam até que saíam faziam ranger a penna de pato sobre o papel dos officios com a regularidade de movimentos de um pendulo de relogio ou dos alcatruzes de uma nora.

Apenas se interrompiam para tomar o seu *lunch*, que traziam de casa, e para accender sobre o *lunch* o charutinho de vintem, de que apenas queimavam metade, guardando o resto para a hora da saída.

Todos elles — circumstancia curiosa ! — tinham calligraphia magnifica, porque o trabalho pausado lhes permittia maior correcção no desenho das lettras. E, ainda segundo a boa fé dos costumes antigos, entendiam que o estado lhes pagava para que escrevessem o melhor possivel, visto que ninguem está disposto a comprar uma coisa que não seja boa.

Pois estes venerandos funccionarios foram chamados ironicamente—bêstas de carga—pelos novos collegas que appareceram na repartição sem a bagagem da manga de alpaca e do *lunch*, porque desde logo fizeram tenção de escrever pouco e de ir *lunchar* fóra.

Perdeu-se n'essa hora o habito da velha economia para todos e para tudo: o estado começou a perder o trabalho regular dos seus antigos servidores; os funccionarios publicos, para encher o tempo, principiaram a perder o amor ao dinheiro que se propunham gastar n'uma refeição mais dispendiosa do que aquella que poderiam trazer de casa.

Por alguns annos todos nós assistimos á guerra burocratica entre os novos e os velhos funccionarios, que se tinham encontrado a bordo da nau do estado havendo partido aliás de regiões onde os costumes eram muito differentes.

Os novos troçaram dos velhos, das «bêstas de carga», que lhes pareciam atrellados á burocracia como o cavallo á carroça. E os chefes de serviço,

reconhecendo que os novos não trabalhavam, apenas davam que fazer aos velhos, o que mais atiçava a guerra entre uns e outros.

De uma vez, aconteceu em certa secretaria de estado que um dos velhos, quasi ao bater a hora da saída, foi encarregado de um trabalho muito urgente e longo.

Riram-se os novos vendo o collega afflicto a limpar os oculos e a suar em camarinhas.

E o velho, irritado com a troça dos novos, começou a sentir-se nervoso, atarantado, coisa que jámais lhe tinha acontecido deante de trabalhos de maior responsabilidade e folego.

Mas, escravo paciente da manga de alpaca e da penna de pato, metteu mãos á obra, começou a desenhar bellas lettras ornamentaes emquanto os novatos sorriam piscando os olhos uns aos outros.

Ao virar a primeira folha da copia, o velho funccionario enganou-se e despejou o tinteiro, em vez do arieiro, sobre o papel que já tinha enchido com a sua linda calligraphia muito decorativa.

—Valha-me Deus! exclamou o pobre homem lastimando-se.

Os rapazes riram-se.

Então, cada vez mais indignado, o velho funccionario disse dirigindo-se a um dos novos collegas:

—De que se ri o senhor? Nunca lhe aconteceu um engano d'estes?!

E o rapazelho respondeu de prompto:

—Não, senhor!

—Gabe-se, cêsta rota! Então nunca lhe aconteceu despejar tinta sobre o papel em vez de areia?

—Não, senhor. Porque eu nunca preciso deitar areia sobre o papel.

—Ora essa! Então o que é que faz?

—Dou tempo á tinta para seccar á sua vontade...

Entre os dois funccionarios publicos, um velho e outro novo, estava aberto um abysmo, representa-

do pela manga de alpaca, que um usava sempre, e o outro não ousava nunca.

E desde que isto foi assim, os papeis começaram a encalhar nas repartições publicas, sendo preciso empregar o forceps, como n'um parto difficil, para os arrancar de lá...

Um dos empregados modernos entrava na secretaria e pendurava o chapeu n'um cabide bem alto e bem visivel.

Quando succedia o chefe mandal-o chamar, o continuo, encarregado d'essa missão, ia levar a resposta de que o senhor amanuense Fulano estava dentro do edificio, porque tinha o chapeu no cabide, mas não estava na sua carteira.

— Queira v. ex.ª esperar um pouco, dizia o continuo ao chefe, porque o sr. Fulano não saiu, e eu deixei recado na repartição.

Mas passavam as horas, e o amanuense não voltava.

Tantas vezes se repetiu este caso, que principiou a desconfiar-se de qualquer grande marosca.

Finalmente, descobriu-se que o amanuense pendurava no cabide o chapeu que levava de casa, mas occultava no armario da repartição outro chapeu, que lhe servia para safar-se á formiga.

Não podendo dar homem por si, arranjava as coisas de modo que dava ao serviço publico... o chapeu.

A designação de *amanuenses* vem ainda do tempo em que os empregados de repartição escreviam, e em que a manga de alpaca, além de ser um objecto necessario, era principalmente um symbolo.

Mas hoje essa designação é obsoleta, e precisa ser substituida. Em vez de amanuenses, que já não são, deveria talvez dizer-se «pontuenses», porque a maioria dos funccionarios actuaes não vai á repartição — vai ao ponto.

Conta se de um, que costumando tomar café ao almoço, disse um bello dia á mulher que d'ali em deante antes queria chá preto.

— Ora essa! mas tu gostavas tanto de café!

— Então! Mudei agora.

— Porque? Sentes-te doente? Passas mal do estomago?

— Não é nada d'isso, filha.

— Mas essa resolução intriga-me!

— E' cá uma coisa.

— Conta tudo á tua Lulú. Dize porque é...

Elle riu-se. E ella, muito pallida, com os olhos fitos, esperava, nervosa, a revelação tremenda.

— E' porque — resolveu-se elle a dizer — o café tira-me o somno na repartição.

Bons tempos! honrados tempos da manga de alpaca! se vós podesseis voltar, serieis a melhor de todas as reformas dos serviços publicos — talvez a unica efficaz.

XX

O luar

Houve esta semana um tão lindo luar, que eu julgo interpretar os sentimentos dos lisboetas, reconhecidos, enviando duas palavras de agradecimento á lua cheia.

Não confio muito na segurança do correio, mas estou convencido de que, independentemente do serviço postal, o meu pensamento poderá subir até á lua pelo mesmo caminho que segue o luar para descer á terra: o azul infindo.

Presumem os namorados que só elles logram communicar espiritualmente com a lua, e que é ella que, por gratidão, lhes proporciona a doçura ineffavel do primeiro mez do casamento.

Completo engano! a lua é de mel para toda a gente em noites de plenilunio; parece derramar sobre a terra uma doce idealidade que invade todos

os espiritos, e os baloiça languidamente n'uma rêde tecida de fios de oiro e azul, suspensa do céu.

Os montes e os rios, os campos desertos, as planicies solitarias, as arvores silenciosas e as ondas do mar revestem uma estranha expressão de suavidade intelligente, quando a lua cheia deixa cair sobre a terra as gottas doiradas do seu eterno mel luminoso e macio.

As ondas do mar, principalmente, parecem recordar poemas extinctos, de felicidades perdidas, que ellas vêm contar á praia em estrophes fugitivas e harmoniosas.

Por isso aquelle mallogrado poeta Guilherme Braga disse algum dia:

> ... As ondas á noite andam cheias
> De perfumes e sons e luar.

Pois não é verdade que toda a paizagem mergulhada no luar, seja montanha ou campina, cidade ou aldeia, parece prestar-nos ouvidos como um confidente que se debruça, attento, para escutar-nos interessadamente os mais reconditos pensamentos, que guardamos na alma como um avaro o seu thesouro?

Pois não é verdade que o luar nos inspira tanta confiança que lhe dizemos coisas inconfessaveis, segredos intimos, mysterios da nossa vida, que jámais ninguem ouviu nem suspeitou?

Quem é que não disse alguma vez á lua cheia confidencias que teria reluctancia em dizer ao sol?

O namorado: «Como eu amei aquella mulher!»

O agiota: «Que bello negocio! ganhei d'essa vez noventa por cento!»

O deputado: «Ouves, ó lua! eu quero ser ministro, sem fazer questão de pasta.»

A criada de servir: «O 92 da 4.ª arrasta-me a aza; mas de quem eu gosto é do 86 da 2.ª»

O poeta: «Sabes? Se chego a publicar o meu poema, derrubo Camões.»

...es, ó lua cheia! que este
muito.»
...um véu branco... ainda que

...para a semana vou pôr mais qua-

...ente: «Se chego a ser amanuense, pra-
...de justiça: hei de pagar ao alfaiate.»
...o luar escuta, do alto de uma arvore ou do
...uma flôr, sem que ninguem se arreceie de
...inconfidencia: é um poço sem fundo, ao qual
entregamos tranquillamente o segredo dos nossos
pensamentos, que a ninguem mais revelariamos.
D'ahi vem, talvez, a confiança com que desde
pequenos nos collocam sob a protecção da lua, dizendo-lhe:

> Luar, luar,
> Toma o teu ar,
> Deixa os meninos
> Crescer, medrar.

E' ella que, mantendo o caracter de protectora do nosso destino e de confidente dos nossos segredos, recebe os memoriaes, que não teriamos a coragem de entregar a um ministro ou a um agiota:

> O' lua nova!
> Tu bem me vês:
> Dá-me dinheiro
> P'ra todo o mez.

O sol é bisbilhoteiro. O povo chama-lhe *caixa de oiro*, talvez porque dá nas vistas de toda a gente. Mas a lua é a confidente discreta, a *fechadura* que defende o cofre dos mysterios:

> O sol é a caixa de oiro,
> A lua é a fechadura;
> As estrellas são a chave
> Da minha pouca ventura.

ıs estrellas, por serem as damas de honor
›renderam d'ella a guardar segredos: uma
› perdel-as ia.

As estrellas são a chave
Da minha pouca ventura.

E quem sabe se as estrellas cadentes não virão expulsas do céu, por a lua as ter surpreendido a revelar alguma confidencia que ellas interceptaram no azul?

Na consciencia do povo está a convicção plena de que a lua, tão meiga para todos, e ainda hoje tão bella apesar de mascarrada, algum dia teria sido mais formosa do que o sol.

Foi talvez na origem do mundo. A lua, mirando o sol, teve a imprudencia de dizer-lhe:

— Sou bem mais bonita do que tu!

O sol irritou-se, pegou n'uma porção de cinza e atirou lh'a á cara.

Desde então a lua ficou turva e seria desde então, tambem, que aprendeu a ser calada.

Se alguma vez sentisse tentações de tornar a dar com a lingua nos dentes, bastar-lhe-ia vêr-se retratada nos mares ou nos rios, para lembrar-se do caso da cinza e fechar a bocca.

O lisboeta, que vive muito á noite, ama a lua cheia mais que todos os portuguezes, e encanta-se de vêr a sua linda cidade mergulhada n'um banho de luar que a torna deliciosamente phantastica, dando a impressão de ser o primeiro emporio do mundo.

Foi certamente ao recolher a casa, n'uma noite de lua cheia, que Luiz de Camões escreveu estes dois versos:

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princeza.

O sol põe a descoberto as velhas mazellas de Lisboa: alfurjas mouriscas ainda de pé, boqueirões

escuros, paredes desalinhadas, pardieiros rotos, arcos de muralha negra.

Mas a lua, cobrindo com um sendal delicado as miserias da capital, deixa apenas vêr os contornos grandiosos da cidade, os sete montes que a recortam, os valles embutidos entre os montes, escalões de predios empastando bairros populosos, clareiras de ruas, jardins recortados no declive, almoínhas distantes, torres alvadias, chalets alcandorados, edificios nobres e, mais que tudo, o soberbo estuario do Tejo, que n'uma noite de luar parece um mar adormecido em oiro.

E' deslumbrante o espectaculo da cidade ao clarão da lua.

Floriam-me os annos da mocidade quando li nos *Suspiros poeticos* do dr. Magalhães, poeta brazileiro, essa admiravel composição que celebra as ruinas da Roma antiga contempladas ao luar.

Estremeci de grandeza, deante d'essa cidade monumental, tão felizmente evocada pela inspiração de um poeta.

Mas, como aconteceu esta semana, creio que Lisboa nada tem que invejar á Roma dos cézares quando o estrangeiro, n'uma noite de lua, a puder contemplar da muralha de S. Pedro de Alcantara, correndo os olhos desde o Tejo, por cima da vertente oriental, até aos longes de Campolide.

E comtudo é apenas meio livro aberto.

Se do alto da Graça ou, melhor ainda, do adro da egreja do Monte, quizer contemplar o panorama occidental da cidade, completará a fascinação que Lisboa, envôlta n'um luar sereno e claro, ha de deixar para sempre no seu espirito encantado.

Então cuidará ouvir, como o ribombo de um trovão formidavel, a voz de bronze de Herculano a troar-lhe aos ouvidos: «Lisboa, cidade de marmore e de granito, rainha do oceano, tu és a mais formosa entre as cidades do mundo.»

Façam favor, nacionaes e estrangeiros, tendo

contemplado Lisboa ao luar, de atirar pela janella fóra as paizagensinhas bucolicas das povoações serranas, com um campanario de palmo e meio, um riacho de vidro, umas arvores de froque verde e umas eiras brancas de cartão.

E' certo que o luar tem em toda a parte a mesma expressão de vago encanto, mas nem por isso deixa de ser como os diamantes, que parece terem sido destinados pela natureza para o collo alabastrino das princezas bellas.

E Lisboa, ao luar, é bem a rainha do Tejo em *toilette* de baile.

FIM

INDICE

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

[illegible]rtugal e no estrangeiro, *1 vol. br. 800 rs. enc.,* [illegible]

[illegible]undo fóra, *1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.*
[illegible]e viver na sociedade, *1 vol. br. 1$000 rs., enc.* [illegible]

[illegible]ras d'um polaco, *2 vol br. 400 rs., enc. 600 rs*
[illegible]aphael, traducção de Lamartine, *1 vol. ed de luxo enc. rs. 3$200.*

J. N. RAPOSO BOTELHO

Historia universal, 2.ª ed. consideravelmente augmentada, *1 vol. br. 1$000 rs., enc. 1$200 rs.*

GUERRA JUNQUEIRO

Contos para a infancia, 3.ª edição, *1 vol. br. 400 rs., cart. 500 rs., enc em percalina, propria para brindes, 600 rs.*
A musa em férias, *1 vol. br. 700 rs., enc. 950 rs.*
Morte de D. João, *1 vol. br. 800 rs., enc. 1$100 rs.*
Os simples, *1 vol. br. 700 rs., enc. 950 rs.*
Tragedia infantil, *folheto, 200 rs.*

PINTO DE CARVALHO (Tinop)

Lisboa d'outros tempos, 1.ª parte «Figuras e scenas antigas», 2.ª parte «Os caffés»; *preço de cada, br. 600 rs., enc. 800.*

P.e F. J. PATRICIO

Sermões, *2 vol., preço de cada br. 700 rs., enc. 1$000 rs.*

MAXIMILIANO D'AZEVEDO

Historias das Ilhas, *1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.*

OSCAR LEAL

Zélia, romance, *1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.*
Viagem a um paiz de selvagens, *1 vol. br. 600, enc. 800 rs.*

Dr. M. A. BOMBARDA

Lições sobre a epilepsia e os pseudo-epilepticos, *1 vol illust, br. 1$000 rs., enc. 1$300 rs.*
A consciencia e o livre arbitrio, estudos biologicos, *1 vol. illust. br. 1$000 rs, enc. 1$300 rs.*

ALBERTO PIMENTEL

Sangue azul, *1 vol. illust. br. 700 rs, enc 900 rs.*
Vida mundana d'um frade virtuoso, *1 vol br. 300 rs.*
Vinte annos de vida litteraria, *1 vol. br. 200, enc. 300 rs.*
Noites de Cintra, *1 vol. br. 200 rs., enc. 300 rs.*
As netas do Padre Eterno, *1 vol br. 200 rs., enc. 300 rs.*

ARNALDO GAMA

Um motim ha 100 annos, *1 vol. br. 800 rs., enc. 1$000 rs.*
A Ultima Dona de S. Nicolau, *1 vol. br. 700 rs, enc. 900 rs.*
O Segredo do Abbade, *1 vol. br. 600 rs., enc. 800 rs.*
O Balio de Leça, *1 vol. br. 500, enc. 700 rs.*

CAÏEL

Amor á antiga, *2 vol br. 400 rs., enc. 600 rs.*
Commentarios á vida, *1 vol br. 300 rs.*
Primeiras leituras, (para creanças), *1 vol. br. 400 rs., cart. 500 rs, enc. 600 rs.*
A's mães e ás filhas, *1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.*
A filha do João do Outeiro, *1 vol. br. 700 rs., enc. 900 rs.*
O tio Victorino, *1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.*
Revista branca, *1 vol. br. 500 rs, enc. 700 rs.*

SILVA PINTO

A queimar cartuchos, *1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.*
N'este valle de lagrimas, *1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.*
Philosophia de João Braz, *1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.*
O riso amarello, *1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.*
Santos portuguezes, *1 vol br. 500 rs, enc 700 rs.*
A torto e a direito, *1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.*

THOMAZ RIBEIRO

O Mensageiro de Fez, (poema), *1 vol. illust., br. 700 enc. 1$000 rs.*
A Rocha, *folheto, 200 rs.*
As novas conquistas, *folheto, 200 rs.*

TEIXEIRA DE QUEIROZ

Amores... Amores..., *1 vol. br. 600 rs., enc. 800 rs.*
Arvoredos, *1 vol. illust., br. 800 rs., enc. 1$100 rs.*
Morte de D. Agostinho, *1 vol. br. 600 rs., enc. 800 rs.*
Os noivos, *2 vol. br. 1$000 rs, enc. 1$400 rs.*
A nossa gente, *1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.*

J. Q. TRAVASSOS LOPES

Os contos da avósinha, 1.ª, 2.ª e 3.ª partes, illustradas, *preço de cada parte br. 160 rs., cart. 240 rs., enc. em percalina proprio para brindes ás creanças, 360 rs.*
Historias de animaes, 1.ª, 2.ª e 3.ª partes, illustradas, *preço de cada parte, br. 200 rs., cart. 280 rs., enc. em percalina, proprio para brindes ás creanças, 400 rs.*